



Universidade Federal do Piauí
CCN-Centro de Ciências da Natureza
Programa de Pós Graduação em Arqueologia
Campus Universitário Ministro Petrônio Portela

Marlene dos Santos Costa

**ENTRE HUMANOS E COISAS ESTÃO OS CERAMISTAS PRÉ-COLONIAIS DA
CHAPADA DO ARARIPE PIAUÍ**

Teresina-PI

2019

Universidade Federal do Piauí
CCN-Centro de Ciências da Natureza
PPGARq - Programa de Pós Graduação em Arqueologia

Marlene dos Santos Costa

**ENTRE HUMANOS E COISAS ESTÃO OS CERAMISTAS PRÉ-COLONIAIS DA
CHAPADA DO ARARIPE PIAUÍ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Centro de Ciências da Natureza da Universidade Federal do Piauí, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Arqueologia.

Orientador:

Prof. Dr. Ângelo Alves Corrêa

Teresina-PI

2019

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco

C837e Costa, Marlene dos Santos.
Entre humanos e coisas estão os ceramistas pré-coloniais da
Chapada do Araripe Piauí / Marlene dos Santos Costa. – 2019.
144 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade
Federal do Piauí, Teresina, 2019.
“Orientador: Prof. Dr. Ângelo Alves Corrêa”.

1. Arqueologia. 2. Tupi no Piauí. 3. Período Pré-colonial.
4. Vivências humanas. I. Título.

CDD 930.1



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA
Campus Universitário Ministro Petrônio Portella, Bairro Ininga, Teresina, Piauí, CEP 64049-550
Telefone: 3215-5723 - E-mail: pgara@ufpi.edu.br



"Entre Humanos e coisas estão os Ceramistas- Pré-coloniais da Chapada do Araripe Piauí"

Marlene dos Santos Costa

Dissertação aprovada pela Banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Ângelo Alves Corrêa
Universidade Federal do Piauí (UFPI)

Prof. Dr. Mauro Alexandre Farias Fonte
Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF)

Prof.ª Dr.ª Ana Luísa Meneses Lage do Nascimento
Universidade Federal do Piauí (UFPI)

Teresina, 22 de janeiro de 2019

DEDICATORIA

Dedico aos meus sobrinhos, o futuro...

AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa foi escrita em primeira pessoa, mesmo consciente que ciência não se faz sozinha, principalmente a arqueologia que por natureza é interdisciplinar, no entanto, a organização das ideias é de minha inteira responsabilidade, portanto, agradeço aos que contribuíram diretamente e indiretamente pela geração de tais ideias.

Agradeço a Deus, porque acredito que essa força sobrenatural que nos mantém em constante movimento vem dele, o “CARA” com todo respeito que nos guia em todas as circunstâncias. Portanto, obrigado Deus por ter me mantido consciente em cada uma das noites que tive insônia pensando em como desenvolver está dissertação.

Agradeço à CAPES pela bolsa concedida, porque sem a bolsa não haveria pesquisa, e sem a pesquisa não teria os próximos agradecimentos.

Gostaria de agradecer também a família, tanto a família sanguínea, quanto aquela que construí ao longo da vida e não me retirou das suas orações nesses últimos dois anos, a dona Maria e a Damara em São Raimundo Nonato - PI.

Aos amigos, que se mantiveram longe fisicamente, porém o Whatsapp nos permitia de vez enquanto dizer o quanto estávamos com saudades. Isso inclui o Ariclens Santos amigo de sempre, que veio a contribuir com a construção dos mapas.

Agradeço ao amigo Pe. Genivaldo Nascimento seu apoio foi essencial durante a seleção de mestrado.

Aos amigos que construí durante a caminhada do mestrado, Luzia Carvalho que nos conhecemos no mestrado e acompanhou todos os meus dilemas acadêmicos e pessoais. Rebeca Jade, Francisco Junior, Romulo Lacerda e Virginia Marques.

Aos amigos da UNIVASF, especialmente aos do Laboratório de Arqueologia Pré histórica, Mauro Farias que desde a graduação vem acompanhando minhas reflexões acadêmicas, e a Adriana sempre solicita quanto aos meus acessos ao acervo no laboratório.

Ao Leandro Surya por ter construído um laboratório experimental de fotografia técnica para arqueologia, especialmente na data em que fui fazer as minhas fotografias de análise de perfil cerâmico, muitíssimo obrigado!

Aos demais colegas da UNIVASF que juntos iniciamos as aventuras na chapada do Araripe, as vezes debaixo de sol, chuva e muita poeira nos olhos, e em seguida nos dedicamos ao laboratório, a Sarah Araújo, Aldemir Carvalho, Romulo Timóteo, Htangelo Neto, Marlos Lopes, Lucimar Santana, Sara Souza, Semirames Freire, Edwiges Araújo, Anderson Carvalho, Maharany Timóteo, e todos aqueles que contribuíram diretamente e indiretamente.

Aos professores do mestrado: Ana Luísa Meneses Lage, Conceição Lage, Flavio Callipo, Grégoire André, Maria do Amparo, em especial ao professor Ângelo Corrêa pela orientação.

Aos demais funcionários do Programa de pós graduação da UFPI em especial ao David Capucho, que sempre está disposto a resolver os problemas burocráticos.

Agradeço também a banca, presidida pelo professor orientador Dr^o Ângelo Alves Corrêa, com a participação do Professor membro externo Dr. Mauro Farias Fontes, membro interno, Dr^a Ana Luisa Meneses Lage do Nascimento, aos suplentes Dr^a Aline Gonçalves de Freitas e Dr^o Grégoire André Henri Marie Ghislain Van Havre.

RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo compreender como os grupos ceramistas Tupi no período pré-colonial se “estabeleceram e viveram” em regiões interioranas do Piauí. Para isso fiz uso do conjunto de coisas arqueológicas evidenciadas e resgatadas em sítios arqueológicos na Mesorregião Sudeste do Estado do Piauí. Concatenando dados arqueológicos, etnohistóricos, antropológicos e da história indígena de modo a auxiliar na identificação dos grupos humanos pré-coloniais especificamente na Chapada do Araripe no território piauiense, assim como esquematizar novas discussões. Percebendo estas “coisas” como mediadoras das relações humanas e agências diversas, humanas e não humanas, pretendeu-se dialogar com as relações e interações humanas a partir do conjunto de “coisas”, uma vez que, os artefatos são produções humanas, logo esses deixam de ser objetos por objetos para aqui serem tratados como as coisas essenciais para o estabelecimento e relações humanas, adotando o conceito das coisas proposto por Ingold (2012) e Miller (2013). Como metodologia para esse diálogo foram selecionadas “coisas” de três sítios arqueológicos do conjunto de 8 sítios, nos quais apresentam fragmentos de cerâmica policroma, perceptíveis para uma análise tecnológica e morfológica, baseada nos preceitos teóricos da Antropologia da Tecnologia proposta por Lemonier (1986, 1992). A partir da análise tecnológica e morfologia de alguns desses conjuntos de coisas foram feitas as reconstituições hipotéticas dos vasilhames cerâmicos verificando as tecnologias empregadas na confecção dos mesmos, assim como as técnicas de tratamento de superfície, percebendo similaridades e diferenças. O resultado possibilitou a construção de uma narrativa sobre as experiências humanas (cotidianas e ritualísticas), reafirmando os Tupi no Piauí, entendendo como as coisas interagiram enquanto expressões da materialidade de um estilo introduzido e compartilhado em uma história de longa duração por comunidades tradicionais, percebendo estes entrelaçados no processo de ensino aprendizagem, contribuindo para o estabelecimento dos indivíduos naquele território.

PALAVRAS CHAVE: Arqueologia; Tupi no Piauí; Período Pré-colonial; Vivências humanas.

ABSTRACT

The present dissertation aims to understand how ceramist groups in the pre-colonial period "settled and lived" in interior regions of Piauí. For this, we made use of the set of archaeological things evidenced and rescued in Archaeological Sites in the southwest of the State of Piauí. Concatenating archaeological, ethnohistorical and anthropological data in order to help identify pre-colonial human groups specifically in the Araripe plateau in Piauí territory, as well as to outline new discussions. Realizing these "things" as mediators of human relations and diverse agencies, human and nonhuman, it was intended to dialogue human relations and interactions from the set of "things", since artifacts are human productions, soon they leave to be objects by objects here to be treated as the essential things for the establishment and human experiences, adopting the concept of things proposed by INGOLD (2012), MILLER (2013). As a methodology for this dialogue, "things" were selected from three archaeological sites of the set of 16 sites, in which they present fragments of polychrome pottery, perceptible for a technological and morphological analysis, based on the theoretical precepts of the Anthropology of Technology proposed by LEMONIER (1986, 1992) from the technological analysis and morphology of some of these sets of things were made the hypothetical reconstitution of the ceramic containers verifying the technologies used in the making of them, as well as surface treatment techniques, perceiving similarities and differences. The result allowed the construction of a narrative about human experiences, perceiving how things interacted as expressions of the materiality of a style introduced and shared in a long history by traditional communities, perceiving these intertwined in the process of teaching learning, contributing to the establishment of individuals in that territory.

KEYWORDS: Archaeology; Tupi in Piauí; Precolonial period; Human experiences.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Mapa com identificação de Sítios Arqueológicos Tupi para o Piauí	25
Imagem 2 – Mapa Etnohistórico	29
Imagem 3 – Área de pesquisa com relação a Mesorregião Sudeste piauiense	31
Imagem 4 – Levantamento topográfico	39
Imagem 5 – Registro fotográfico de campo	40
Imagem 6 – Coleta individual de Superfície	40
Imagem 7 – Abertura de trincheira sítio arqueológico Juazeiro.....	41
Imagem 8 – Sondagem individual sítio arqueológico Cachoeirinha I.....	42
Imagem 9 – Sítio Arqueológico Juazeiro com concentração de material arqueológico em campo	45
Imagem 10 – Delimitação da sondagem 1.....	46
Imagem 11 – Sondagem 1 escavada.....	46
Imagem 12 – Vista da trincheira 1	46
Imagem 13 – Trincheira 1 escavada	46
Imagem 14 – Sítio arqueológico Cachoeirinha I com concentração de material arqueológico com destaque para a área de impacto.	55
Imagem 15 – Peneiramento das leiras sítio arqueológico Cachoeirinha I.....	56
Imagem 16 – Material arqueológico identificado após o peneiramento no sítio arqueológico Cachoeirinha I.....	56
Imagem 17 – Sondagem sítio arqueológico Cachoeirinha I	56
Imagem 18 – Trincheira sítio arqueológico Cachoeirinha I	56
Imagem 19 – Limite do Sítio Arqueológico Brite I com identificação de área de impacto...	66
Imagem 20 – Peneiramento das leiras Sítio Arqueológico Brite I	67
Imagem 21 – Sondagem - Sítio Arqueológico Brite I.....	67
Imagem 22 – Trincheira - Sítio Arqueológico Brite I	67
Imagem 23 - Malha de conexões humanas e não humanas	82

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Categoria geral das coisas do sítio arqueológico Juazeiro	47
Gráfico 2: Material pré-colonial	47
Gráfico 3: Tipos de antiplástico	48
Gráfico 4: Tratamento de superfície externa	49
Gráfico 5: Tratamento de superfície interna.....	49
Gráfico 6: Morfologia	50
Gráfico 7: Tipos de bordas	50
Gráfico 8: Técnicas de Manufatura	51
Gráfico 9: Categorical geral das coisas do sítio arqueológico Cachoeirinha I.....	57
Gráfico 10: Tipos de antiplástico.....	58
Gráfico 11: Tratamento de superfície externa	58
Gráfico 12: Tratamento de superfície interna.....	59
Gráfico 13: Morfologia.....	59
Gráfico 14: Tipos de bordas.....	60
Gráfico 15: Técnicas de manufatura	60
Gráfico 16: Categoria geral das coisas do sítio arqueológico Brite I.....	68
Gráfico 17: Tipos de antiplástico	68
Gráfico 18: Tratamento de superfície externa	69
Gráfico 19: Tratamento de superfície interna	69
Gráfico 20: Morfologia	70
Gráfico 21: Tipos de bordas	70
Gráfico 22: Técnicas de manufatura.....	71

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	14
2. CONTEXTUALIZANDO OS POVOS TUPI NO PIAUÍ	20
2.1 Os “tupis” no Piauí.....	27
3. A ÁREA DE ESTUDO	30
3.1 Caldeirão Grande do Piauí	32
3.2 A Chapada do Araripe como área de estudo arqueológico	33
3.3 O topo da Chapada como local de habitação, estabelecimento e vivências humanas.....	36
3.4 Descrição dos Sítios arqueológicos em Estudo	37
3.4.1 A metodologia de campo	38
3.4.2 A metodologia de Análise em laboratório	42
3.4.3 Sítio Arqueológico Juazeiro	44
3.4.4 Sítio Arqueológico Cachoeirinha I	54
3.4.5 Sítio Arqueológico Brite I	65
4. A ANTROPOLOGIA DA TECNOLOGIA NA ANÁLISE DAS COISAS	79
4.1 As coisas como expressão da materialidade Tupi	81
4.2 Das cores as formas: diferenças e semelhanças nos conjuntos de coisas cerâmicas da Chapada do Araripe	83
5. INTERPRETANDO A ANÁLISE DOS DADOS	107
5.1 Similaridades e diferenças entre as coisas dos três sítios arqueológicos em estudo	105
CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	114
APÊNDICES	119
APÊNDICE – A – Tabela de municípios com sítios pré-coloniais	120

APÊNDICE – B – Forma cerâmicas reconstituídas hipoteticamente em 3D com cálculo de volume.....	123
ANEXOS	140
Anexo – 1 - Mapa com os sítios arqueológicos pré-coloniais no Estado do Piauí	141
Anexo – 2- Ficha de análise laboratorial.....	142
Anexo – 3 - Tabela dos oito sítios arqueológicos com coisas características que remetem a populações Tupi	143
Anexo – 4 - Processos operacionais de produção cerâmica.....	144

1. INTRODUÇÃO

Imagine você chegando a três sítios arqueológicos¹ a céu aberto em um dia chuvoso, no semiárido nordestino, quais seriam as sensações? No qual um sítio arqueológico foi reutilizado como local de plantação até “recentemente pelos sertanejos”, os outros dois a vegetação já foi em partes suprimida pelas máquinas, estes situados em topo de chapada².

Logo, parece improvável a habitação naquele local, distante a alguns quilômetros dos recursos hídricos, portanto diferente dos estudos já realizado até então, onde grande parte da literatura reafirma que os locais de habitação das populações indígenas seriam nas proximidades de rios, lagoas, ou ainda onde pudessem obter uma economia na produção alimentícia e uma minimização dos esforços físicos, logo fica explícito que o “determinismo geográfico” não condiciona os meios.

Você sabe que é um sítio arqueológico porque estudou para isso. Há uma ciência arqueológica para fundamentar esses atributos, assim como há uma lei que os protege, aquele complexo de objetos espalhados em superfície, que aparentemente são os “únicos”, nos quais não estão presentes ou não existem mais os indivíduos em vida para contar e socializar a sua história.

Foi nesse contexto que estive quando fui participar da minha primeira escavação arqueológica durante a graduação. Uma disciplina acadêmica em um projeto de arqueologia por contrato ou arqueologia preventiva, ambas sejam arqueologias alguns objetivos e métodos se distinguem, enquanto a arqueologia por contrato busca avaliar o estudo dos bens arqueológicos em áreas, para qual serão instalados empreendimentos que provocarão alterações no solo e na paisagem. A arqueologia acadêmica ou arqueologia tradicional praticada pelas universidades e museus, os pesquisadores constroem um problema científico

1 Locais onde são encontrados artefatos, vestígios ou registro da presença humana, estes podem ser: a céu aberto, abrigo sob rocha, sítios com pintura rupestre (paredões, blocos, matacões), cemitérios, aldeias, acampamentos, aldeamentos, oficinas líticas, sítio lito-cerâmico, ruínas, estes podem ter sido usados reutilizados em diversas temporalidades. No caso dos Sítios tupi eles se caracterizam por apresentar a cerâmica policroma como artefato que faz filiação a esses povos que chegaram a produzir esse tipo de coisa fora da bacia amazônica.

2 Chapadas são conjuntos de formas de relevo de topo plano, elaboradas em rochas sedimentares, em geral limitadas por escarpas, situam-se em altitudes mais elevadas. Manual técnico de Geomorfologia do (IBGE, 2009). Por outro lado Ab'saber (1964) considerou que “é assim que a todos os tipos de grandes “mesas” ou “mesetas”, dotadas de ladeiras íngremes e topo plano, se reserva o expressivo nome de chapada, mais usual no Nordeste do que em qualquer outra parte do país”. (MARTINS, 2005).

e seleciona uma área geográfica que pode apresentar as respostas desejadas, no entanto também alteram o solo e intervêm na paisagem (CALDARELLI *et. al* 2000).

Ao final do resgate dos objetos nos sítios arqueológicos, já em laboratório, durante o processo de análise e curadoria do material comecei a refletir, quem teria sido os grupos humanos que se estabeleceram naquela região? Quais tipos de vivências humanas foram capazes de desenvolver com essas determinadas coisas que estavam espalhadas, desgastadas e fragmentadas em superfície e subsuperfície? Assim, veio-me o entusiasmo em desenvolver essa pesquisa de mestrado em busca de novas narrativas para a aquele território, entendendo que não se tratam apenas de objetos por objetos, posso refletir como coisas que entrelaçam os humanos em um processo social e cultural, logo para que haja esse processo social e cultural é necessário um grupo de pessoas, vivenciando em uma determinada paisagem.

Logo, surgiu uma reflexão, a arqueologia por si só daria conta das respostas para aquela paisagem? E depois dessas coisas chegarem a laboratório sem antes ter sido refletido e construindo um problema específico, é possível ainda refletir sobre as vivências humanas, os modos de subsistência, as tecnologias empregadas na produção e uso das coisas naquela paisagem?

Entretanto para continuar com outros questionamentos, ou mesmo fundamentar esses anteriores, penso que, seja importante recorrer a outras ciências, outros teóricos, que tem se preocupado com o desenvolvimento do pensamento contemporâneo e, que seja possível adequar ao contexto de estudo em que estou inserida.

Para referir-se a paisagem baseei na abordagem de Ingold (1993) no texto “A temporalidade das Paisagens³” no qual o autor vai conceber além da visão naturalista e inculta na participação da habitação e construção da relação homem meio e passa a perceber como as paisagens integram humanos e não humanos, logo é percebível como as paisagens constroem as vivências humanas e vice versa Ingold (1993, “grifo da autora”).

Bem como, na abordagem antropológica de Daniel Miller (2013) e Tim Ingold (2012), sobre a noção de “trechos” e “coisas”, essa possibilitará uma reflexão sobre aquele complexo de objetos, que a partir de então deixam de ser apenas objetos por objetos, uma vez, que meu interesse não é apenas descrever as suas características, quantificá-los ou perceber como um

3 The temporality of the landscape (INGOLD 1993).

“fato consumado, oferecendo para nossa inspeção suas superfícies externas e congeladas” (HEIDEGGER, 1971, *apud.* INGOLD, 2012, p.29).

A noção de coisas proposta por Ingold (2012) vem de encontro a integrar os “fluxos vitais, associada aos ciclos e as dinâmicas da vida e do meio ambiente” (INGOLD, 2012, p. 29). Logo, estas serão mediadoras das relações humanas e agências diversas, humanas e não humanas propostas por (GELL,1998). De tal modo, em uma abordagem ontológica posso construir novas narrativas, ou mesmo compreender as interações humanas, a partir da análise tecnológica e morfológica tomando como base à variabilidade das coisas evidenciadas nos três sítios arqueológicos em estudo.

Enquanto expressões da materialidade de um estilo tecnológico introduzido e compartilhado em uma história de longa duração por comunidades tradicionais, percebendo estes entrelaçados no contexto de aprendizagem e embebidas nas ações cotidianas de uma comunidade, grupo, sociedade.

Contudo, a presente pesquisa tem como objetivo geral perceber como as populações Tupí no período pré-colonial se estabeleceram e viveram em regiões interioranas do Piauí. Para isso procurei perceber as vivências humanas e estabelecimento a partir da análise tecnológica e morfológica do conjunto de coisas evidenciadas e resgatadas nos sítios arqueológicos no extremo sudeste do estado do Piauí, uma vez que, o conjunto de fragmentos cerâmicos apresentados são característicos de grupos Tupí.

Esta pesquisa de mestrado tem ainda como uns de seus objetivos específicos a discussão de propostas construídas ao longo dos anos na arqueologia sobre a questão da interpretação acerca da variabilidade artefactual, como mediadora na identificação e associação de continuidade e mudança nas “coisas” produzidas pelos humanos; assim como perceber quais os tipos de vivências humanas (cotidiana ou ritualística) podem ter ocorrido naquela paisagem.

Percebendo os grupos indígenas da Chapada do Araripe, além de agricultores-ceramistas como agentes mediadores entre humanos e coisas, passíveis de refletir a materialidade nos sítios propostos nesse estudo, Como ressaltou Miller (2013, p. 66) “as pessoas fazem coisas, e as coisas fazem as pessoas”. Concatenando os dados arqueológicos, etnohistóricos, antropológicos e da história indígena, especificamente em território piauiense.

No entanto o desenvolvimento da arqueologia no Brasil antes da década de 1960 estava engajada nas fundamentações histórico-culturalistas pautada em perceber a cultura material (objetos e estruturas de habitação, rituais funerários, dentre outras), como caracterizadora de um tempo e espaço em um processo de migração e difusão. Para tanto, a cerâmica foi um grande destaque para essa explicação, por assim ser possível classificá-la em tipologia, determinar modelos, traçar paralelos, buscar semelhanças e determinar funções. Segundo Rezende (2012, p. 14) “a realidade da arqueologia necessitava mais de informações do que explicações sobre seus achados”.

Logo, muitos desses artefatos foram analisados como o objeto pelo objeto, o que negava a essência dos produtores desses componentes, muitas das vezes corroborava com a negação e aniquilação das pessoas envolvidas nesse processo, sendo assim tornava impossível perceber os humanos e as coisas como agentes em determinada paisagem.

Com o advento do Processualismo ou Nova Arqueologia na década de 1960, esta abordagem arqueológica procurou avançar além do tempo e espaço e da análise descritiva dos objetos, a buscar explicações dentro de um contexto, onde se percebia as mudanças culturais como respostas a fatores externos, onde-se buscava estudar o contexto em que estes sítios e artefatos arqueológicos estavam situados. Logo associava-se a cultura como um sistema, contribuindo para a identificação de áreas e padrões de assentamento de povos tradicionais.

Segundo Rezende (2012, p.13) “considerando que as sociedades se moldam em resposta aos estímulos fornecidos pelo ambiente em que vivem”, prontamente a arqueologia brasileira incorporou esta abordagem delimitando áreas arqueológicas, estudando contexto através da arqueologia espacial, e estabelecendo padrões de assentamentos.

No final dos anos 1970 e início dos anos 1980, a abordagem pós-processualista veio de encontro a refletir não apenas os artefatos, as estruturas, os sítios arqueológicos, os padrões de assentamento, para Rezende (2012) essa

Inverte esse foco, transportando para o interior da sociedade o estopim dos mecanismos de transformação, o processo de mudança é visto agora por um novo ângulo. Os indivíduos ou grupos atuam de forma constante, tanto na manutenção das regras quanto na resistência a elas. (REZENDE, 2012, p.16).

Acredito que seguindo a abordagem pós-processualista seja viável refletir conjuntamente com (MILLER, 2013) com a sugestão dos “trechos, troços e coisas” e (INGOLD, 2012) sobre

a ideia das coisas que por sua vez, é “um “acontecer”, ou melhor, “um lugar onde vários acontecimentos entrelaçam”, como proposta para perceber além daquele complexo de cacos cerâmicos evidenciados em sítios arqueológicos, onde possa descrever toda a sua morfologia e quantificar, ir de encontro com a ideia das coisas é perceber os fluxos vitais que corroboram com a compreensão das relações humanas em determinada paisagem.

Entrelaçando com a abordagem da Antropologia da Tecnologia apresentada por Lemonier (1986, 1992) na qual ele considera a tecnologia como um corpo de conhecimentos, práticas, ações, e utensílios, inseridos em uma matriz social e, portanto, em relações de produção que envolvem processos de negociação de poder e de identidade, interagindo assim ativamente na construção do universo simbólico dos grupos humanos que a produzem.

O material específico que embasa essa pesquisa é proveniente de três sítios arqueológicos: sítio arqueológico Juazeiro, sítio arqueológico Cachoeirinha I e sítio arqueológico Brite I, cujo material foram resgatados em Projeto de Salvamento arqueológico na área de implantação de um Complexo Eólico em Caldeirão Grande do Piauí, a área abrangida por este empreendimento atinge cerca de 4.220,00 ha, localizado nas divisas com os três estados: Piauí, Ceará e Pernambuco.

Os sítios aqui analisados foram selecionados do conjunto de 8 sítios arqueológicos com coisas que remetem as populações Tupí, no entanto devido ao grande volume de material, ao tempo hábil para o desenvolver da pesquisa foram considerados 3 sítios arqueológicos atendendo aos seguintes critérios: distância e proximidade entre os sítios, similaridade e diferença dos conjuntos de coisas encontradas em cada um dos sítios baseados em:

- ✚ Tecnologia;
- ✚ Morfologia (Borda; bojo; base);
- ✚ Tipo de tratamento de Superfície (pintado; alisado; engobado; corrugado;)
- ✚ Similaridades e diferenças nos conjuntos de coisas (Cerâmica, material lítico, adornos, cachimbo, fusos)
- ✚ Formas e volume dos vasilhames cerâmicos.

Uma vez definido o recorte da pesquisa foi realizado um levantamento sobre a contextualização dos povos Tupí para o Piauí, com ênfase na região da Chapada do Araripe, que a princípio tem se intensificado as pesquisas na porção pernambucana desde a década de 1980.

Desta forma a metodologia de análise proposta para essa dissertação constitui os aspectos da análise tecnológica (morfologia, formas, volumes, decoração) empregada na produção das coisas que integram as existências humana, uma vez que a tecnologia gera um corpo de conhecimento viável a compreensão de tais relações humanas.

Logo, a presente dissertação está estruturada em Introdução como primeiro capítulo, com mais quatro capítulos e as considerações finais, no **segundo capítulo**, apresento uma breve pesquisa bibliográfica de contextualização dos povos “Tupís no Piauí”.

No **terceiro capítulo** exponho a área de estudo, a metodologia usada em campo e laboratório, além da apresentação dos sítios arqueológicos abordados na pesquisa.

No **quarto capítulo** fiz uma síntese das discussões teóricas e metodológicas da Antropologia da Tecnologia, como vetor de análise das coisas evidenciadas nos sítios arqueológicos proposto nessa dissertação, apresentando similaridades e diferenças nas coisas Tupí, como expressão da materialidade, através dos desenhos de reconstituição hipotética em 3D, de algumas formas cerâmicas, bem como a vetorização dos motivos decorativos identificados caracterizando as cores e traços.

No **quinto capítulo** apresento as interpretações da análise dos dados: como viés para o estabelecimento e vivências Tupí na chapada do Araripe, através das similaridades e diferenças das coisas evidenciadas em cada sítio arqueológico.

E por fim nas **considerações finais**, apresento uma síntese dos resultados obtidos, inserindo a área piauiense da chapada do Araripe na rota das discussões sobre as populações Tupí, em regiões semiáridas, a fim de repensar as populações que viveram e se estabeleceram no interior do Piauí.

2 CONTEXTUALIZANDO OS POVOS TUPI NO PIAUÍ

As informações sobre a materialidade de populações indígenas Tupí⁴ acompanha o desenvolvimento da arqueologia no Brasil. Que a princípio era uma arqueologia que estava atrelada ao estudo da origem e a antiguidade dos primeiros brasileiros, ou ainda a existência no passado de sociedades mais complexas e “avançadas” do que as conhecidas sociedades indígenas brasileiras, Barreto (1999).

Para este capítulo três fontes contribuíram significativamente: a Arqueologia, a Etnohistória⁵ e a História Indígena⁶. Uma vez que, a materialidade representa o registro de povos em um determinado local, as fontes escritas relatam quem foram esses povos em um período distante, enquanto que a história indígena reafirmam esses povos como agentes atuantes entre a materialidade e a história.

Entretanto, apenas na década de 1950 se tem início de forma sistemática⁷ os estudos sobre o período pré-colonial brasileiro e, este por muito tempo esteve atrelado a áreas ambientais, geomorfológicas, climáticas, consideradas pelos pesquisadores até as décadas de 1950/60 como favoráveis ao desenvolvimento de populações cuja economia baseava-se na prática de agricultura, portanto as regiões semiáridas como no caso da região Nordeste brasileira ficou por muito tempo fora desse contexto (MARTIN, 2005).

Para Martin (2005, p. 39), ainda que nos anos de 1958 o alemão Carlos Ott, tenha publicado informações sobre os achados arqueológicos para o período pré-colonial na Bahia; Clerott na Paraíba; Carlos Studart e Pompeu Sobrinho no Ceará; Alfredo de Carvalho em Pernambuco. Contudo os dados foram publicados a título de revistas e anais dos institutos dos estados, que ao desenvolvimento da arqueologia como ciência nacional deixaram de lado

4 Para essa pesquisa considera-se a partir do tronco linguístico Tupi e seus dialetos, povos que passaram a desenvolver uma materialidade com características possíveis de identificar traços tecnológicos que remetem a uma filiação cultural, mas especificamente as cerâmicas policromas fora da Bacia Amazônica (PROUS, 2009). (CORRÊA 2009, 2014).

5 O primeiro registro de uso do termo Etnohistória data de 1909, quando Clark Wissler o empregou para se referir à utilização de documentos escritos e dados arqueológicos para a reconstrução da história de culturas indígenas (EREMITES DE OLIVEIRA, 2003; ROJAS, 2008. Apud. CAVALCANTE, 2011). No entanto, ainda não se tinha uma relevância da Etnohistória como ciência.

6 A história indígena deve representar os povos indígenas como povos históricos, ou seja, não pode reproduzir o discurso do “índio eterno” estereotipado e exótico, no entanto, nem sempre é isso o que se vê. É obvio que em graus diferenciados todos os povos indígenas sofreram mudanças culturais em razão da relação colonial instaurada na América desde o final do século XV. (CAVALCANTE, 2011).

7 Pesquisas organizadas nas regiões brasileiras.

muitos desses acervos e informações estaduais e passaram a dedicar-se as áreas de florestas tropicais.

Com o passar dos anos, o avanço das pesquisas arqueológicas, estas se espalharam pelos estados brasileiros, na medida em que atualmente várias pesquisas têm buscado compreender e construir narrativas sobre as populações indígenas em cada estado.

Logo, o Piauí inserido nesse advento de estudos regionais desde a década de 1970, as pesquisas arqueológicas na Mesorregião Sudoeste do estado na área que compreende a Serra da Capivara, vem contribuindo para a propagação da cronologia sobre populações pretéritas para o povoamento das Américas de aproximadamente 100.000 anos, obtidas a partir da datação por termoluminescência nos seixos identificados em fogueiras e resquícios de carvão, no sítio Toca do Boqueirão da Pedra Furada (GUIDON. *et. Al.* 2003).

Os dados arqueológicos vêm apontado um processo de estabelecimento e vivências das populações indígenas e, reafirmando cronologias recuadas desde populações pescadoras, caçadores, coletores; agricultores ceramistas, até a implantação das fazendas de gado a partir da instalação da colônia.

No entanto, o aprofundamento das pesquisas sistemáticas tem se concentrado em áreas específicas⁸. Há uma necessidade de expansão das pesquisas arqueológicas sistemáticas⁹ por todo o território piauiense, na medida em que as fontes etnohistóricas e os dados arqueológicos apontaram que todo território já estava povoado antes da chegada dos exploradores, essas populações permaneceram até início do século XVIII como povos autóctones, entre conflitos, negociações, aldeamentos, aculturação¹⁰ (OLIVEIRA, 2007).

Para o Estado do Piauí nessa pesquisa venho considerando como período pré-colonial até o início século XVIII, visto que, a historiografia oficial vem considerando o estado do Piauí como um dos últimos a ser “usurpado” pelos colonizadores. Uma vez que, os dois séculos que antecedem, mesmo com as intervenções de expedições portuguesas, europeias, espanholas, estas não obtiveram êxito duradouro na efetivação da colônia sobretudo nas áreas

8 Parque Nacional Serra da Capivara; Parque Nacional da Serra das Confusões; Litoral de Luís Correia, e Parque Nacional de Sete Cidades em Piracuruca.

9 Pesquisas de cunho acadêmico, que são mais duradouras e explicativas em relação a todos os dados levantados.

10 Aculturação, pode ser mais rápido e brusco. No caso dos índios brasileiros, representou uma verdadeira catástrofe. Mas, também, pode ser um processo menos radical, onde a troca de padrões culturais ocorre sem grandes traumas (LARAIA, 2001, p.94).

que compreende, o litoral e a região Sudoeste do Estado. (OLIVEIRA, 2007, “grifo da autora”).

Contudo, até final do século XX a Historiografia tradicional acabou suprimindo essa população, como se de fato os colonizadores dominassem todo o território com as instalações das fazendas de gado com o “boom” no “desenvolvimento” a partir da pecuária, exterminando toda a população existente em anos de usurpação sobre as populações indígenas, repassando a ideia de que essas populações não foram capazes de realizar diálogos, de fazer negociações e serem autossuficientes.

É de grande importância refletir sobre a construção da historiografia piauiense, que assim como as demais regiões brasileiras foi construída pela visão do colonizador, sendo assim grande maioria vai reproduzir a voz e a vez daqueles que seriam considerados vencedores, nesse caso os recém-chegados ao território, o roteiro dessa história é caracterizado pelo ocultamento e invisibilização da diversidade étnica e cultural das populações indígenas.

Atualmente a acuidade dessa reflexão vem sendo abordada por uma Nova História indígena, na qual os estudos recentes discordam dessa perspectiva colonizadora, que foram as primeiras construções etnohistóricas e hoje passa a reafirmar a existência de povos indígenas e descendentes indígenas no Piauí, buscando trabalhar com essa diversidade, percebendo como os antepassados indígenas foram povos capazes de planejar oposições, ou caso necessários realizar diálogo, alianças e tomada de decisões durante muito tempo frente aos colonizadores. O que pode ter reduzido, afastado, ou ocultos em meio a sociedade que a partir da chegada dos invasores estava se formando em algumas regiões brasileira, seriam os anseios cotidianos diferentes dos ocidentais, o que acarretou em doenças, lutas, explorações de mão de obra e mercadoria exacerbada dos invasores contra as populações indígenas.

Contudo, o estudo sobre as populações indígenas no Piauí necessitam de continuidade no sentido de compreender o estabelecimento e vivências dos grupos indígenas no território, reconfigurando a historiografia piauiense e, conseqüentemente alargando o conhecimento pré-colonial brasileiro, além de inserir áreas semiáridas como locais de estabelecimento de populações indígenas sejam elas Tupí, ou outras, para que seja possível perceber como as populações lhe deram com a chegada dos invasores. E quem sabe contribuir para a reafirmação de populações indígenas e descendentes desses indígenas, que possam ainda ser identificadas no território e passaram por muito tempo oculto na sociedade atual, como tem

acontecido na região de Piripiri-PI com os Tabajara, em Queimada Nova-PI com os Cariri. (KÓS, 2014 “grifo da autora”).

Deste modo nos últimos 20 anos com o avanço da arqueologia por contrato, bem como alguns projetos pontuais de catalogação de sítios no estado, como foi o caso do Projeto de mapeamento realizado pelo Núcleo de Antropologia Pré-histórica (NAP) da Universidade Federal do Piauí, tem se levantado cada vez mais uma quantidade de sítios arqueológicos, ao ponto em que no site do IPHAN /CNSA/SGPA possui 1.531 sítios arqueológicos de característica pré-colonial, entre estes 134 aparecem a presença de cerâmica, no entanto apenas 19 faz filiação cultural Tupí, distribuído por 96 municípios, é perceptível que em sua grande maioria foram identificados através das pinturas rupestres (Ver Apêndice A e Mapa no Anexo 1), ou seja os projetos pontuais foram pensados para atender uma demanda específica, no caso o mapeamento das pinturas rupestres no estado, uma vez que essa é bem expressiva no território de abrangência do Parque Nacional da Serra da Capivara, Parque Nacional da Serra das Confusões e Parque Nacional de Sete Cidades. Não obstante tem-se conhecimento de sítios arqueológicos Tupí, e não Tupí espalhados entre a mesorregião Centro Norte, Norte, Sudeste e Sudoeste do estado.

Logo, em se tratando de populações indígenas quase toda a América do Sul as primeiras informações foram introduzidas pelos cronistas e viajantes no período das primeiras expedições, para o Piauí não seria diferente, entretanto podemos acompanhar para o século XVII os relatos do Pe. Miguel de Carvalho; para o século XVIII, o relato de Antônio José de Moraes Durão; e para o século XIX, as publicações de Von Spix, Von Martius, Alcide d’Orbigny (OLIVEIRA, 2007, p. 53).

Nessa perspectiva grande maioria dos nomes atribuídos aos povos indígenas foram os cronistas, viajantes e jesuítas que propuseram, para isso baseavam-se na língua, outras vezes nos objetos culturais, na geografia e hidrografia, a suposição de tudo isso foi o fato de as vezes acabarem nomeando os mesmos grupos com grafias diferenciadas como foi o caso dos Acoroá, que aparece com as seguintes grafias: Acaroás, Acroá, Akroá estes foram considerados povos Jê e estiveram pela região do rio das Balsas (Maranhão), as cabeceiras do rio Parnaíba (Piauí), rio Tocantins (Tocantins), rio São Francisco (Bahia) e rio Piauí (Piauí) ou ainda por todo o território (PINTO 1938. *Apud.* OLIVEIRA 2007, p. 54), genericamente passaram a dividir os povos indígenas entre Tupí e Jê, que seriam os falantes da língua tupí e os não falantes da língua tupí.

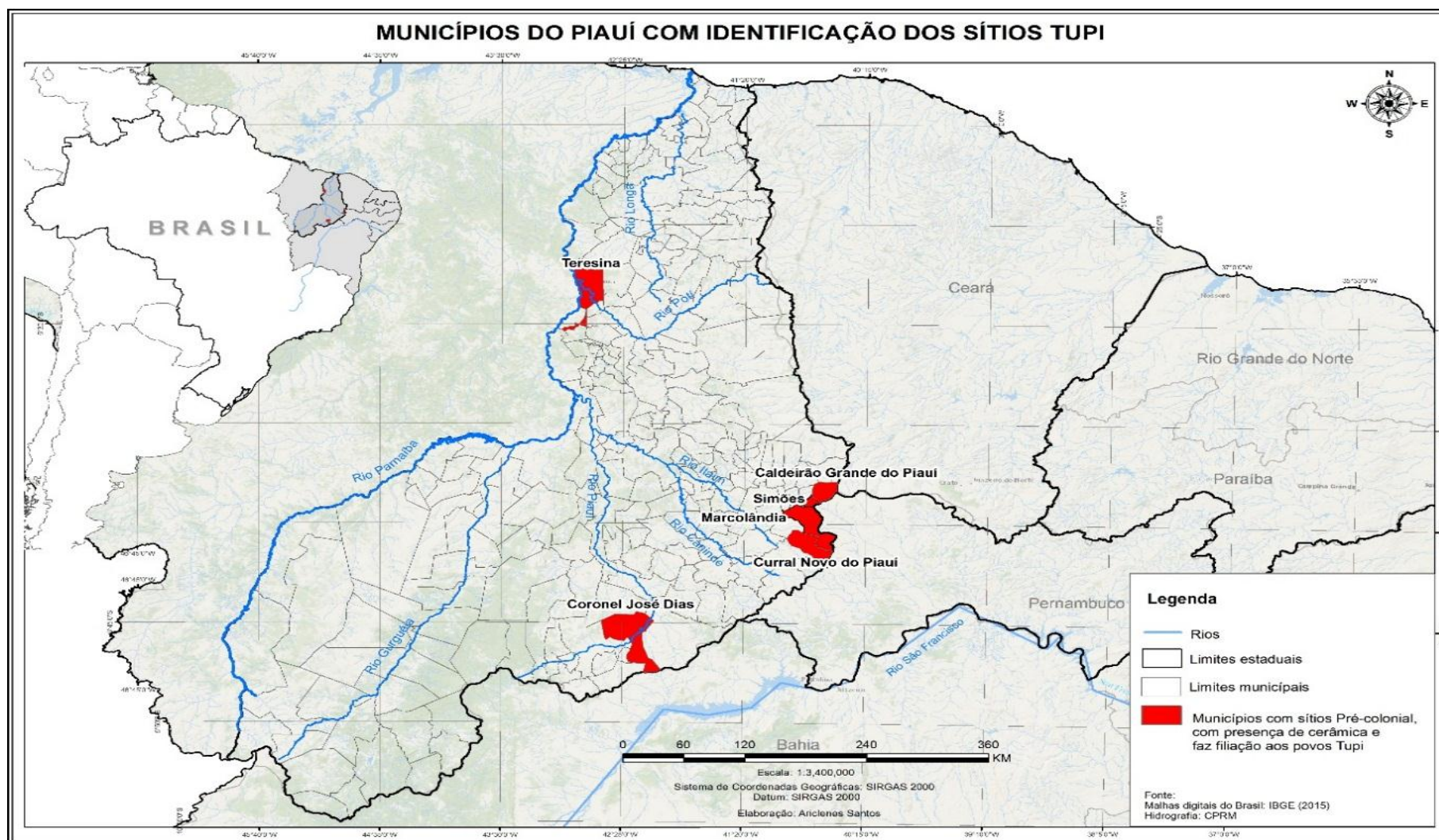
A partir desse pressuposto Baptista (1994) apontou quatro classificações linguísticas para o território, antes e durante o processo da invasão colonial, tais como: “Tupí, Jê; Cariri e Caribe”, estas estariam distribuídas por todo o território entre uma diversidade de grupos indígenas. (BAPTISTA 1994, “grifo da autora”).

Contudo, em si tratando de contexto arqueológico no Piauí, os sítios lítico-cerâmicos percebe-se um receio em fazer filiação, uma vez que as pesquisas precisam ser intensificadas e, no presente momento os sítios que não estão nas Unidades de Conservações, são identificados em etapas de licenciamento requerendo agilidade para liberação da área para instalação de empreendimentos. Logo os acervos gerados pela arqueologia por contrato, muitos estão em museus ou reservas técnicas, carecendo de pesquisas acadêmicas para que sejam melhores explorados e divulgados tais acervos e conseqüentemente buscando construir novas narrativas.

Ao analisar as fichas do CNSA, percebi que as mesmas são bem restritivas, não são atualizadas com frequência, inclusive deveriam ser reparadas após a conclusão da análise e curadoria do acervo originado, uma vez que os sítios arqueológicos são registrados na etapa de diagnóstico e prospecção de uma área, como no caso da arqueologia por contrato, de tal maneira que entre os três sítios abordado nessa pesquisa, dois deles até o presente momento não consta no sistema, no entanto é possível identificar através dos relatórios disponíveis no IPHAN-PI e na análise do acervo gerado que está disponível no laboratório de Arqueologia pré-histórica da UNIVASF.

Os dados arqueológicos proferido através dos registros de sítios arqueológicos no IPHAN - CNSA/SGPA, conjuntamente com dados do Museu de Arqueologia e Paleontologia da UFPI, até o presente, consegui localizar os sítios arqueológicos filiados a populações Tupi nas seguintes regiões do Estado. (Imagem 1)

Imagem 1- Mapa com identificação de Sítios Arqueológicos Tupi para o Piauí



Fonte: Elaborado por Santos, 2018

Entretanto observa-se que entre as regiões apresentadas no mapa a cima, o Parque Nacional Serra da Capivara na Mesorregião Sudoeste (Coronel José Dias, São Raimundo Nonato, João Costa e Brejo do Piauí), apresentaram sítios arqueológicos com características Tupí e sítios Jê, bem como é o único que vem sendo desenvolvido pesquisas sistemáticas desde a década de 1970.

Quanto o Parque Nacional da Serra das Confusões¹¹, Parque Nacional de Sete Cidades em Piracuruca¹² o litoral de Luiz Correia¹³ e o Cânion do Poti¹⁴ onde aparece dados pré-coloniais também segue na rota das pesquisas sistemáticas, porém os dados divulgados até agora remontam a outros grupos indígenas, como os Jê¹⁵ para a região Sudoeste e Tremembés¹⁶ no Litoral (Mesorregião Norte), provavelmente isso se deve ao fato das pesquisas terem sido desenvolvidas através de projetos pontuais, no entanto não podemos destacar a hipótese de que outros grupos humanos anterior ou posterior também tenham habitado aquelas regiões.

As demais regiões como: Caldeirão Grande do Piauí, Curral Novo do Piauí, Marcolândia, Simões e Teresina¹⁷ foram identificadas a partir de projetos de licenciamento ambiental via Arqueologia por contrato para instalação de empreendimentos no estado, ou alguns projetos pontuais, logo as primeiras informações são levantadas em fichas catalográficas de registro padrão, com informações sucintas, é possível buscar essas informações via relatórios apresentados aos órgãos competentes, no entanto esses relatórios atendem apenas as necessidades de liberação da área para o empreendimento, esses seguem modelos padrões para o órgão de preservação do patrimônio, contudo, muitas informações como percepções pessoais do pesquisador que se inseriu naquele contexto, naquela paisagem deixam de ser registradas nesses relatórios, assim como falta aprofundar-se na análise e reflexão sobre a materialidade identificada.

11 Mesorregião do Sudoeste piauiense nos municípios de (Caracol, Guaribas, Cristino Castro, Corrente, Alvorada do Gurgueia, Brejo do Piauí, Canto do Buriti, Bom Jesus, Curimatá, Redenção do Gurgueia, Santa Luz e Tamboril do Piauí)

12 Mesorregião do Centro-Norte Piauiense

13 Mesorregião do Norte Piauiense

14 Mesorregião do Centro-Norte piauiense

15 Do tronco linguístico Macro - Jê, identificados na Mesorregião Sudoeste do estado do Piauí, nas áreas do Parque Nacional Serra da Capivara e Parque Nacional da Serra das Confusões.

16 Tremembés identificados na macrorregião Norte do Estado do Piauí, remontam a nação Cariri.

17 Sítio Arqueológico Ininga identificado na área de abrangência da Universidade Federal do Piauí, e está para ser desenvolvido as atividades sistemáticas de um sítio escola para o curso de Arqueologia e Conservação de Arte Rupestre e pós graduação em arqueologia.

2.1 Os “tupís” no Piauí

Para a 1ª reunião de Antropologia, realizada em 1953, esta estabeleceu uma padronização para nomes de sociedades e (línguas) indígenas no Brasil. A qual chamou-se *Convenção para a Grafia dos Nomes Tribais*”. De acordo com a convenção quando se trata de nomes próprios das etnias de origem indígenas são escritos em maiúsculo e não flexionam, ou ainda para nomes simples e abrangente como os “tupí” estes deve vir sempre acentuado e não flexionam.

Contudo, a adoção do termo “tupís” no plural, minúsculo neste tópico da pesquisa servirá para assinalar que não estou versando sobre um único grupo, uma única etnia, uma única cultura, ou ainda uma única língua que se estabeleceu e se espalhou pelo Brasil, já que a “cultura é dinâmica” Laraia (2001) e por conseguinte as pessoas também são.

Refiro-me a diferentes grupos, provavelmente pertencente a mais de uma língua porém aparentadas pelo tronco Tupí na região, seriam esses que viveram em território piauiense como os identificados no sítio arqueológico Aldeia da Queimada Nova (Coronel José Dias) a mais de 400 quilômetros da área de pesquisa aqui contemplada, cuja datação atesta uma cronologia em torno de 1.690 +/- 110 anos BP e se estabeleceram em aldeias.

Ou aqueles identificados através da materialidade em sítios arqueológicos na região da Chapada do Arripe (Araripina) em área pernambucana pouco menos de 30 quilômetros da área proposta nesse estudo, cujas datações estabelecem em torno 350 anos a.p. (AMARAL, 2015, p. 270) que vem sendo estudada como Tradição Ceramista Tupiguarani sem hífen, adotada pela arqueologia a partir da década de 1970, para vincular as populações aparentadas pela língua Tupi-Guarani, ao longo de todo o litoral brasileiro Noelli (1993), Schmitz (2005. *In* Prous e Lima, 2005).

Assim como os sítios arqueológicos proposto nessa dissertação identificados entre 2012 e 2015 em contexto da chapada do Araripe (Caldeirão Grande do Piauí) porém em área piauiense, mesmo que não tenha uma datação absoluta, no entanto o conjunto de coisas resgatada em sítio faz filiação aos povos Tupís. (Ver imagem 2 - mapa Etnohistórico)

De tal modo, continuo abordando sobre povos Tupí sendo estes os únicos identificados até o momento a desenvolver uma cerâmica policrômica fora da bacia amazônica com tamanha expressabilidade cultural (PROUS, 2009), logo é esta que expressa filiação de imediato.

Não proponho nessa dissertação estudar esses povos com uma cultural “engessada”, em se tratando que, os povos indígenas do tronco Tupí, foram identificados em quase todas as regiões brasileiras, algumas características culturais fazem filiação, entretanto deve-se considerar que estas populações se estabeleceram e viveram em áreas com características ambientais

diferenciadas e por distintos motivos e situações foram capazes de construir diferentes coisas que o levassem a vivenciar em tais regiões.

Portanto, há uma diversidade de sítios arqueológicos nos quais são associados a esses povos tais como: Sítios lito-cerâmico; Sítio aldeias; Sítio acampamentos; Sítios Aldeamentos; Sítios de Contato; Sítios cemitérios, assim como há uma diversidade quanto a materialidade, como por exemplo pode ter sítios onde a cerâmica sobressai e o material lítico quase não aparece, e outros em que o material lítico é mais avolumado.

Contudo, arqueologicamente falando as primeiras interpretações sobre o contexto arqueológico Tupí no Piauí foram introduzidas a partir da análise do material arqueológico coletado, nas manchas evidenciadas no Sítio Aldeia da Queimada Nova, no Sítio Barreirinho no município de Coronel José Dias na área do Parque Nacional Serra da Capivara pesquisado desde a década de 1970 por (Maranca, 1976, 1977; Vilhena, 1976; Meggers e Maranca, 1980).

[...] No total foram identificadas na Aldeia da Queimada Nova 15 manchas; as de forma elíptica, interpretadas como habitações, possuíam diâmetro variando entre 18 e 40m; enquanto as circulares, associadas a áreas de atividade específica, tinham cerca de 5m de diâmetro (PANACHUK et al., 2010, p.88; SCATAMACHIA, 1981, p.151. Apud AMARAL, (2015). Ao analisarem a distribuição dos tipos de cerâmica (mais especificamente de dois padrões diferentes de pintura) associados a essas manchas Meggers e Maranca (1980), concluíram que a aldeia era composta por duas metades exogâmicas matrilineares. (MEGGERS E MARANCA. *Apud*. AMARAL, 2015, p. 47).

Dados que vem complementando as fontes etnohistóricas servindo como elementos de sustentação e reafirmação dos povos indígenas tupís nesse território, iniciados com o objetivo de fugirmos das narrações da historiografia construída pela base do colonizador, nas quais relatam que toda essa população foi exterminada no final do século XVIII para início do século XIX, (OLIVEIRA, 2007), bem como da literatura que excluiu por anos as áreas semiáridas como ambiente propícios para estabelecimento dessas populações.

Oliveira (2002) em seu trabalho *Perspectiva etno-histórica do estado Piauí - Brasil* já apontava que os grupos indígenas citados no Piauí filiados ao Tronco Tupi seriam os Amoipira, Tabajara; Ubirajara, Potiguara e Guarani, estavam localizados no litoral do estado, no sul e nas margens do Rio São Francisco¹⁸ e Rio Parnaíba¹⁹.

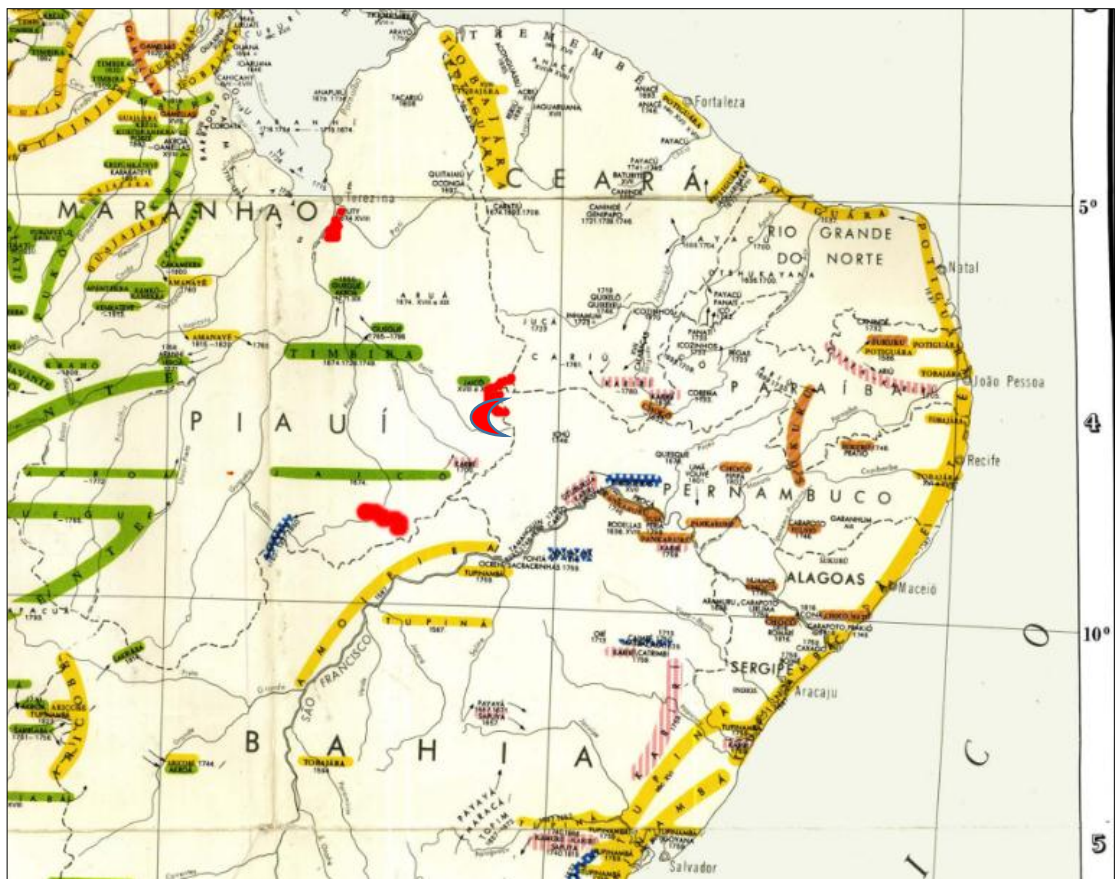
18 O Rio São Francisco é um rio totalmente brasileiro. E o maior em extensão, com cerca de 2.800 km, esse rio nasce na Serra da Canastra em (MG) e escoar no sentido Sul-Norte pela Bahia e Pernambuco, quando altera seu curso para o Sudeste, chegando até sua foz no Oceano Atlântico na divisa entre Alagoas e Sergipe, abrangendo cinco estados.

19 A partir das nascentes nas divisas como os estados do Tocantins, Piauí e Maranhão são mais de 1400 quilômetros, quase todos navegáveis. Seu leito se divide basicamente em Alto Parnaíba (das nascentes à Barragem de Boa Esperança), Médio

Segundo Nunes (1975, p.29. *Apud.* OLIVEIRA, 2002, p. 177) os “Amoipira seriam descendentes dos Tupinambás, que vieram ao Piauí pelo Rio São Francisco” vindo da região da Bahia.

Seguindo quase que o mesmo roteiro vieram os primeiros bandeirantes, Domingos Jorge Velho em 1662 e Domingos Afonso Mafrense ou Domingo Afonso Sertão em 1674, pelas margens do Rio São Francisco, adentra o território do Piauí, onde iniciam suas atividades, de instalações de currais de gado pela margem do rio Piauí. O que gerou muitas lutas, revoltas, resistência, alianças indígenas, e migrações (OLIVEIRA, 2007), mesmo que tardiamente em relação aos outros estados brasileiros, logo, reconfigurando o território piauiense nos moldes coloniais e suprimindo as populações indígenas. Para uma melhor ilustração observar o mapa Ethnohistórico a seguir

Imagem: 2 - Mapa Ethnohistórico



Reprodução parcial do mapa Ethnohistórico de Nimuendajú – Adaptação da autora

Fonte: NIMUENDAJU, Curt. Rio de Janeiro: IBGE, 1981

Identificação de Sítios arqueológicos Tupi relatados nessa pesquisa (Coronel José Dias-PI, Caldeirão Grande -PI, Teresina-PI, Araripina-PE.

Parnaíba (da barragem até Teresina), e o Baixo Parnaíba que segue da capital até a foz, no Oceano Atlântico. Suas águas banham mais de 40 municípios brasileiros.

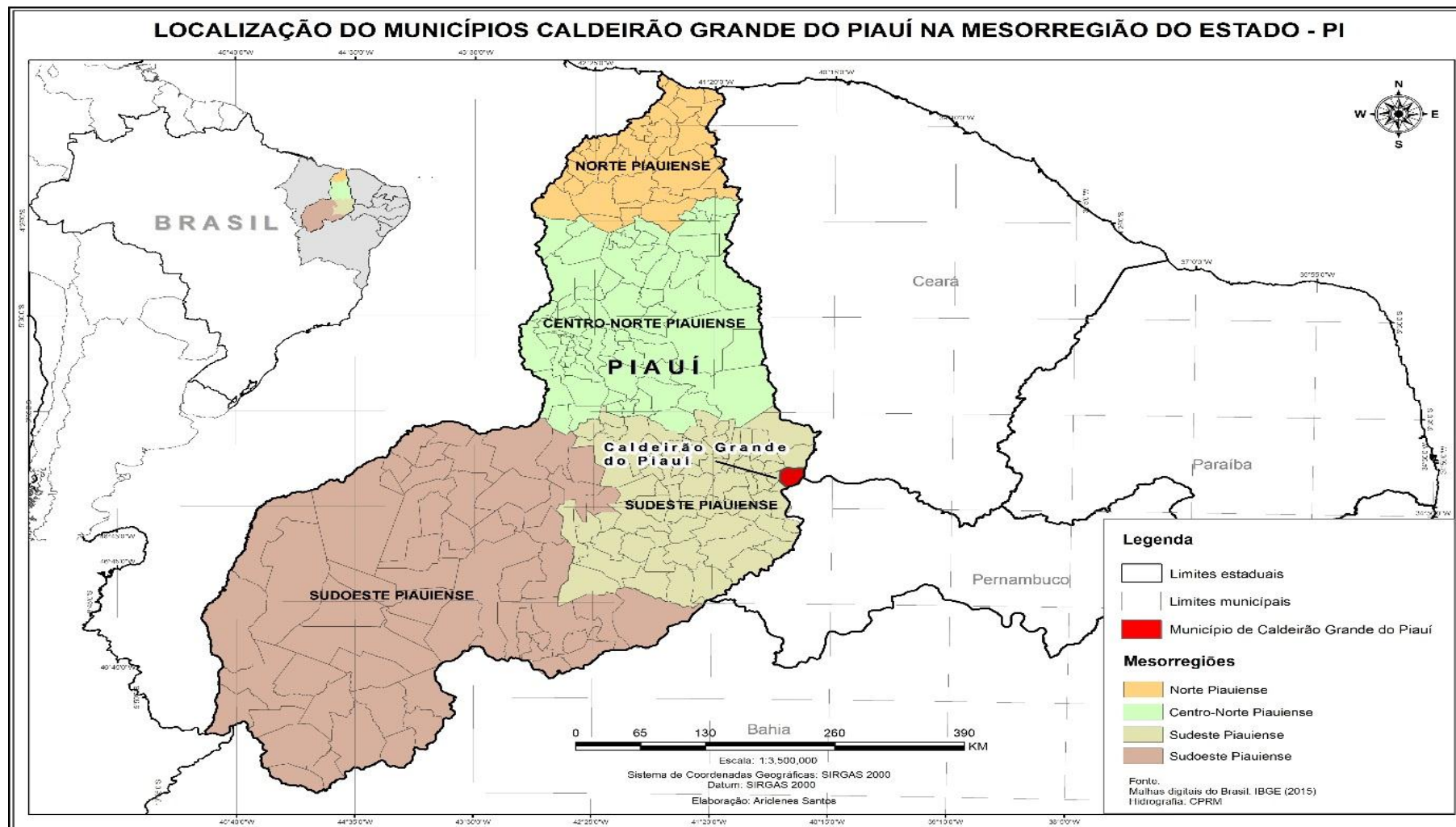
3 A ÁREA DE ESTUDO

O estado do Piauí é um entre os 27 estados federativos do Brasil, localizado na região Nordeste, fazendo fronteiras com o estado o Ceará e Pernambuco a leste, Bahia sul e sudeste, Tocantins sudoeste e Maranhão a oeste. Em uma escala macroespacial o estado do Piauí está dividido em quatro mesorregiões: Mesorregião Norte piauiense, Mesorregião Centro-Norte Piauiense; Mesorregião do Sudeste Piauiense; Mesorregião do Sudoeste Piauiense, que servirão aqui como meio de compreensão de como está estruturado politicamente/espacialmente o estado do Piauí atualmente, para assim compreender a localização das populações indígenas no período pré-colonial que foram identificadas até o momento, mesmo que naquela época esse território não estivesse assim delimitado e tão pouco essas populações eram enraizadas em um único local.

A área que delimita essa pesquisa está localizada na Mesorregião Sudeste piauiense identificada no mapa a seguir (imagem 3) abrangendo mais de 15 municípios.

Especificamente os artefatos arqueológicos base dessa pesquisa foram “resgatados” no município de Caldeirão Grande do Piauí identificado no (mapa 3) abaixo na cor vermelha, nas divisas com o estado do Ceará e Pernambuco, na parte que compreende ao território da Chapada do Araripe.

Imagem 3 – Área de pesquisa com relação a Mesorregião Sudeste Piauiense



Fonte: Elaborado por Santos, 2018.

3.1 Caldeirão Grande do Piauí

Originando-se a partir da Fazenda Caldeirão, de propriedade do Sr. Clarindo Dias Neto. Com a construção da capela de São José, a localidade passou a ser chamada de São José do Caldeirão, quando passou à categoria de povoado pertencente ao município de Fronteiras do Piauí ainda no século XX, foi com o nome de Caldeirão Grande.

O município de Caldeirão Grande do Piauí está localizado na Mesorregião Sudeste do estado do Piauí sob as coordenadas Latitude: 07° 19' 55"S Longitude: 40° 38' 14" W, de acordo com dados do IBGE, o distrito pertencia ao município de Fronteiras, sendo desmembrado no dia 22 de abril de 1992, sobre o plebiscito eleitoral. Por intermédio da lei nº 4. 477, de 29 de abril de 1992, quando foi criado oficialmente o novo município de Caldeirão Grande do Piauí.

Sua área territorial é de 494, 892 km² e sua população de 5.671 (IBGE, censo, 2010.) tem como limites o município de Fronteiras-PI ao norte, Marcolândia-PI; Araripina-PE ao Sul, Alegrete do Piauí e Francisco Macedo-PI ao oeste e Salitre-CE ao leste.

O relevo da região é plano com partes onduladas e planaltos, a predominância de planuras que abrangem a chapada do Araripe e a transição sertão/chapada. As denominações locais para as serras compreendem Serra dos Cocos e serra do Pau D'Arco. Os solos são rasos ou pouco espessos, resultantes da alteração do siltito, arenito, calcário, lentes de gipsita, granitos, gnaise, quartzito e xisto. A vegetação predominante é a caatinga com vegetação arbórea, arbustiva e cactos.

O clima na região é semiárido, de acordo com o relatório da CPRM/PRODEM “é caracterizado por taxas pluviométricas anuais que variam de 500 mm a 700 mm, com a concentração das chuvas entre os meses de novembro a abril. A temperatura média anual nessa região é de 26°C. (CPRM/PRODEEM, 2005).

Os recursos hídricos são de pouca revelação sendo formado pelo rio Curimatá e vários riachos como: riacho da roça, riacho do garrote, curral velho, pereiros, bandeira, tanque e várzea comprida, aparentemente se manifestam nos meses chuvosos.

A economia do município gira em torno da agricultura: com o cultivo de milho, feijão, mandioca, algodão e da agropecuária: com a criação de bovinos, ovinos, suínos, caprinos e aves. A atividade extrativa também é representada pela fabricação de placas de gesso e marcenaria. As comunidades de Caldeirão Grande do Piauí são representadas pela: Serra dos Pereiros, Serra da Batinga, Sítio do Moleque, Curimatá, Várzea Comprida.

3.2 A chapada do Araripe como área de estudo arqueológico

A área de extensão territorial da Chapada do Araripe engloba 103 municípios, sendo 25 no estado do Ceará, 18 em Pernambuco e 60 no Piauí, possui extensões com contextos ambientais ricos e diferenciados como: as áreas de depressão, vales, encostas e topo de chapada todos com suas particularidades (hidrografia, geomorfologia, vegetação), no entanto, foram identificados vestígios da presença humana em ambas as áreas com uma cronologia que variam de 180 ± 25 datadas por termoluminescência a 340 ± 150 datadas por carbono 14.

Dentro desse contexto de mesorregião da Chapada do Araripe²⁰, mas especificamente na porção piauiense que está inserido minha delimitação de estudo sobre populações Tupi naquele território.

De especial interesse para essa pesquisa são as feições apresentadas na porção piauiense da Chapada do Araripe entre os domínios geoambiental de topo de chapada. O território que compreende a porção Piauí está quase todo nos domínios das feições geográficas denominada de encostas e de topo de Chapada, que seriam as áreas mais elevadas em relação ao nível do mar, logo seriam territórios com menor índice de recursos hídricos, que poderiam impossibilitar a estadia de grupos humanos por longos períodos de tempo.

Geoambientalmente falando a chapada do Araripe apresenta a dualidade da Depressão Sertaneja, conhecida popularmente como os Sertões, e a Chapada. A Depressão Sertaneja “pode ser caracterizada como um extenso pediplano com relevo suavemente ondulado e cotas altimétricas variando de 350m a 500m” (AMARAL, 2015, p.144), “em relação ao nível do mar: para a Chapada está apresenta feição tabular de superfície horizontal a sub-horizontal, com gradiente topográfico variando de 960m na parte oriental a 760m na parte ocidental” (AMARAL, 2015, p. 144). Ao longo do planalto aparecem platôs com mais de 800m de altitude.

Segundo Assine (1990) a Chapada é formada por plataformas sedimentares referidas ao Cretáceo e Siluriano-Devoniano Inferior, apresentando configuração predominantemente plana com partes suavemente onduladas (ASSINE, 1990. *Apud* AMARAL 2015, p.144).

20 A Mesorregião Chapada do Araripe possui uma área total de 76.654,3 km². Numa área classificada geologicamente como Bacia do Araripe. Essa bacia é constituída de 9.000 km² de área, que se estende desde a Chapada do Araripe até o vale do cariri, entre os estados do Pernambuco, Ceará e Piauí, constituindo assim a mais extensa das bacias do interior do Nordeste do Brasil (SENNÁ, 2007, p. 37).

Entretanto, nos estudos realizados por Senna (2007) e Amaral (2015) no município de Araripina –PE, observando a declividade do relevo, que variam entre: plano (0,0 a 9,9°); suavemente ondulado (10,1 a 24,9°); ondulado (25,0 a 44,9°); fortemente ondulado (45,0 a 59,9°); e escarpado (60,0 a 90,0°), em ambas as áreas entre a Depressão e a Chapada foram encontrados artefatos e sítios arqueológicos.

Segundo Amaral (2015)

[...] Deste modo, podemos ponderar que o relevo não foi um fator limitante à circulação humana em nossa área de estudo. As baixas declividades imperam tanto no topo da Chapada como nos vales fluviais da Depressão Sertaneja, permitindo o livre deslocamento no interior destas áreas e possibilitando que os caminhos ou rotas a serem percorridos não sejam determinados pelo relevo. Por outro lado, apesar da inclinação do terreno ser maior nas áreas de transição entre Chapada e Depressão Sertaneja, ainda assim existem pontos com relevo ondulado e suavemente ondulado que facilitariam o acesso entre essas áreas (AMARAL, 2015, p. 146).

Nessa perspectiva que amplio a extensão de Araripina-PE até o município de Caldeirão Grande do Piauí no quesito de observação da geologia, geomorfologia e geografia. O município de Araripina está a uma distância de menos de 30 quilômetros em linha reta da área aqui pesquisada, logo, foram ambientes próximos e propícios para circulação dessas populações, como foi mencionado anteriormente, uma vez que foram encontrados vestígios da presença humana em ambas as áreas.

Com base em Amaral (2015), a depressão sertaneja predomina um conjunto de rochas sedimentares, tais como arenitos, siltito, folhelos e conglomerados, bem como há locais com fontes de quartzo e granito; na chapada há presença de arenitos argilosos e conglomeráticos (formação Exu²¹) e folhelhos e calcários nas vertentes (formação Santana²²).

O recorte desta pesquisa é feito pelos artefatos arqueológicos resgatados em três sítios arqueológicos evidenciados no topo da chapada, em área piauiense, bem como a integração

21 A Formação Exu constitui uma capa contínua em toda a extensão da Chapada, representada por uma sequência de arenitos vermelhos friáveis, argilosos, em geral caulínicos, de granulometria variável, contendo leitos intercalados de arenitos grosseiros e conglomeráticos. Pode apresentar-se bastante silicificada. Todo o conjunto repousa discordantemente sobre a Formação Arajara, constituindo bancos grosseiramente acamadados, com estratificações cruzadas, evidenciando litofácies típicas de depósitos fluviais” (AGUIAR et al, 2006, p.7. Apud. AMARAL,2105, p.147).

22 A Formação Santana é subdividida em três membros: Crato, Ipubi e Romualdo, da base para o topo. O Membro Crato constitui um pacote com espessura média da ordem de 50 metros, compreendendo folhelhos cinzas, calcíferos, laminados e calcários cinza claro e bege, argilosos e finamente laminados. Representa uma fácies de um sistema deposicional lacustre. O Membro Ipubi constitui-se predominantemente por bancos estratiformes de gipsita, com intercalações de folhelhos cinza e verdes, típicos de ambientes transicionais predominantemente evaporíticos. Todo o conjunto tem, em média, uma espessura de 30 metros. O Membro Romualdo é composto por folhelhos e margas fossilíferos cinza-esverdeados, onde ocorre um horizonte intercalado rico em concreções carbonáticas de dimensões variadas, contendo na sua maioria peixes fósseis de alto valor científico e econômico. Seu ambiente de formação é lagunar e marinho raso e sua espessura varia entre 2 a 15 metros” (AGUIAR et al, 2006, p.6. Apud AMARAL, 2015, p.147).

geoambiental e espacial de inserção dos sítios arqueológicos, cujo objetivo é compreender o estabelecimento e as vivências humanas (cotidianas ou ritualísticas) naquele território.

Logo, desde a década de 1980 vêm sendo registrados sítios arqueológicos dispostos nos diferentes ambientes da chapada. Desde então, sítios de registro rupestres em abrigo sob rocha ou matacão, sítios lito-cerâmicos a céu aberto e sítios de oficinas líticas fazem parte do rico contexto de ocupação humana da região.

Dentro dessa perspectiva os pesquisadores começaram a realizar projetos pontuais, iniciando praticamente em área pernambucana com Marcos Albuquerque, através do projeto “Os grupos ceramistas agricultores do semiárido pernambucano” (SENNA, 2007, p.14).

Em 2004, dando seguimento as pesquisas arqueológicas na chapada do Araripe, estas se estenderam aos três estados (Pernambuco, Ceara e Piauí) com o projeto: “A dispersão da Tradição Nordeste: da Serra da Capivara (PI) até o Vale o Seridó (RN/PB)”, no tocante foram identificados sítios com pinturas rupestres (SENNA, 2007, p. 54), percebe-se que essa era a iniciativa e objetivo do projeto

Anos mais tarde Oliveira, busca dar seguimento as pesquisas na região de Araripina -PE, caracterizando culturalmente os grupos ceramistas para aquela área, delimitando áreas de ocupação e verificando a existência de processos de adaptação ao meio ambiente, e fazendo análise das tecnologias dos materiais encontrados (AMARAL, 2015).

Os sítios arqueológicos registrados nos projetos (Albuquerque, 1991. Oliveira et al. 2006. *Apud.* SENNA, 2007), na área pernambucana, foram caracterizados como sítios lito-cerâmicos e oficinas líticas. Foram encontrados diversos vestígios materiais de grupos ceramistas, essa cerâmica foi inicialmente vinculada a tradição Tupiguarani no estado do Pernambuco (SENNA, 2007, p. 55).

Enquanto que na porção cearense foram encontrados sítios arqueológicos com registros rupestres, distribuídos em uma área que se estende entre os município de Nova, Olinda, Campos Sales, Crato, Santana do Cariri e Mauriti.

Contudo, a área de ocorrência de sítios arqueológicos de características Tupi apresentam-se dentro de uma diversidade de ecossistemas, logo em contexto de semiárido nordestino os sítios de Pernambuco não se encontram isolados, uma vez que na mesorregião Sudoeste do Piauí, foram identificados outros sítios de agricultores ceramistas filiado a povos Tupí, estudados desde a década de 1970 (Maranca, 1976, 1977; Vilhena, 1976; Meggers e Maranca, 1980), e conseqüentemente os identificados recentemente nas demais regiões piauiense não foge do contexto semiárido, logo escapa aos modelos de floresta tropical proposto inicialmente na construção da literatura arqueológica sobre populações Tupís.

3.3 O topo da chapada como local de habitação, estabelecimento e vivências humanas

A chapada do Araripe como unidade fisiográfica, há áreas propícia para a permanência, habitação, estabelecimento e vivências de grupos indígenas em diferentes períodos cronológicos e temporal, possui características propícias para a agricultura, assim como matéria-prima para grupos ceramistas, produção de adornos, ferramentas líticas, servindo também como barreiras geográficas entre grupos humanos, como reafirmação a isso os sítios encontrados na região de Araripina os de topo de chapada estão mais para as bordas onde se pode observar os vales, assim como nas proximidades das fontes de água, no entanto isso não são regras padrões para o habitar humano.

Para Heidegger (1927), “habitar é um intercâmbio do homem com o meio” (*In*. SCHUBACK, 2002). Que não necessariamente é um habitar a partir de um construir edificações, uma vez que nem todas as edificações são habitáveis, logo seria estabelecer uma relação e uma vivência em um determinado “lugar”, ou melhor demorar-se nesse lugar, que seria a pausa necessária para esse envolvimento entre as pessoas, lugar e as coisas, que não deixa de ser uma construção, no entanto uma construção de “coisas”, relações e a própria construção da existência humana.

Logo, a análise de habitação proposta nesse contexto de pesquisa busca refletir a temporalidade da paisagem Ingold (2012), e a interação do homem²³ com essa paisagem, como perspectiva de habitação, estabelecimento e vivências dos grupos humanos²⁴ além da depressão sertaneja. Que seguindo os preceitos do determinismo ecológico seriam áreas mais propícias para habitação por conter um maior fluxo de recursos hídricos e, portanto, matéria-prima de maior acessibilidade.

Contudo, a partir dos estudos realizados no território da Chapada do Araripe, percebe-se a diversidades de ambientes (depressão sertaneja, vales, encostas, topo da Chapada), caracterizados a partir das feições geomorfológicas, estes ambientes podem ter sido locais de habitação, passagem ou estabelecimento de populações pretéritas, identificadas hoje através das coisas deixadas em ambos os ambientes formando assim os sítios arqueológicos, coisas essas que constituíram suas vivências e atestam um processo de envolvimento entre as pessoas

23 Homem é entendido nesse contexto como representação de pessoas, indivíduos, etc.

24 Integra homens, mulheres crianças, etc.

naquela paisagem, e que estas foram encontradas tanto na área da depressão como no topo da chapada.

Essa integração do homem com o meio que o conectam com a paisagem, as coisas seriam os fluxos que integra a possibilidade de compreender como “as coisas fazem as pessoas e as pessoas fazem as coisas” Miller (2013), ou melhor as pessoas habitam com maior resistência em um local quando passam a construir suas culturas e estas por sua vez os modificam as pessoas.

Como foi mencionado anteriormente, a geomorfologia não foi um fator determinante para a circulação humana na região em estudo, tão pouco seria limitante para estas populações se estabelecerem e interagir com o meio e assim habitar aquele território no período que antecede a chegada do colonizador.

3.4 Descrição dos Sítios arqueológicos em estudo

Os sítios abordados nessa pesquisa foram selecionados em decorrência da proximidade e distância com relação a dispersão na paisagem, pela similaridade e diferença dos conjuntos de coisas encontradas em cada um desses, pelas características das coisas que remetem a populações tupís e, estas poderão ser analisada em tempo hábil da pesquisa.

A partir do conjunto de coisas evidenciadas durante a etapa do resgate arqueológico, das informações obtidas durante a etapa de educação patrimonial nas comunidades do entorno, da análise laboratorial, dos problemas específicos dessa dissertação, foram optados para estudo de forma mais sistemática e intensiva “coisas” de três desses sítios arqueológicos²⁵. Estes concentram-se na porção Oeste no topo da Chapada do Araripe, e corresponde a Área Diretamente Afetada (ADA) para implantação do Complexo Eólico Caldeirão Grande.

Durante a etapa de resgate arqueológico dos três sítios abordados nesse estudo, foi realizada com a participação de um grupo de estudantes de Arqueologia e Preservação Patrimonial da UNIVASF. O que veio a contribuir para suas pesquisas de TCC. E em seguida dar início a esta pesquisa de mestrado.

Logo realizar a descrição dos sítios proposta nessa dissertação, organizar e descrever cada uma das etapas, desde a percepção²⁶, identificação e registro do sítio arqueológico nos órgãos

25 Sítio arqueológico Juazeiro, Sítio arqueológico Cachoeirinha I e Sítio arqueológico Brite I.

26 Ato, efeito ou capacidade de perceber alguma coisa.

competentes²⁷, a coleta, registro do material em campo, até sua curadoria e análise em laboratório, para assim partir de fato para as interpretações possíveis sobre as pessoas que se estabeleceram, viveram naquele local, fizeram uso das coisas encontradas naquela “paisagem” buscando compreender uma possível temporalidade.

Foi percebível que o essencial é sempre registrar todos os detalhes decorrido em campo, isso enriquece para uma possível interpretação sobre aquele emaranhado de coisas dispersas naquela paisagem, bem como deixar registrado em caderno de campo as sensações e percepções ao realizar as atividades em campo essas podem auxiliar nas interpretações arqueológicas futuras.

3.4.1 A metodologia de Campo

A pesquisa arqueológica em campo baseia-se por meio de identificação de vestígios humanos, a escavações em locais ocupados por grupos humanos. Nos últimos anos têm sido intensificada em áreas que serão impactadas por empreendimento de grande porte. A tentativa é acessar o registro arqueológico através da escavação, os dados coletados diretamente do registro ou os fornecidos por análises de laboratório devem ser úteis para a formulação de inferências para a interpretação do processo de formação do registro arqueológico e construir narrativas sobre os grupos humanos que deixaram tais registros.

Quanto ao resgate dos três sítios específicos se deu através da coleta de dados do registro arqueológico com a utilização de quatro intervenções:

- Levantamento topográfico e delimitação da área de ocorrência de artefatos e demais vestígios de atividade humana pretérita com a utilização de estação total;
- Coleta sistemática de cultura material por meio de plotagem individual com estação total;
- Unidades de escavação (trincheiras, sondagens e poço testes (P.T));
- Peneiramento das leiras amontoadas²⁸ nas proximidades de onde foram consideradas o perímetro do sítio

Levantamento topográfico e delimitação das áreas de ocorrência.

²⁷ Instituto do Patrimônio Histórico Artístico e Nacional (IPHAN)/CNA- Centro Nacional de Arqueologia.

²⁸ Amontoados de sedimento formados pelas máquinas no processo de supressão vegetal.

Foram realizadas atividades de levantamento topográfico, por meio da estação total, (imagem 4), em detrimento dos sítios que sofreram impacto pelas máquinas como foi o caso do sítio arqueológico Cachoeirinha I e sítio arqueológico Brite I, georeferenciando os artefatos de superfície, subsuperfície e delimitando unidades de escavações e perímetro do sítio.

Imagem 4- Levantamento topográfico.



Fonte: Relatório de Resgate, M. Arq. E. Patrimonial. A.B.C, 2016

Segundo Costa (2017),

A utilidade da topografia para as pesquisas de campo em arqueologia é a possibilidade de inserir dentro de uma malha topográfica os artefatos culturais, demarcando assim, a posição horizontal das peças definidas em planos cartesianos X e Y, que se cruzam em um ponto de origem permitindo assim a posterior realização da planta baixa do sítio arqueológico por meio de softwares, e também possibilitando a observação do material no espaço para buscar, posteriormente, interpretações quanto ao uso do espaço e compreender as relações sociais e culturais dos grupos humanos do passado que ocorreram naquele ambiente (COSTA, 2017, p. 26).

Nessa perspectiva os locais que apresentaram maior concentração de materiais foram selecionados para a abertura de unidades de escavações com trincheiras, sondagens e poço teste (P.T²⁹). Assim como as áreas que não apresentaram artefatos em superfície foram objetos de sondagem, e poço teste, para verificar sua “infertilidade arqueológica”.

Coleta sistemática da cultura material

²⁹ P.T em geral, aberto com uma ferramenta (cavadeira de boca articulada) com diâmetro de 30 cm.

Após a delimitação das áreas de ocorrência, foram realizadas a coleta sistemática de superfície por meio da plotagem individual dos artefatos e vestígios de atividade humana, acompanhados de levantamento fotográfico de exemplares (imagem 5 e 6) de acordo com os critérios de significância, em termos de informação cultural (elementos tecno-tipológicos, funcionais, estéticos, etc.).

Imagem 5 - Registro fotográfico de campo



Fonte: acervo da autora

Imagem 6 - Coleta individual de superfície



Fonte: acervo da autora

Unidades de Escavações

Após o registro topográfico e fotográfico das unidades individuais, foi realizada a coleta do material de superfície acompanhado de etiquetagem, dando início ao processo de escavação das trincheiras (imagem 7), conjunto de quadriculas de iguais dimensões, iniciando com as dimensões de 10 m por 1m, 5m por 1m; As sondagens individuais (imagem 8) de 1m². A dimensão de cada unidade e a distância entre estas foi definida em função da extensão, densidade de vestígios de atividade, profundidade e integridade do registro arqueológico.

Quando necessário, as trincheiras foram ampliadas para tornar possível a evidenciação de quaisquer vestígios de atividade, conjuntos de artefatos, estruturas ou demais vestígios significativos sob o terreno. A perspectiva foi a de registrar integralmente os vestígios evidenciados, numa tentativa de obter amostras e dados significativos, para a interpretação dos conjuntos de artefatos e de vestígios, inferindo as atividades que se desenvolveram no sítio (REDMAN, 1975; LIZEE & PLUKETT, 1996; ORTON, 2000. *Apud.* RELATÓRIO DE RESGATE, MONITORAMENTO ARQUEOLÓGICO E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL. ABC, 2016).

Imagem 7 – Abertura de Trincheira – sítio arqueológico Juazeiro.



Fonte: acervo da autora

Imagem 8 - Sondagem individual – Sítio arqueológico Cachoeirinha I



Fonte: Relatório de Resgate, M. Arq. E. Patrimonial. A.B.C, 2017, Central eólica Brite

3.4.2 Metodologia de Análise do material cerâmico em laboratório

Os artefatos arqueológicos foram analisados levando em consideração o contexto da área em que os sítios estavam inseridos, buscando atender os procedimentos específicos de apresentação de relatórios para o IPHAN, as tecnologias empregadas na construção dos artefatos, bem como buscar compreender as relações e interações humanas em áreas interioranas do Piauí.

Para tanto os procedimentos metodológicos adotados basearam-se em La Salvia e Brochado (1989); Araújo e Carvalho (1993); Nascimento e Luna (1994); Caldareli (2003); Costa (2005) sendo adaptados de acordo com o método usado em campo e o contexto local

A análise do material cerâmico foi desenvolvida de forma que permitiu identificar os atributos tecnológicos, seguindo as seguintes etapas³⁰:

1. Limpeza: os fragmentos cerâmicos foram limpos com o auxílio de uma escova de cerda macia;

³⁰ Ver ficha de análise em anexo 2

2. Identificação: numerados (tombados) com os dados de campo (sigla do projeto + etiqueta);
3. Na sequência foi realizada uma triagem dos fragmentos cerâmicos. Separando - os em unidades. As unidades foram definidas com base no tipo de aditivo/pasta mais o tipo de Tratamento de Superfície Externo (T.S. E), como por exemplo, **unidade 1:** (areia + T.S. E alisado); **unidade 2-** (areia + bolo de argila e T.S. E pintado); **unidade 3** (bolo de argila + T.S. E polido), **unidade 4:** (areia + T.S. E escovado) entre outros tipos de aditivo/pasta e T.S.E que serão apresentados através dos gráficos no tópico de apresentação individual de cada sítio, essa ação possibilitara interpretações sobre atributos tecnológicos e culturais além da possibilidade de estipular cronologias;
4. Após a análise dos componentes de cada unidade (aditivo/pasta + T.S. E), foi feita uma triagem sobre o tratamento de superfície interna (T.S. I) sendo caracterizados em grupo os fragmentos com ou sem decoração como, por exemplo, **grupo 1:** T.S.I alisado; **grupo 2:** T.S.I pintado; **grupo 3:** T.S.I engobado; **grupo 4:** T.S.I polido; **grupo 5:** T.S.I escovado entre outros tipos de tratamento que serão apresentados através dos gráficos no tópico de apresentação individual de cada sítio;
5. Dentro de cada unidade e grupo foram identificadas as características morfológicas (base, bojo, borda, apêndice-asa/alça, borda/bojo), considerando a possibilidade de reconstituição ou identificação dos fragmentos de um mesmo vasilhame. Estas também serão apresentadas nos gráficos do tópico individual de cada sítio;
6. Em seguida foi realizada a identificação da técnica de manufatura, na qual consistiu em identificar as técnicas de produção da cerâmica, como por exemplo: acordelada, modelada, moldada e torneada;
7. Quanto à queima está pode ser completa ou incompleta; a queima completa é aquela em que a peça possui uma cor uniforme; quanto à incompleta é possível perceber áreas escuras. No entanto essa não foi considerada nessa pesquisa.

Grande maioria dos artefatos resgatados de cunho pré-colonial é composto por conjuntos artefatuais líticos e cerâmicos. Estes são integralmente encontrados, sendo os mais numerosos vestígios que indicam a ocupação humana pretérita, em sítios arqueológicos brasileiro. Contudo, material colonial também foi evidenciado.

No entanto a base desta pesquisa são os artefatos cerâmicos selecionados por apresentar características que remete a populações Tupi no período pré-colonial, por esse motivo apenas esses foram apresentados a metodologia de análise, enquanto que os demais serão apresentados de forma sucinta nos capítulos seguintes.

3.4.3 Sítio Arqueológico Juazeiro

O sítio arqueológico Juazeiro encontra-se localizado na Serra dos Caboclos, no município de Caldeirão Grande do Piauí-PI. Coordenadas em UTM 24 M 326225.00 m E 9188448.00 m S– Datum WGS 84. Sua área de abrangência e de cerca de 170 m por 160 m de extensão, relevo pouco irregular, em área de roçado, que até pouco tempo foi utilizada para cultivo de mandioca. Faz parte de um conjunto de 16 sítios arqueológicos³¹ resultados da primeira etapa na área de implantação do Complexo eólico Caldeirão I e II, desses 8³² sítios arqueológicos apresentaram coisas com características que remetem a populações Tupi, resultados do processo de diagnóstico, intervenção e resgate arqueológico na área de implantação do Complexo Eólico Caldeirão Grande, nas divisas dos estados do Piauí, Ceará e Pernambuco.

O sítio arqueológico Juazeiro está localizado a pouco mais de 4 quilômetros em relação ao sítio arqueológico Cachoeirinha I, na porção oeste da Chapada do Araripe e apresenta um relevo plano como sua principal característica em uma área de topo de chapada que atinge de 800m a 900m em relação ao nível do mar.

Entretanto, o sítio arqueológico Juazeiro é um sítio multicomponencial, apresentando fragmentos pré-coloniais³³ e colonial³⁴, por estar instalado em área de roçado foi possível perceber objetos que atestavam locais de ocupação “recente”, que podem ter servido como base de apoio para o roçado.

As atividades de campo

A partir da concentração de coisas identificadas e plotadas por meio da topografia (imagem 8), foi realizado 8 sondagens (1x 1 m) com profundidade de 40 a 50 cm (imagem 9, 10), 3 trincheiras iniciando com 1m por 10 m e expandido na medida em que houve evidências de material arqueológico, estas chegaram até a profundidade de 30 a 50 cm (imagem 11, 12).

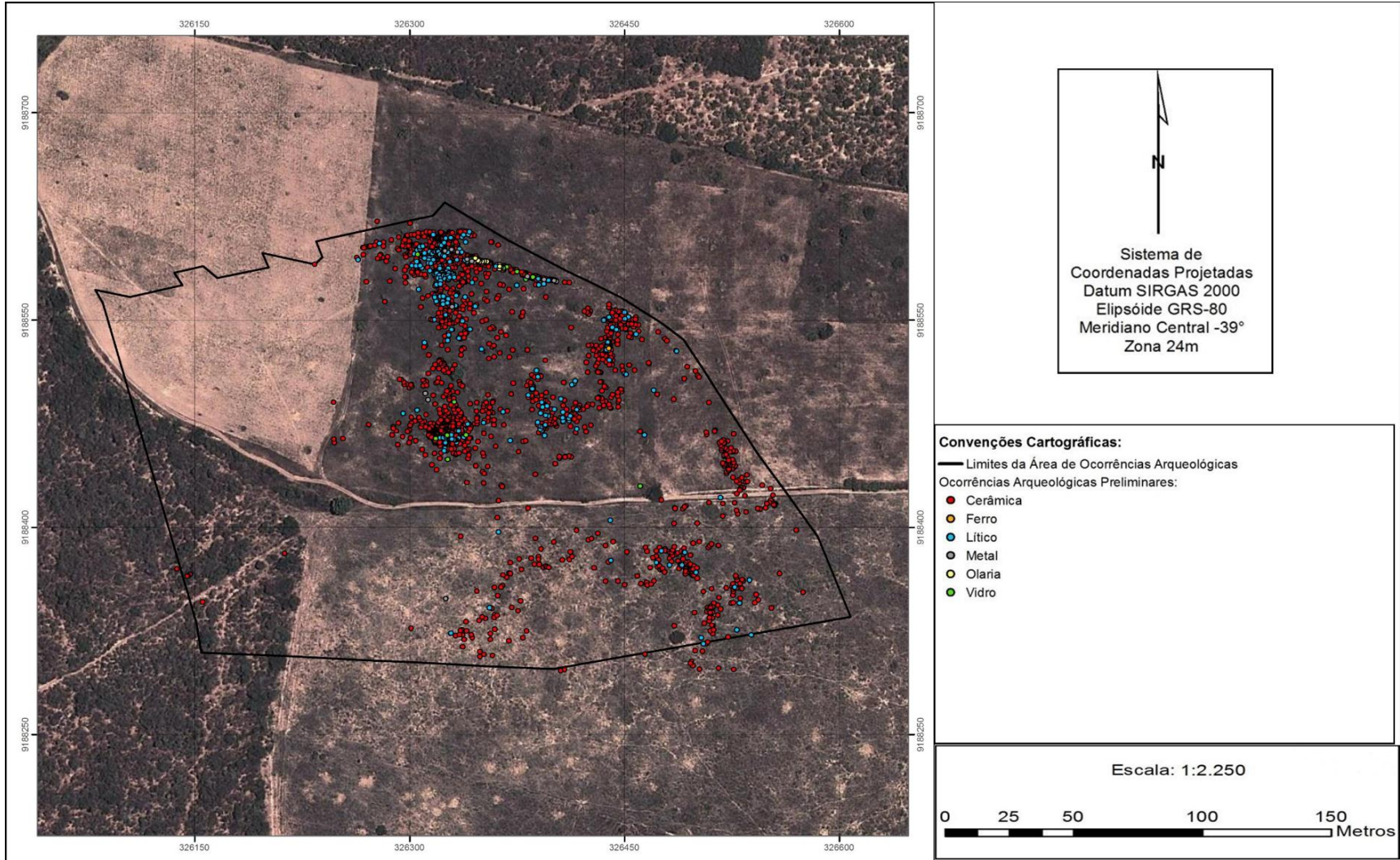
31 Sítio arqueológico Juazeiro; Sítio arqueológico Serra dos Caboclos II; Sítio arqueológico Caminho Novo; Sítio arqueológico Serra dos Caboclos III; Sítio arqueológico Serra dos Caboclos I; Sítio arqueológico da Viúva; Sítio arqueológico Alagoinha I; Sítio Arqueológico São Basílio I; Sítio Arqueológico Alagoinha II; Sítio Arqueológico Brite I; Sítio arqueológico Brite II; Sítio arqueológico cachoeirinha I; Sítio arqueológico Cachoeirinha II; Sítio arqueológico Cachoeirinha III; Sítio São Basílio II, Sítio Arqueológico Serra da Batinga.

32 Ver tabela em anexo 3.

33 Abordados nesse estudo como os objetos de produção indígena.

34 Entendidos aqui, não necessariamente como o período colonial no Brasil, e sim como uma técnica de confecção de materiais de construção que tem início durante a colonização porém ultrapassa esta época.

Imagem 9 - Limite do Sítio Arqueológico Juazeiro com a concentração de material arqueológico em campo



Fonte: Relatório de Resgate, M. Arq. e E.Patrimonial; A.B.C, 2016. Central eólica Notus. Adaptação da autora

Imagem 10 -Delimitação de sondagem 1



Fonte: Relatório de Resgate, M. Arq. E. Patrimonial. A.B.C, 2016, Central eólica Notus

Imagem 11 - Sondagem 1 escavada



Fonte: Relatório de Resgate, M. Arq. E. Patrimonial. A.B.C, 2016, Central eólica Notus

Imagem 12- Vista da trincheira 1



Fonte: Relatório de Resgate, M. Arq. E. Patrimonial. A.B.C, 2016, Central eólica Notus

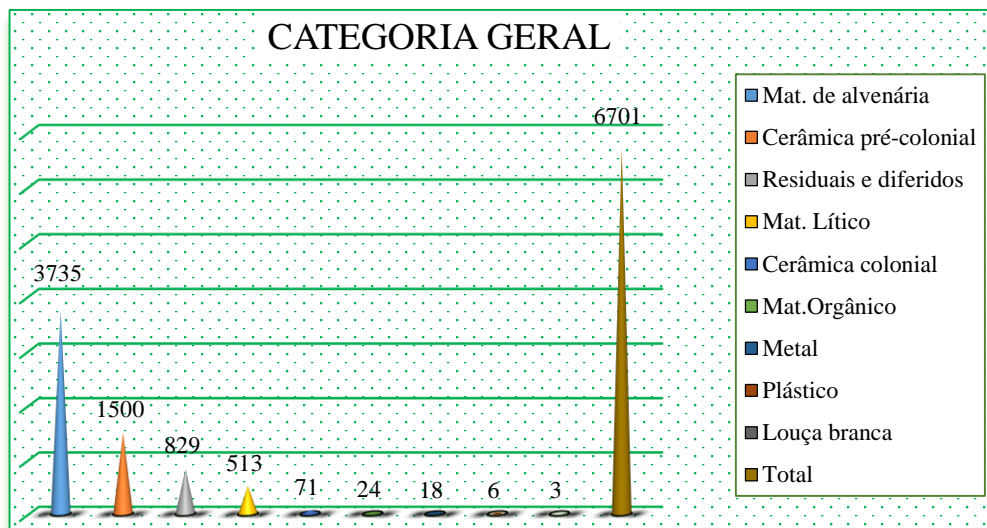
Imagem 13- Trincheira 1 escavada



Fonte: Relatório de Resgate, M. Arq. E. Patrimonial. A.B.C, 2016, Central eólica Notus

Logo, foram identificados 6.701 coisas arqueológicas apresentadas no gráfico a seguir (Gráfico 1) a categoria geral após serem analisadas em laboratório.

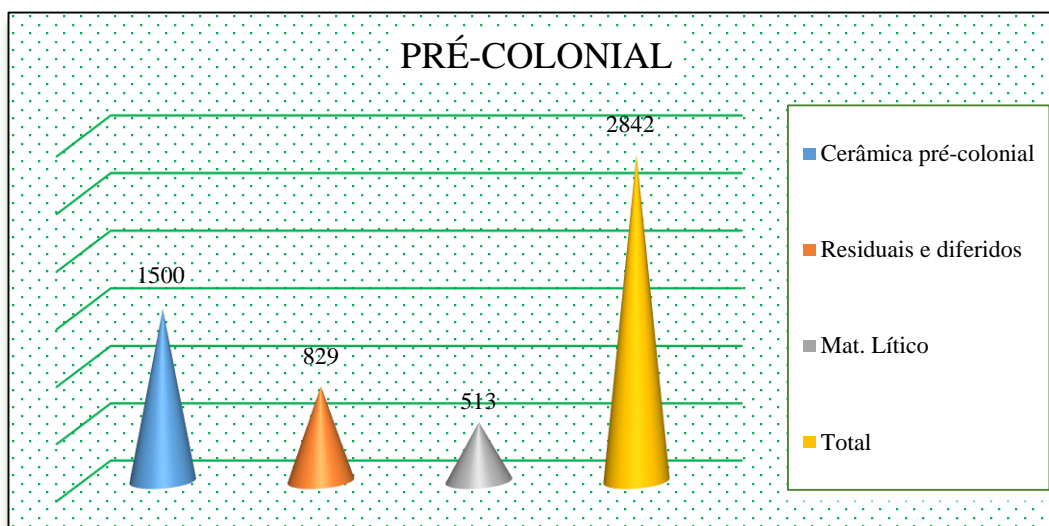
Gráfico 1 – Categoria geral das coisas do sítio arqueológico Juazeiro



Fonte: Elaboração da autora

A partir da categoria geral foram selecionados para análise interpretativa em busca de atingir os objetivos propostos, os artefatos pré-colonial apresentados no gráfico a seguir (gráfico 2):

Gráfico 2 – Coisas pré - coloniais

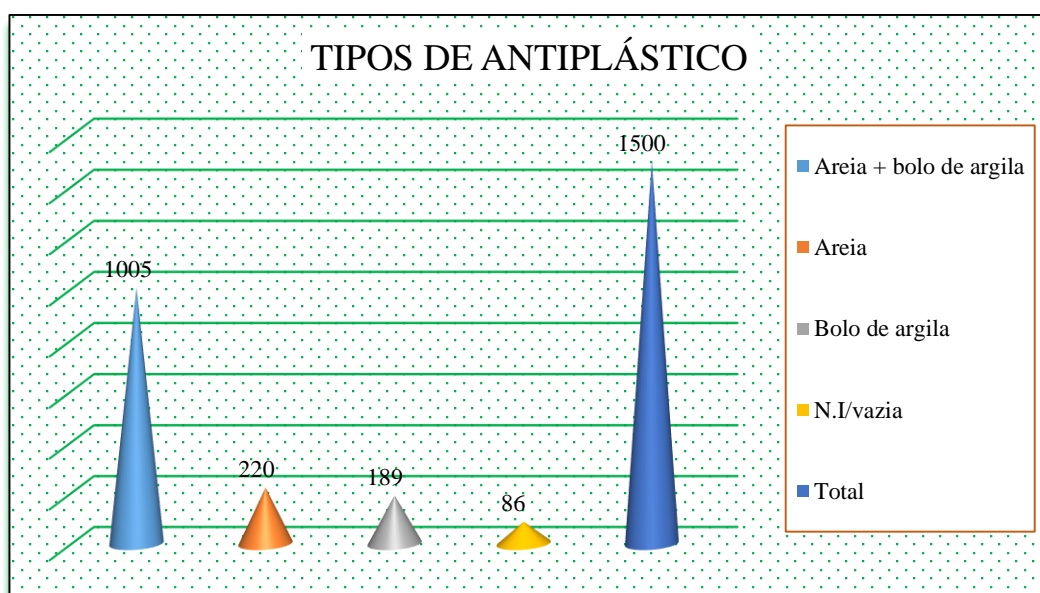


Fonte: Elaboração da autora

Em seguida foi realizado uma nova triagem, nos quais foram selecionados apenas o conjunto de cerâmica pré-colonial, passíveis de serem reconstituídas por meio do desenho hipotético, assim foi analisado o tipo de antiplástico (**gráfico 3**), T.S.E (**gráfico 4**); T.S.I (**gráfico 5**); morfologia (**gráfico 6**); tipos de borda (**gráfico 7**); e técnica de manufatura (**gráfico 8**).

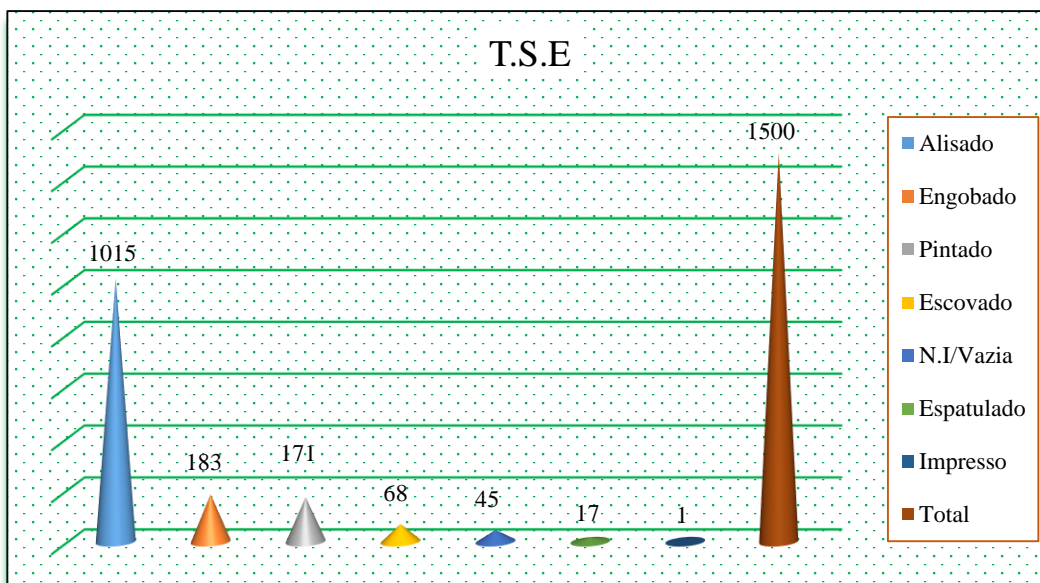
Quanto aos residuais e diferidos entende-se: Residuais são fragmentos que não foram possíveis de identificar tratamento de superfície externa e interna; os diferidos são fragmentos menores que três centímetros Luna (1994), logo não foram considerados nessa pesquisa.

Gráfico 3 – Tipos de antiplástico



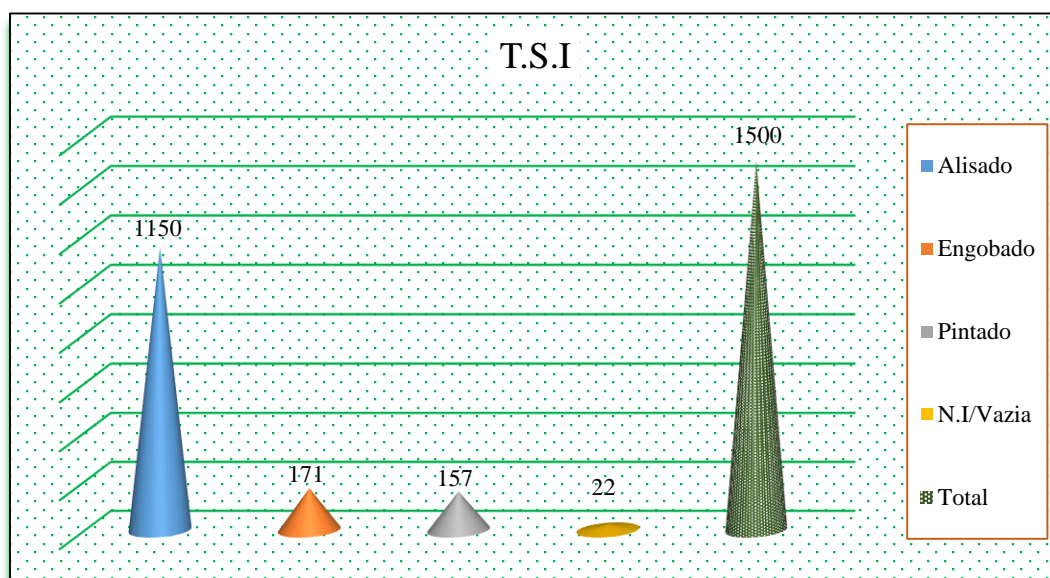
Fonte: Elaboração da autora

Imagem 4- Tratamento de superfície externa



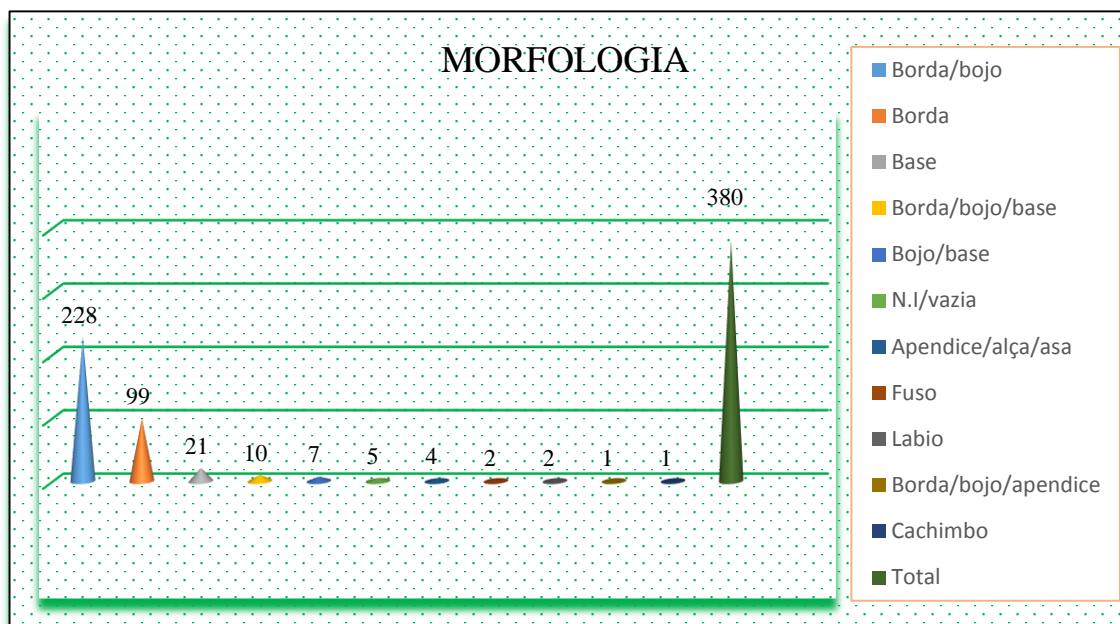
Fonte: elaboração da autora

Imagem 5- Tratamento de superfície interna



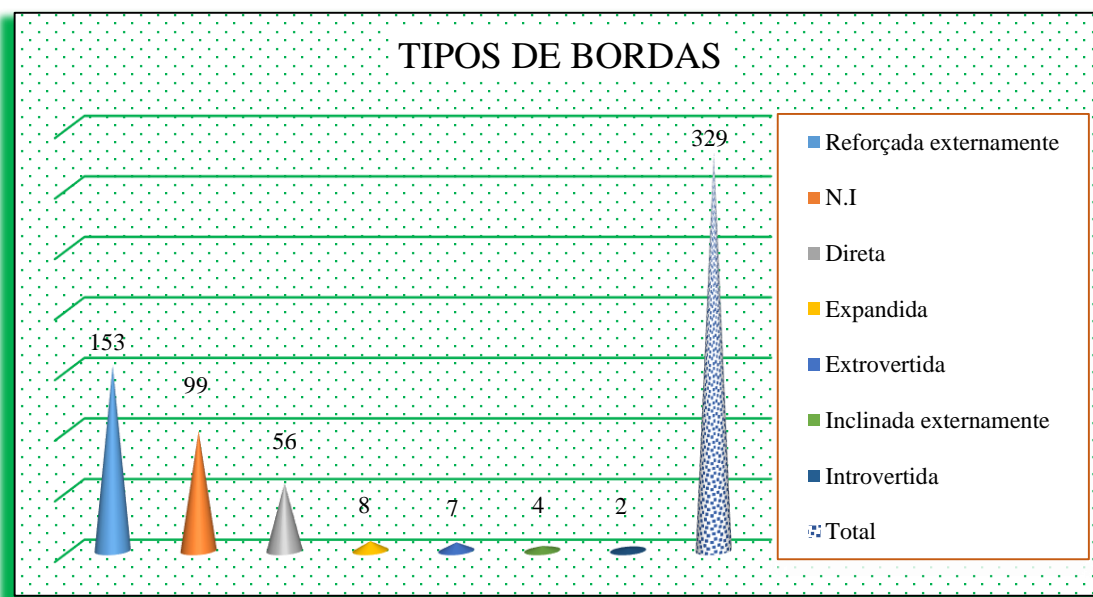
Fonte: elaboração da autora

Gráfico 6 - Morfologia



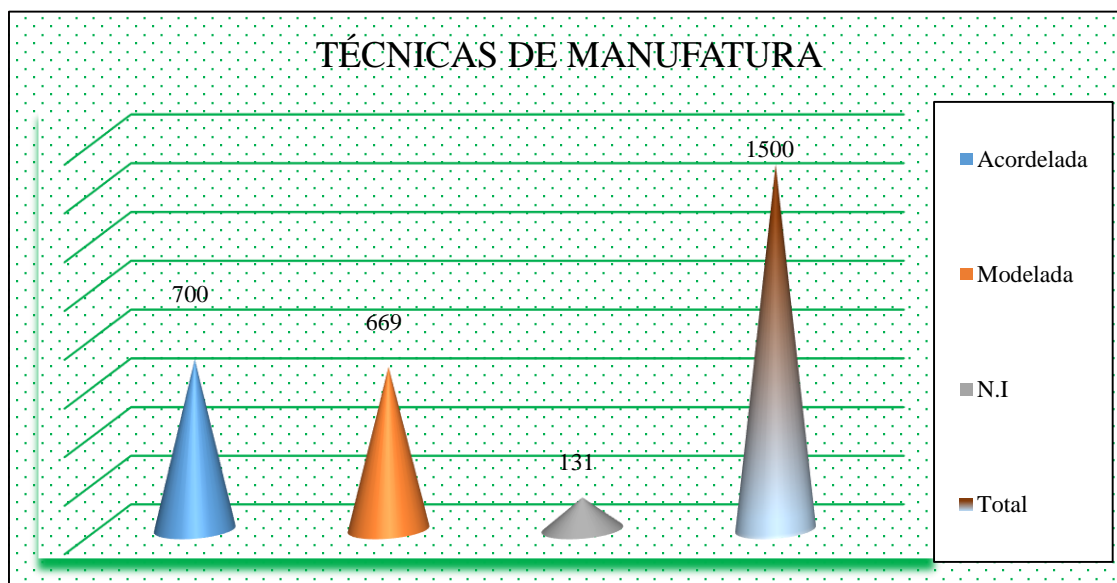
Elaboração da autora

Gráfico 7 – Tipos de bordas



Fonte: Elaboração da autora.

Gráfico 8 – Técnicas de manufatura



Fonte: Elaboração da autora

Dos 1.500 fragmentos cerâmicos que foram identificados, antiplástico, tratamento de superfície externa (T.S.E) e tratamento de superfície interna (T.S.I), morfologias, em seguida foram selecionadas algumas das bordas que apresentaram possibilidade de reconstituição por meio do desenho, observando o diâmetro de abertura, proferindo em seguida uma reconstituição hipotética. Visto que, não foi possível reconstituir através da colagem dos fragmentos encontrados, por esses estarem bem fragmentados e desgastado.

Contudo apresento a diversidade de coisas encontradas a partir da (prancha 1) a seguir:

Imagem 1- Núcleo em arenito silicificado - sítio arqueológico Juazeiro



Fonte: L.A.P.H UNIVASF

Imagem 2- Fuso em arenito silicificado – sítio arqueológico Juazeiro



Fonte: L.A.P.H UNIVASF

Imagem 3 –Fragmento de cachimbo tubular – sítio arqueológico Juazeiro



Fonte: Foto da autora

Imagem 4- Apêndice - sítio arqueológico Juazeiro



Fonte: L.A.P.H UNIVASF

Imagem 5- Cerâmica Colonial - sítio arqueológico Juazeiro



Fonte: Foto da autora

Imagem 6 - Borda - sítio arqueológico Juazeiro



Fonte: Foto da autora

Imagem 7- Borda - sítio arqueológico Juazeiro



Fonte: Foto da autora

Imagem 8- Borda/ bojo - sítio arqueológico Juazeiro



Fonte: Foto da autora

Imagem 9- Borda/bojo/base - sítio arqueológico Juazeiro



Fonte: Foto da autora

Imagem 10- Borda - sítio arqueológico Juazeiro



Fonte: L.A.P.H UNIVASF

Imagem 11- Borda - sítio arqueológico Juazeiro



Fonte: L.A.P.H UNIVASF

Imagem 12- Borda/bojo - sítio arqueológico Juazeiro



Fonte: L.A.P.H UNIVASF

3.4.4 Sítio Arqueológico Cachoeirinha I

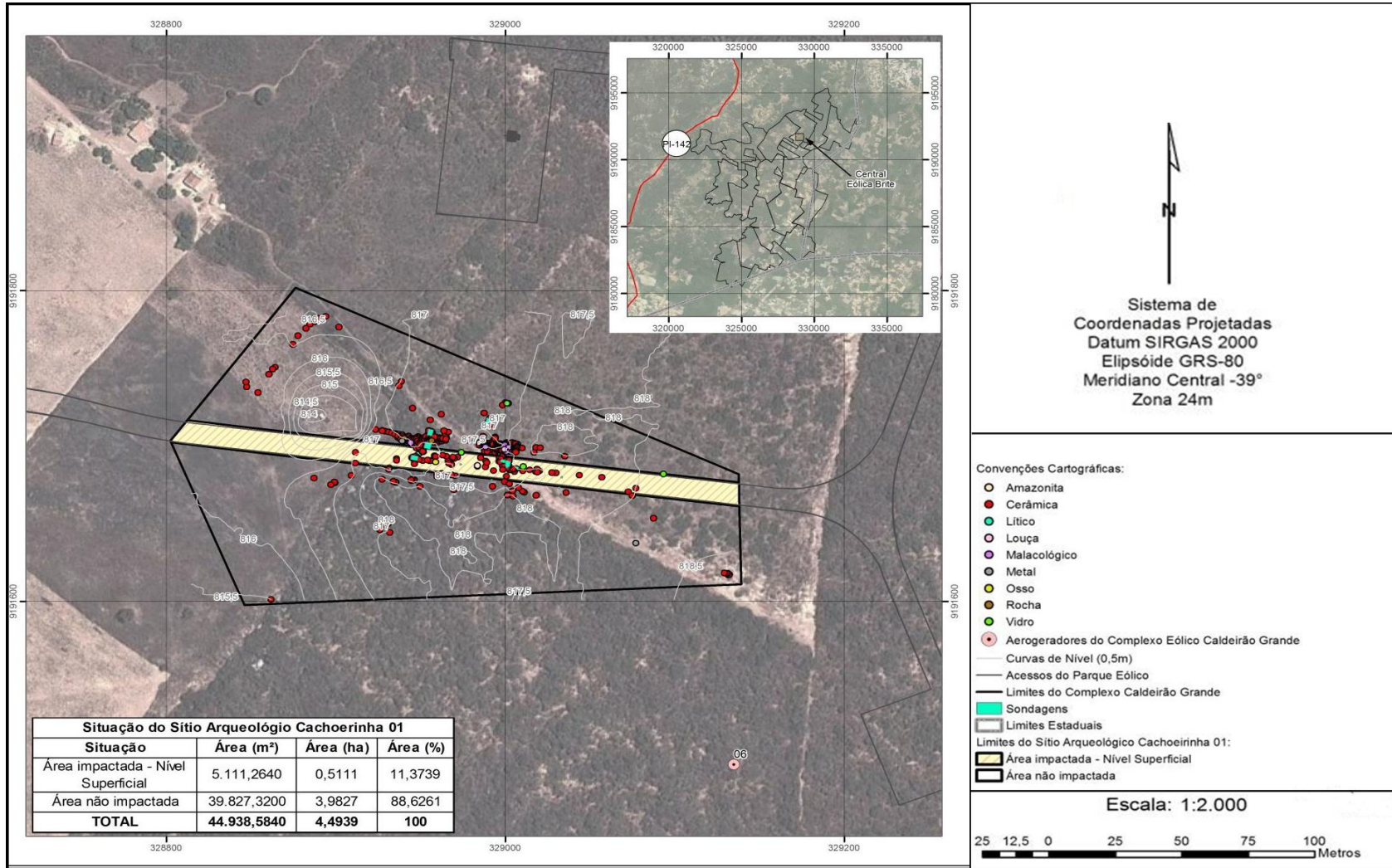
O Sítio Arqueológico Cachoeirinha I, está localizado no município de Caldeirão Grande do Piauí, sob as coordenadas em UTM 24M 328936.00 / 9191698.00, a céu aberto em relevo plano, é um sítio multicomponencial pré-colonial filiado a populações Tupi, nas proximidades do sítio arqueológico Cachoeirinha III, sítio arqueológico Brite I, sítio arqueológico Brite II, no entanto apenas o sítio arqueológico Brite I desse circuito, faz parte desse estudo como já foi apresentado os critérios de seleção anteriormente.

Apresenta uma área de aproximadamente 44.938.5840 m² (imagem 14), foi identificado na etapa de monitoramento arqueológico na Área Diretamente Afetada (ADA) do empreendimento Parque Eólico Caldeirão Grande, durante a fase de instalação, portanto foi um sítio que sofreu cerca de mais de 11% de impacto pelas máquinas durante o processo de supressão vegetal para terraplenagem, removendo assim os materiais arqueológicos da superfície juntamente com as raízes das árvores, uma vez que as máquinas chegam a atingir cerca de 10 a 20 cm na remoção do solo.

Como método na etapa de resgate do material arqueológico, realizou-se uma malha topográfica, na qual georeferenciou toda área e foi delimitada as unidades de escavação entre sondagens de 1x1m e trincheiras de 4x4 m a partir da concentração do material, em geral chegando a escavar entorno de 40 a 50 cm de profundidade.

Adotando essa metodologia tanto para as áreas que haviam acúmulo de sedimentos (leiras) por parte das máquinas, quanto as demais áreas do sítio, realizando-se assim todo o peneiramento das leiras que estavam amontoadas nas proximidades de onde foi considerado o perímetro do sítio, fazendo assim uma contagem dos fragmentos por unidades como podemos acompanhar na (imagem 15 e 16).

Imagem 14 - Mapa do Sítio Arqueológico Cachoeirinha I com a concentração de material arqueológico com destaque para a área impactada



Fonte: Relatório de resgate, Monitoramento Arqueológico e E.Patrimonial, A.B.C, 2017. Central eólica Brite - adaptação

Imagem 15 – Peneiramento das leiras – sítio arqueológico Cachoeirinha I



Fonte: Relatório de resgate, monitoramento e E.P, A.B.C, 2017. Central eólica Brite

Imagem 16 – Material identificado após o peneiramento – sítio arqueológico. Cachoeirinha I



Fonte: Relatório de resgate, monitoramento e E.P, A.B.C, 2017. Central eólica Brite

Foram realizadas 11 unidades de escavações entre sondagens de 1m² e trincheiras de 4x5 metros, espalhadas por toda a extensão do sítio arqueológico (imagem 17 e 18).

Imagem 17- Sondagem sítio arqueológico Cachoeirinha I



Fonte: Relatório de resgate, monitoramento e E.P, A.B.C, 2017. Central eólica Brite

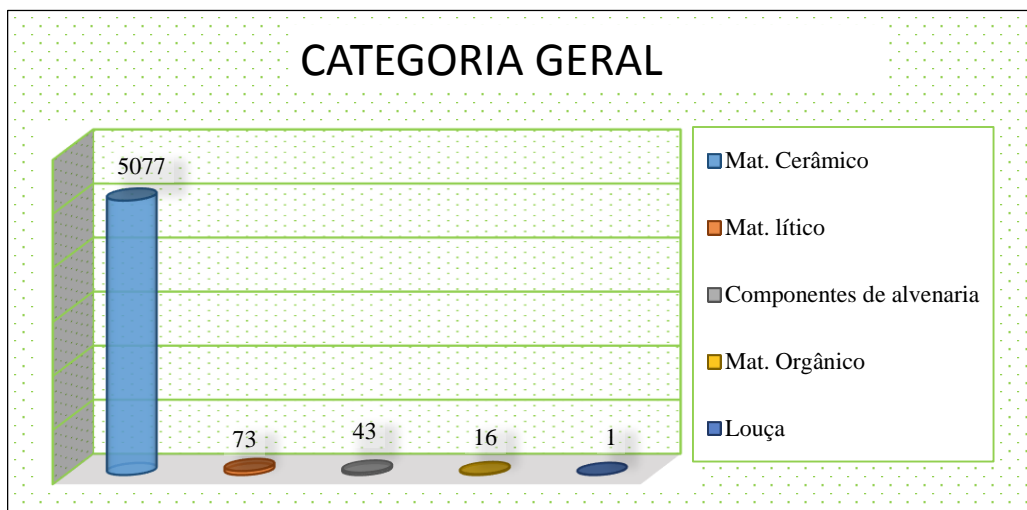
Imagem 18 -Trincheira sítio arqueológico Cachoeirinha I



Fonte: Relatório de resgate, monitoramento e E.P, A.B.C, 2017. Central eólica Brite

Todo o material coletado foi levando em endosso institucional para análise e curadoria do Laboratório de Arqueologia Pré-Histórica da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), campus Serra da Capivara em São Raimundo Nonato Piauí, dos quais serão apresentados no gráfico a seguir a categoria geral de artefatos encontrado no sítio e readequado as categorias em laboratório (Gráfico 9).

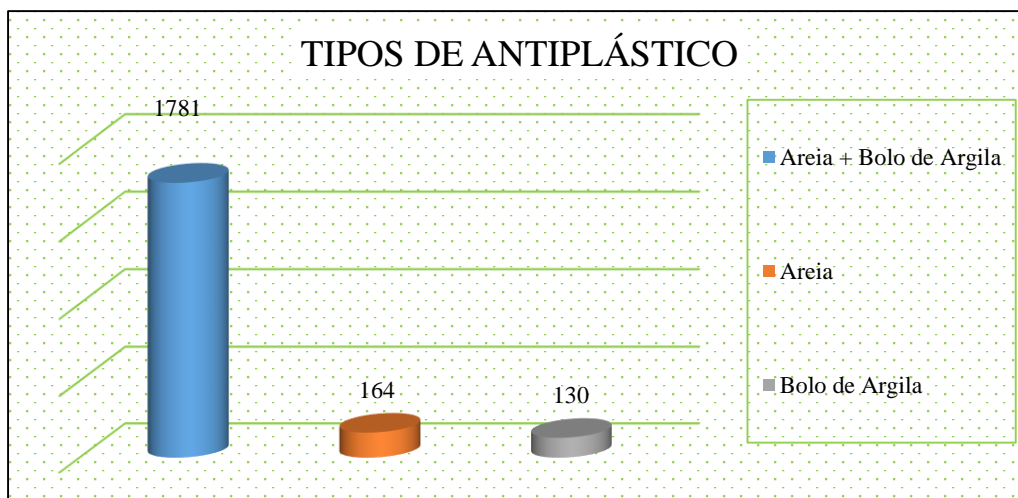
Gráfico 9 – Categoria geral das coisas do sítio arqueológico Cachoeirinha I



Fonte: Elaboração da autora

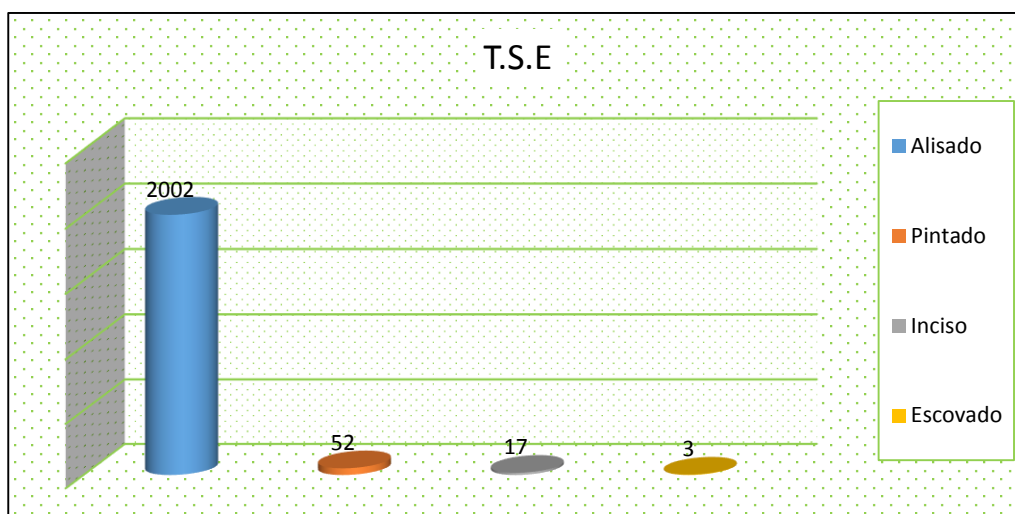
A partir das coisas consideradas nessa pesquisa como pré-colonial (Material cerâmico, Material lítico), foi realizado uma nova triagem, na qual foi selecionado apenas o conjunto de coisas cerâmicas passíveis de serem analisada à tecnologia agregada, analisado o tipo de antiplástico (**gráfico 10**), T.S.E (**gráfico 11**); T.S.I (**gráfico 12**); morfologia (**gráfico 13**); tipos de borda (**gráfico 14**); e técnica de manufatura, logo foram reconstituídas por meio do desenho hipotético e serão apresentadas no capítulo de interpretação dos dados.

Gráfico 10 – Tipos de antiplástico



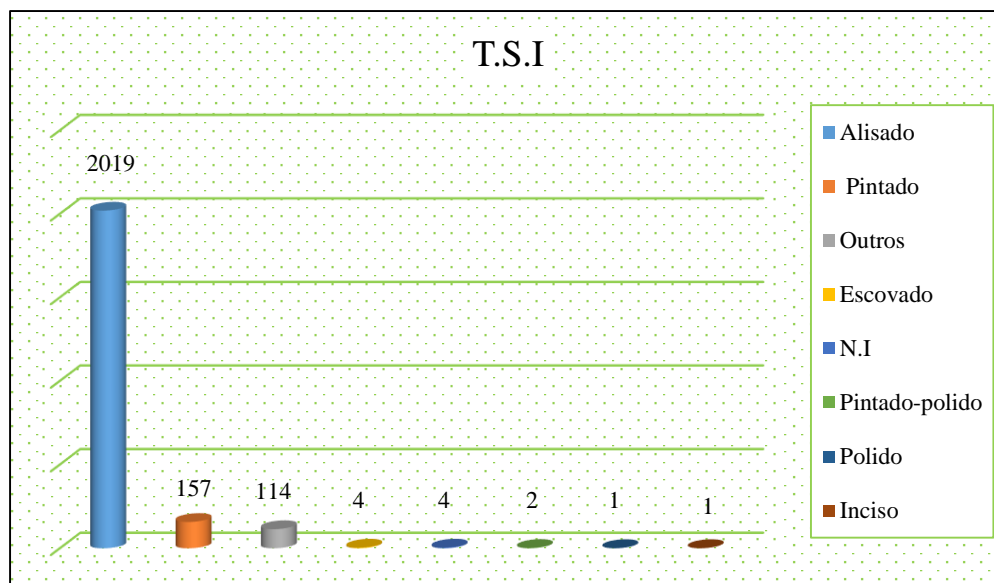
Fonte: Elaboração da autora

Gráfico 11 - Tratamento de superfície externa



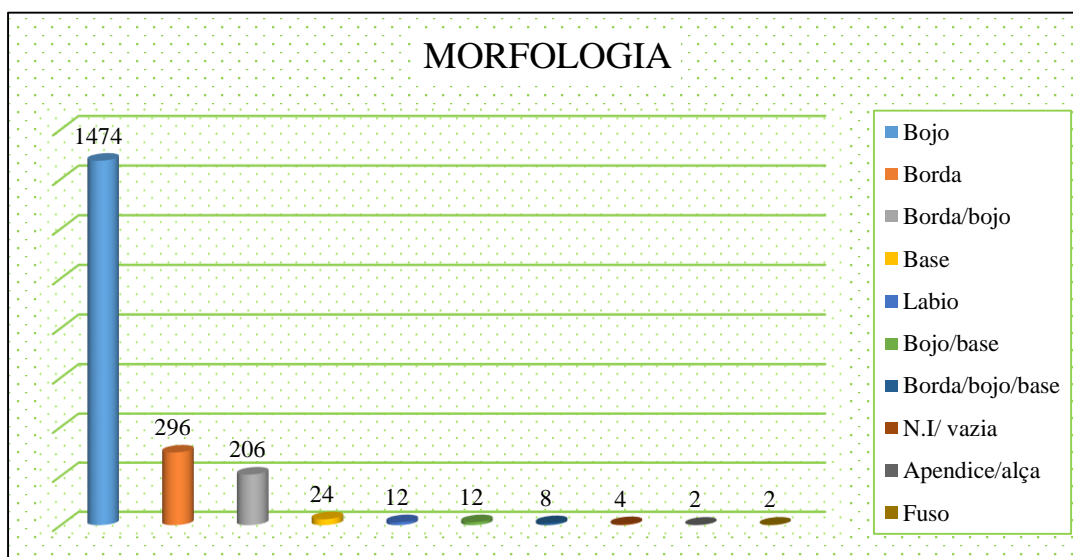
Fonte: Elaboração da autora

Gráfico 12 - Tratamento de superfície interna



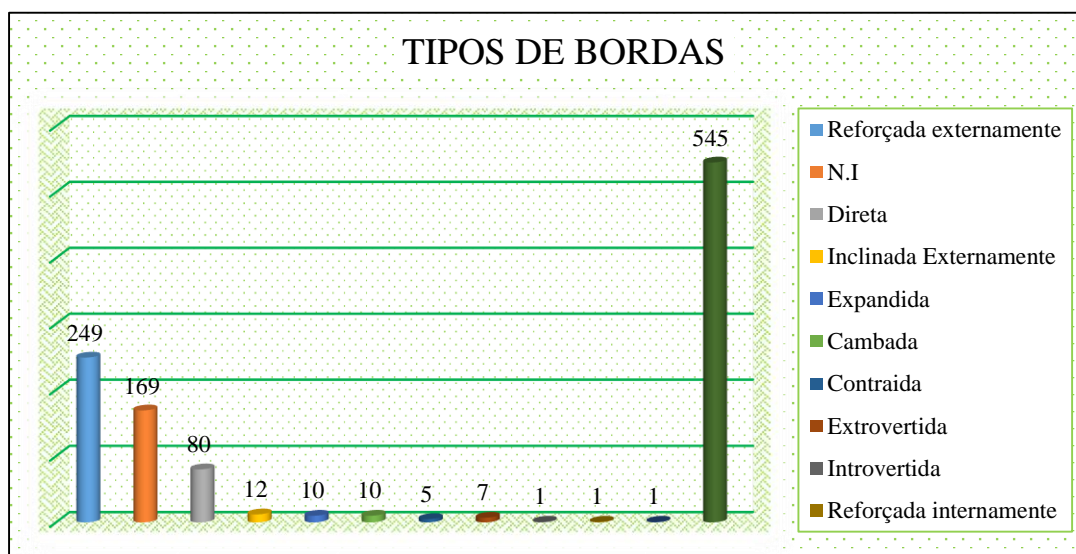
Fonte: Elaboração da autora

Gráfico 13 - Morfologia



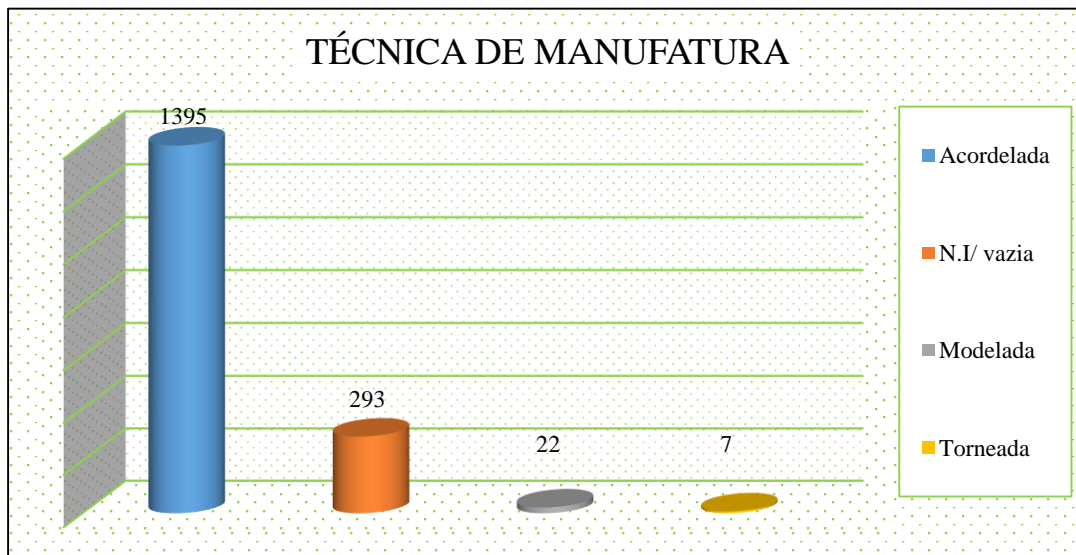
Fonte: Elaboração da autora

Gráfico 14 – Tipos de bordas



Fonte: Elaboração da autora

Gráfico 15 – Técnicas de manufatura



Fonte: Elaboração da autora

Do total de 5.077 coisas identificadas em sítio, apenas 2.075 (coisas cerâmicas) foram realizadas a análise tecnológica a fim de alcançar os objetivos propostos, para tanto uma breve representação da diversidade de coisas identificadas no sítio arqueológico na (prancha 2) a seguir:

PRANCHA 2 – SÍTIO ARQUEOLÓGICO CACHOEIRINHA I

Imagem 1 - Arenito - sítio arqueológico Cachoeirinha I



Fonte: Foto da autora

Imagem 2 - Fuso em cerâmica - sítio arqueológico Cachoeirinha I



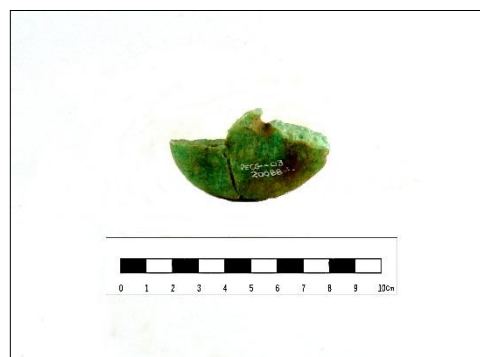
Fonte: Foto da autora

Imagem 3- Apêndice – sítio arqueológico Cachoeirinha I



Fonte: Foto da autora

Imagem 4 – Fragmento em Amazonita - sítio arqueológico Cachoeirinha I



Fonte: Foto da autora.

Imagem 5- Borda/bojo - sítio arqueológico Cachoeirinha I



Fonte: L.A.P.H UNIVASF

Imagem 6 - Borda- sítio arqueológico Cachoeirinha I



Fonte: Foto da autora

Imagem 7- Parte de vasilhame - sítio arqueológico Cachoeirinha I



Fonte: Foto da autora

Imagem 8 - Borda/bojo - sítio arqueológico Cachoeirinha I



Fonte: Foto da autora

Imagem 9 -Bojo/ sítio arqueológico Cachoeirinha I



Fonte: Foto da autora

Imagem 10- Borda/bojo - sítio arqueológico Cachoeirinha I



Fonte: Foto da autora

Imagem 11 - Borda/bojo - sítio arqueológico Cachoeirinha I



Fonte: Foto da autora

Imagem 13 - Borda- sítio arqueológico Cachoeirinha I



Fonte: Foto da autora

Imagem 14- Fragmentos de borda/bojo - sítio arqueológico Cachoeirinha I



Fonte: Foto da autora

Imagem 15 - Fragmentos de reconstituição - sítio arqueológico Cachoeirinha I



Fonte: Foto da autora

Imagem 16 - Partes de vasilhame em reconstituição - sítio arqueológico Cachoerinha I



Fonte: Foto da autora

3.4.5 Sítio Arqueológico Brite I

O Sítio Arqueológico Brite I está localizado no município de Caldeirão Grande do Piauí, sob as coordenadas UTM 24M 328987.00 / 9191884.00, em uma distância de cerca de 200 metros do Sítio Arqueológico Cachoeirinha I, foi delimitado com uma área de cerca de mais de 4 mil ha, sendo que 18% dessa área sofreu impacto pelas máquinas durante o processo de supressão vegetal (imagem 17).

Trata-se de um sítio multicomponencial a céu aberto identificado na etapa de Diagnóstico e Prospecção Arqueológica da Área Diretamente Afetada (ADA) do empreendimento Parque Eólico Caldeirão Grande.

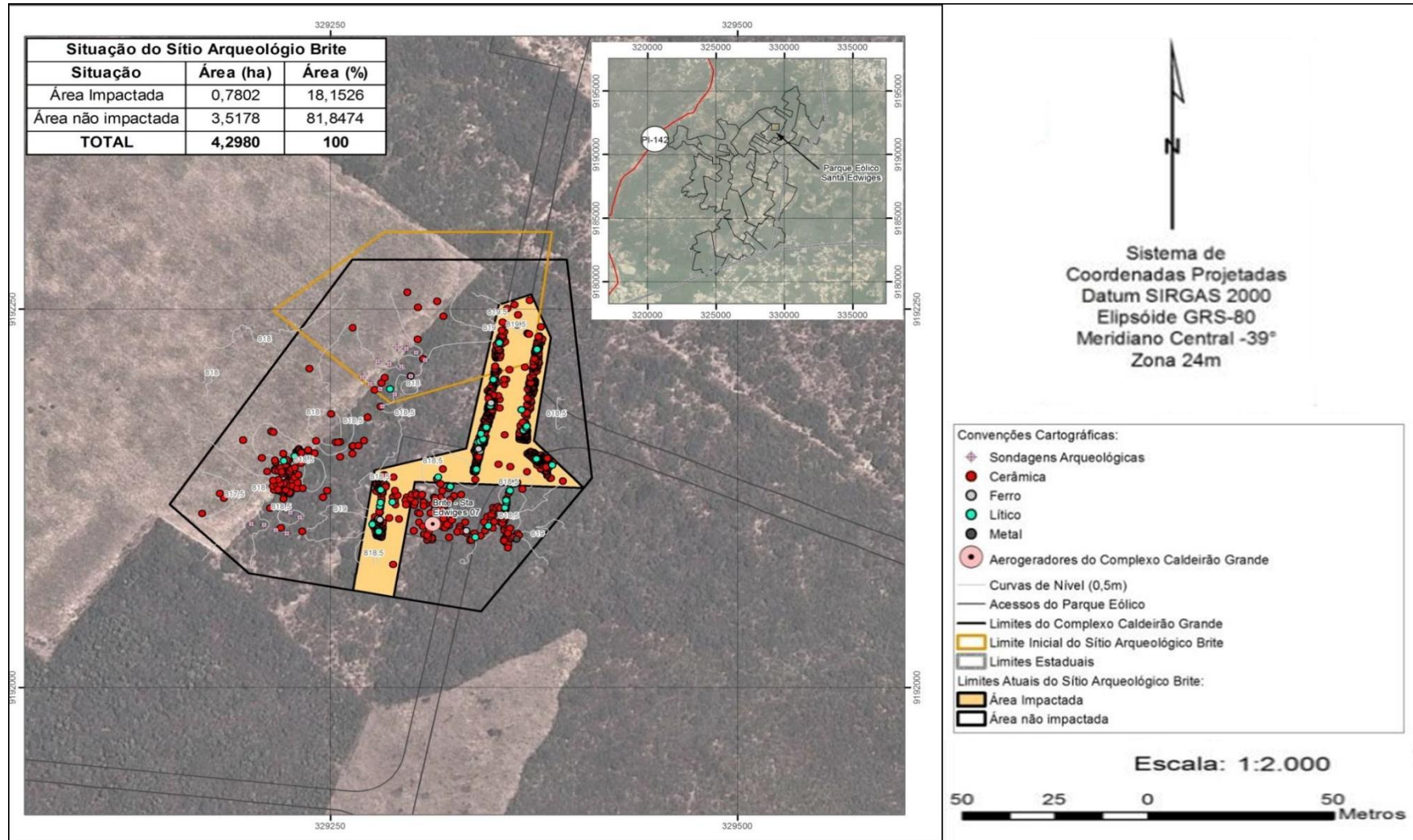
O resgate arqueológico foi fundamental para a avaliação dos impactos. O Sítio Arqueológico Brite I (Brite) teve um setor comprometido pelos impactos, contudo, nesse setor, pôde-se resgatar um conjunto de coisas que haviam sido movimentada para as leiras na margem do acesso, logo estas que foram peneiradas (imagem 18). Nos demais setores pôde-se escavar quadrículas e trincheiras, (imagem 19 e 20) sendo possível resgatar vestígios arqueológicos *in situ*, resultando na constatação de que o sítio não sofreu destruição total.

No tocante foram realizadas 10 sondagens de 1m², em cada sondagem foi aprofundado o centro, com vistas ao alcance da camada estéril. Realizou-se ainda 10 trincheiras em ampla superfície em geral de 40 a 50 cm de profundidade (Relatório central eólica Brite, A.B.C, 2017. “Grifo da autora”).

Como método na etapa de resgate do material arqueológico, realizou-se uma malha topográfica, na qual georeferenciou toda área e foi delimitada as unidades de escavações entre sondagens e trincheiras a partir da concentração do material.

Adotando essa metodologia tanto para as áreas que haviam acúmulo de sedimentos (leiras) por parte das máquinas, quanto as demais áreas do sítio.

Imagem 19 - Limite do sítio arqueológico Brite I com identificação de área de impacto



Fonte: Relatório de resgate, monitoramento e E.P. Central eólica Brite, A.B.C, 2017, adaptação da autora

Imagem 20- Peneiramento das leiras – sítio arqueológico Brite I



Fonte: Relatório de resgate, monitoramento e E.P. Central eólica Brite, A.B.C, 2017

Imagem - 21 – Sondagem sítio arqueológico Brite I



Fonte: Relatório de monitoramento, resgate e E.P.
Central eólica Brite, A.B.C, 2017

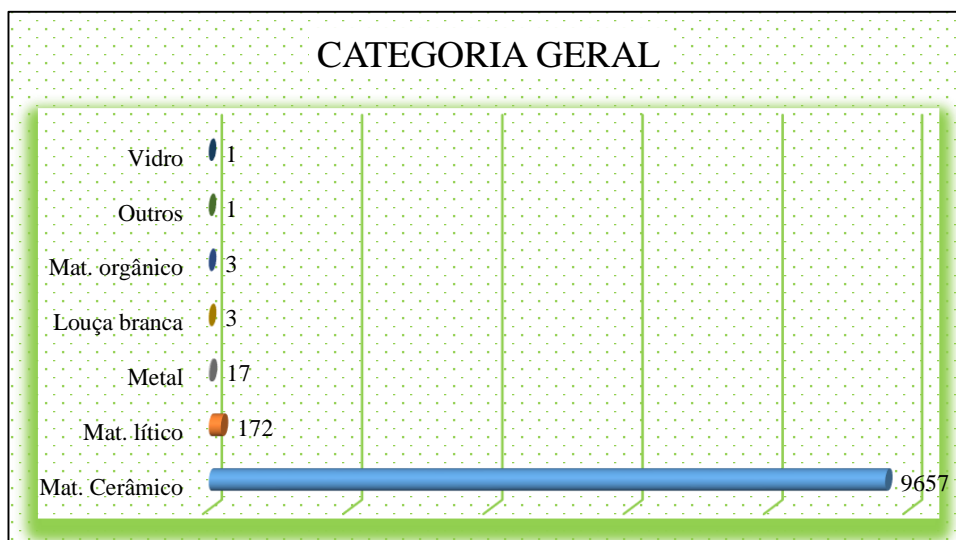
Imagem 22 - Trincheira sítio arqueológico Brite I



Fonte: Relatório de monitoramento, resgate e E.P.
Central eólica Brite, A.B.C, 2017

Deste modo teve-se uma amostra significativa de cerca de 9.854 coisas arqueológicas de superfície e subsuperfície como podemos acompanhar no gráfico a seguir (gráfico 16).

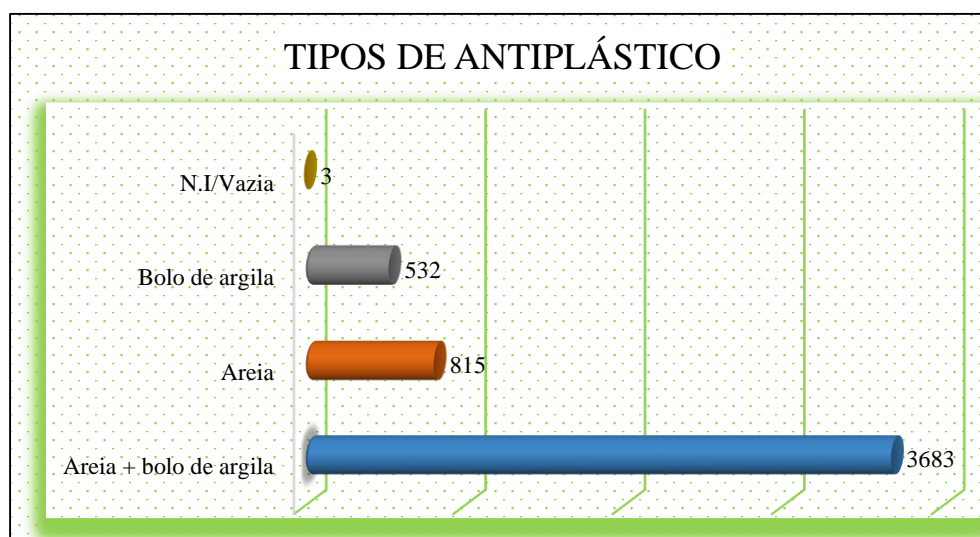
Gráfico 16 – categoria geral das coisas do sítio arqueológico Brite I



Fonte: Elaboração da autora

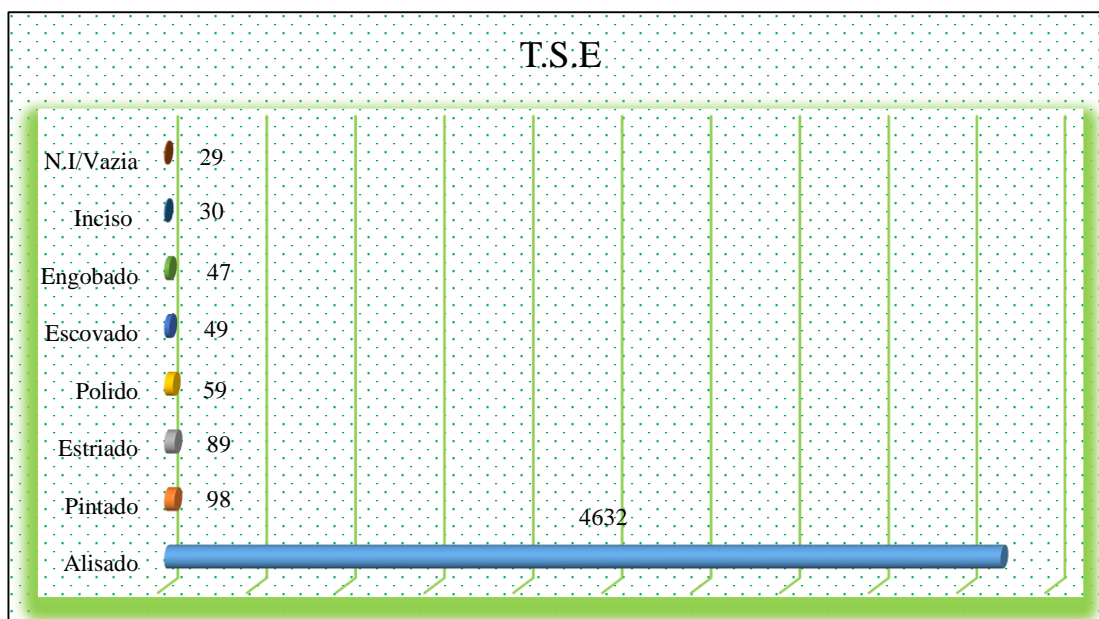
Em laboratório foi realizada uma nova triagem, aqueles materiais cerâmicos que estavam impossibilitados de realizar a identificação dos tipos de tecnologias e, assim poder fazer a reconstituição hipotética para prosseguir com a interpretação dos dados foram desconsiderados (residuais e diferidos), logo dos 9.657 fragmentos apenas 5.033 foram identificados os tipos de antiplástico (**gráfico 17**), os tipos de T.S.E e T.S.I (**gráfico 18, 19**), morfologia (**gráfico 20**), tipos de borda (**gráfico 21**) e técnica de manufatura (**gráfico 22**), para assim realizar uma reconstituição hipotética observando as similaridades e diferenças nos conjuntos de coisas identificados em cada sítio.

Gráfico 17 – Tipos de antiplástico



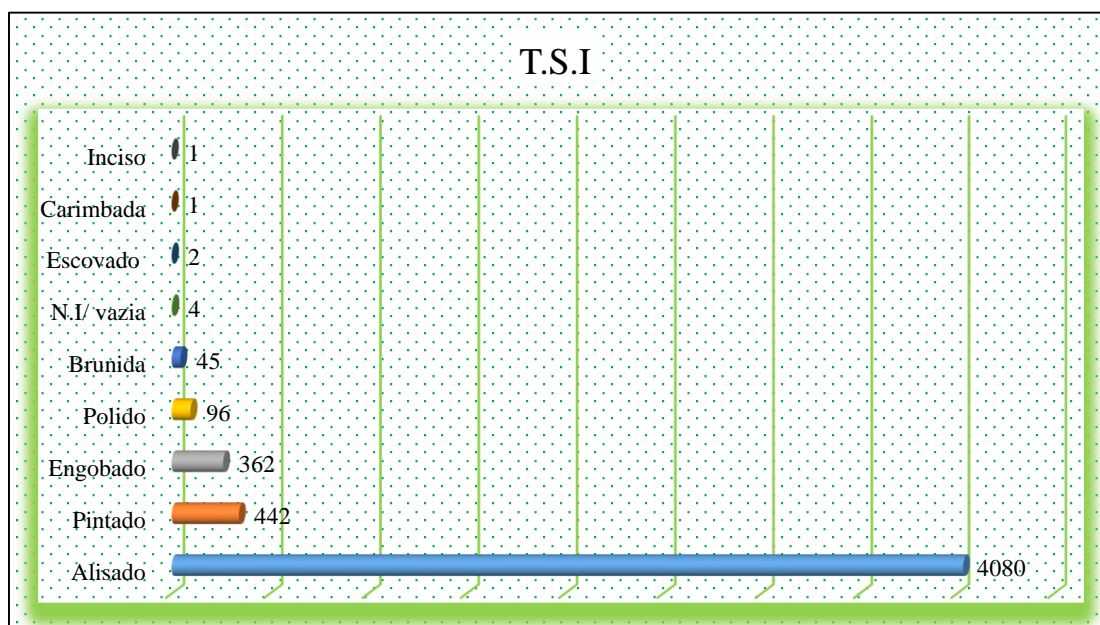
Fonte: Elaboração da autora

Gráfico 18 – Tratamento de superfície externa



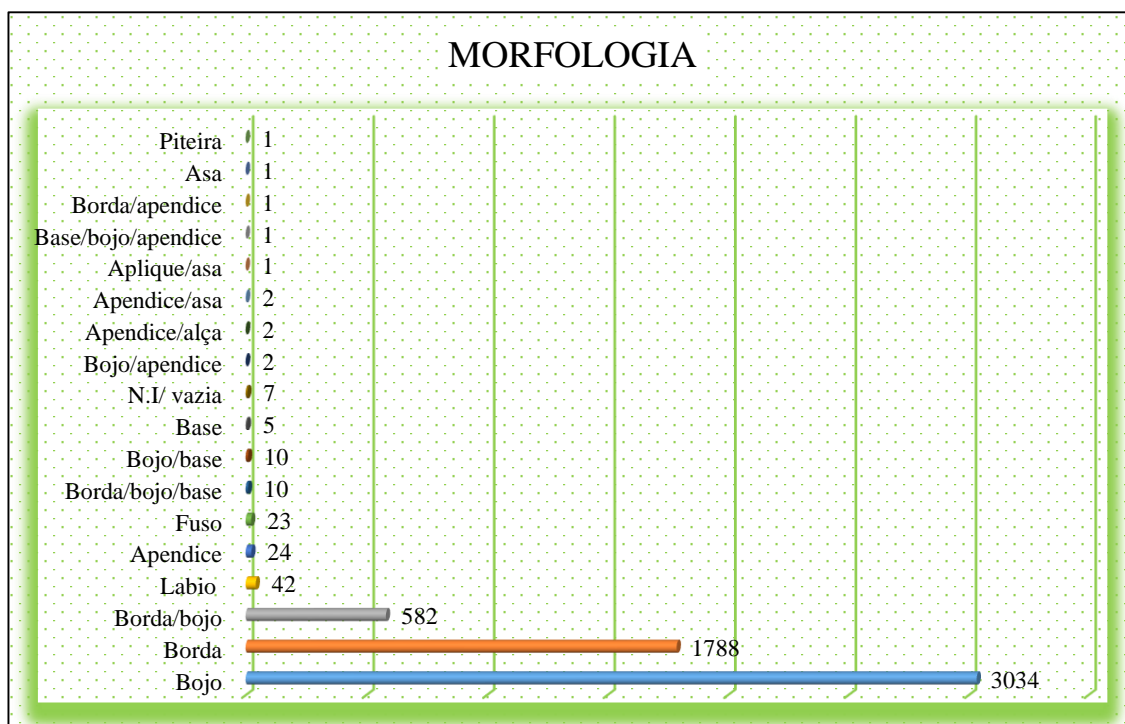
Fonte: Elaboração da autora

Gráfico 19 – Tratamento de superfície interna



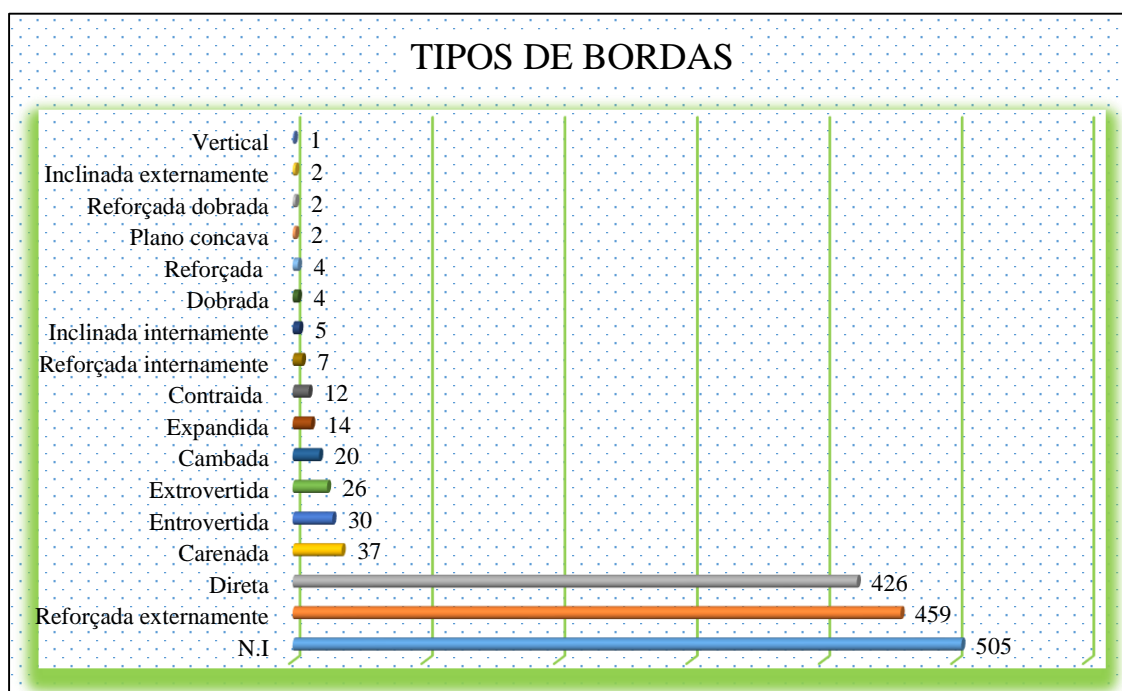
Fonte: Elaboração da autora

Gráfico 20 - Morfologia



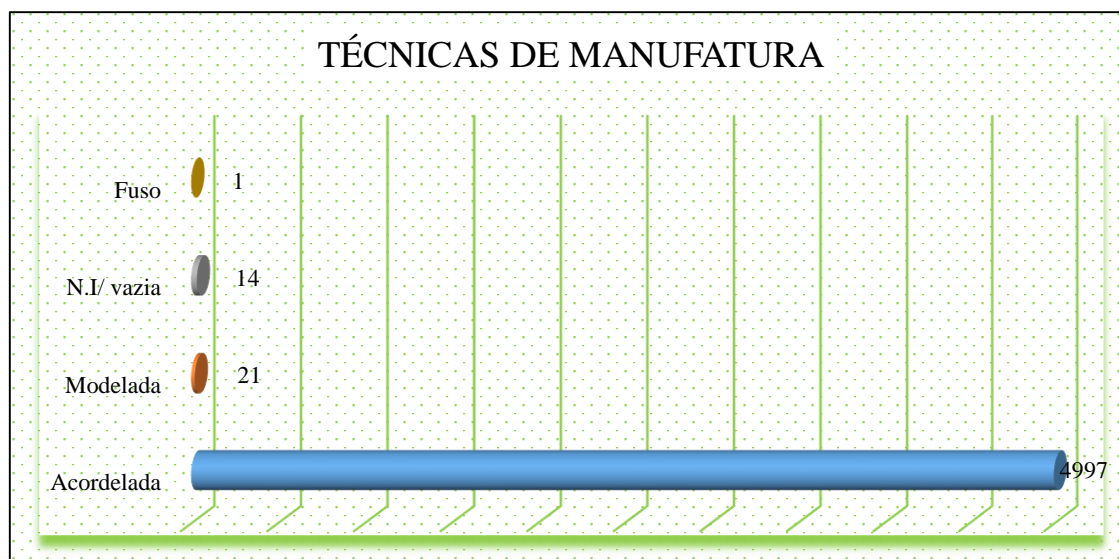
Fonte: Elaboração da autora

Gráfico 21 – Tipos de bordas



Fonte: Elaboração da autora

Gráfico 22 – Técnicas de manufatura



Fonte: Elaboração da autora

Do total de 9.854 coisas identificadas em sítio, apenas 5.033 (coisas cerâmicas) foram consideradas para a interpretação e alcance dos objetivos proposto nas quais realizei a análise tecnológica, para tanto apresento essa diversidade na (prancha 3) a seguir:

PRANCHA 3 – SÍTIO ARQUEOLÓGICO BRITE I

Imagem 1- Arenito com marca de tinta- sítio arqueológico Brite I



Fonte: L.A.P.H UNIVASF

Imagem 2 - Fuso em Arenito - sítio arqueológico Brite I



Fonte: Foto da autora

Imagem 3- Fuso em cerâmica - sítio arqueológico Brite I



Fonte: L.A.P.H UNIVASF

Imagem 4 - Fragmento de cachimbo tubular- sítio arqueológico Brite I



Fonte: L.A.P.H UNIVASF

Imagem 5 – Apêndice - sítio arqueológico Brite I



Fonte: L.A.P.H UNIVASF

Imagem 6 – Conta de colar retangular - sítio arqueológico Brite I



Fonte: Foto da autora

Imagem 7 – Conta de colar - sítio arqueológico Brite I



Fonte: Foto da autora

Imagem 9 – Fragmento de tembetá em quartzo- sítio arqueológico Brite I



Fonte: Foto da autora

Imagem 8 – Conta de colar retangular - sítio arqueológico Brite I



Fonte: Foto da autora

Imagem 10 – Fragmento de tembetá em amazonita - sítio arqueológico Brite I



Fonte: Foto da autora

Imagem 11 - Borda/bojo - sítio arqueológico Brite I



Fonte: Foto da autora

Imagem 14 - Borda/bojo - sítio arqueológico Brite I



Fonte: Foto da autora

Imagem 12 - Borda /Bojo Com marca de ferramenta contemporânea- sítio arqueológico Brite I



Fonte: Foto da autora

Imagem 15 - Borda/bojo - sítio arqueológico Brite I



Fonte: Foto da autora

Imagem 13 - - Borda/bojo - sitio arqueológico Brite I



Fonte: Foto da autora

Imagem 16 - Borda/bojo - sítio arqueológico Brite I



Fonte: Foto da autora

Imagem 17 – Borda/bojo – sítio arqueológico Brite I



Fonte: Foto da autora

Imagem 18 - Borda/bojo - sítio arqueológico Brite I



Fonte: Foto da autora

Imagem 19 – Borda sítio arqueológico Brite I



Fonte: Foto da autora

Imagem 20 – Borda/bojo – sítio arqueológico Brite I



Fonte: Foto da autora

Imagem 21 – Borda/ bojo – sítio arqueológico Brite I



Fonte: Foto da autora

Imagem 22 – Borda/bojo – sítio arqueológico Brite I



Fonte: Foto da autora

Imagem 23 – Borda – sítio arqueológico Brite I



Fonte: Foto da autora

Imagem 24 – Borda – sítio arqueológico Brite I



Fonte: Foto da autora

Imagem 25 – Bojo – sítio arqueológico Brite I



Fonte: L.A.P.H UNIVASF

Imagem 26 – Borda – sítio arqueológico Brite I



Fonte: L.A.P.H UNIVASF

Imagem 27 – sítio arqueológico Brite I



Fonte: Foto da autora

Imagem 28 - Reconstituição a partir dos fragmentos - sítio arqueológico Brite I



Fonte: Foto da autora

Imagem 29 - Reconstituição a partir dos fragmentos - sítio arqueológico Brite I



Fonte: Foto da autora

Durante o processo de análise e triagem do acervo arqueológico dos três sítios em estudo, foram considerados 8.608 coisas cerâmicas, para tanto, 1.500 para o sítio arqueológico Juazeiro, 2.075 no sítio arqueológico Cachoeirinha I, 5.033 no sítio arqueológico Brite I, nas quais puderam ser observadas as tecnologias empregadas.

De tal modo, tornar-se possível construir diversas narrativas sobre os humanos e as coisas, uma vez que estes foram responsáveis pela produção, uso, descarte ou quem sabe foram forçados a abandonar a área e conseqüentemente as suas materialidades, contudo para essa pesquisa busquei construir uma narrativa a partir do objetivo proposto, que é a compreensão do estabelecimento e vivências humanas sejam elas (cotidianas e ritualísticas) em áreas interioranas do estado do Piauí.

Como metodologia, além das análises tecnológicas, de identificação de (morfologia, antiplástico) e conseqüentemente caracterização dos tipos de coisas identificadas em cada um dos sítios arqueológicos, fiz uso de softwares de autocad em 3D para reconstituição e observação das formas e volume dos vasilhames cerâmicos; bem como decalque e vetorização das pinturas nos tratamentos de superfície das cerâmicas, essas possibilitaram inferir tais vivências (cotidianas ou ritualísticas) dos grupos humanos que a produziu.

4 A ANTROPOLOGIA DA TECNOLOGIA NA ANÁLISE DAS COISAS

Como foi apresentado no capítulo 3 as primeiras análises tecnológicas (morfologia, antiplástico, tratamento de superfície, técnica de manufatura), com sua diversidade e quantidade de coisas características de cada sítio arqueológico, a partir deste capítulo da pesquisa busco reconstituir graficamente e hipoteticamente as formas cerâmicas, como vetor de análise de similaridade, diferenças (formas e volume) dos vasilhames, identificando sequências operacionais, que possam inferir as vivências cotidianas e ritualísticas percebíveis a partir do conjunto de coisas cerâmicas em associação com as demais coisas identificadas em cada sítio.

Por conseguinte, há duas concepções para pensar tecnologia, uma associa-se a aplicação de conhecimentos técnicos-científicos para o controle da natureza (senso-comum), e consequentemente o progresso da humanidade (PFAFFENBERGER, 1992; BUENO, 2005. “Grifo da autora”); a outra considera a tecnologia como um corpo de conhecimentos, práticas, ações, gestos, utensílios possíveis de reconstruir sequências operacionais agenciadas entre humanos e coisas dentro de uma matriz sociocultural, deste modo, nas relações de produção que envolvem corpo, mente, matéria-prima, deliberam as negociações de poder e de identidade, capaz de interagir ativamente na construção do universo simbólico dos grupos humanos que a produzem. (LEMONIER, 1992; BUENO, 2005; “Grifo da autora”).

Para o encaminhamento das discussões sobre análise tecnológica para o conjunto de coisas evidenciadas nos sítios arqueológicos da região da Chapada do Araripe-PI, baseei na segunda concepção proposta por Lemonier (1992), destacando vetores que contribuíram para ilustrar similaridade e diferenças, função e distinção simbólica no conjunto de coisas identificadas na paisagem em estudo, a análise tecnológica compreendida como agente de integração entre corpo, mente e matéria-prima, possibilitou perceber como determinados grupos humanos viveram naquela paisagem.

Percebendo como determinadas categorias da variabilidade artefactual como: estilo³⁵, função, fase, e tradição ao longo dos anos tem nos colocado cada vez mais distante de

35 Com base em Sackett 1990. Estilo refere-se a maneira específica de se fazer algo.

compreender de forma ontológica como determinados grupos humanos em cada região, território tem sido autores de sua própria história, portanto algumas das características identificadas nas coisas a cada região passam pelo processo de escolhas, adaptações tecnológicas e sociais, inseridas e compartilhadas em uma história de longa duração por comunidades tradicionais, no entanto essas matrizes são dinâmicas, ao tempo em que determinados grupos fazem escolhas que perduram por um lapso temporal, outras escolhas são fragmentadas com o tempo e podem estar claramente expressa na materialidade ou não. Como ressaltou (DIAS E PANACHUCK, 2008, p. 93) “Cada grupo social, mesmo aqueles que constituíram uma única aldeia, possuem elementos peculiares, próprios, manifestações individualizadas, seja em nível pessoal, seja em nível grupal”.

A proposta desse capítulo é integrar a Antropologia da tecnológica como metodologia para reconstrução de algumas das sequências operacionais de alguns dos conjuntos de coisas (cerâmicas), que me possibilitou perceber algumas das vivências (cotidianas e ritualísticas) que aconteceram na paisagem em estudo, uma vez que apenas estas coisas são os registros das pessoas naqueles sítios.

Portanto, se me coloco dentro de um processo de identificação da matéria-prima, ao processo de produção, uso e descarte, deste modo, me deixa cômoda em falar história de vida da cerâmica. Logo, a intensão da pesquisa não é apenas a reconstrução da vida da cerâmica, precisei compreender como estas coisas expressam uma materialidade, uma história de vida humana que vai além do uso, produção e descarte, é buscar compreender a simetria³⁶ agenciada entre humanos e não humanos vivenciados naquela paisagem.

A partir das coisas evidenciadas nas escavações e coletas arqueológicas, em laboratório identifiquei as sequencias operacionais (ver anexo 4) através do estudo das técnicas, para proferir uma interpretação sobre o contexto humano e as coisas, delineando assim ambas as suas histórias de vida.

Para isso complemento com a teoria das coisas exposta por Ingold (2012), para assim perceber as dinâmicas sociais, os ciclos, ou mecanismos que conectam a agência humana e não humana adentrada naquele cenário.

³⁶ Uma Arqueologia Simétrica, portanto, nos permite discutir aspectos de socialidade entre humanos e não-humanos, acompanhando a produção de seus coletivos (NEUMANN, 2008).

Em seguida busquei perceber essas dinâmicas imbricadas entre as sequências operacionais e o emaranhado de coisas dispersas na paisagem e passo a observar como os humanos se estabeleceram naquele território, que a princípio se parece duradouro, uma vez que há bastante coisas identificadas em mais ou menos 10 formas de vasilhas das que foram possíveis reconstituir hipoteticamente, além de materiais como: adornos (tembetá), fusos, cachimbos e material lítico, entre outros.

Considerando que tenho uma paisagem³⁷ e três recortes arqueológicos, identificados por centenas de coisas espalhada em superfície e conseqüentemente durante as escavações em subsuperfície, no entanto isso não limita-se a pensar que as demais áreas possam ter sido locais de passagem ou vivência humana.

Veja por exemplo: *in situ* eu identifico um fragmento de cerâmica, analiso e associo que ele representa um fragmento de panela em contexto contemporâneo, uma vez que, a materialidade no presente me remete ao passado, uma panela sem pessoas, sem fogo, sem alimento, seria apenas uma forma da matéria. Agora se pensarmos a agência que essa panela representa, a panela nos dá a presença humana naquela paisagem, uma vez que, está é produção humana, logo podemos falar de coisas que é a junção das dinâmicas da existência (o fazer, o usar, reutilizar, descartar), ou seja é a relação humana com o meio, seja ela dentro de uma matriz social, ou ainda um único indivíduo.

Não obstante, adoto a ênfase da sociabilidade das coisas, muito por admitir que o estudo dos ciclos e dinâmicas da vida e do meio ambiente proposto por Ingold (2012), possibilita um encaminhamento adequado da discussão da diversidade de ideias e ações, sobretudo quando? Como? Para quê? Onde elas são disseminadas? “Dessa forma, insisto que, para pensar com base nas características entre coisas e pessoas, é interessante manter a atenção na socialização de todos, pessoas e coisas” (DELEUZE; GUATARI, 2004, p. 9-26).

4.1 As coisas como expressão da materialidade Tupi

No tocante em que Ingold coloca coisas como mecanismos de acontecimentos humanos (INGOLD 2007b, p. 5 *apud.* INGOLD, 2012, p. 25), isso nos chama a refletir como esses acontecimentos têm sido explorados durante toda a trajetória na arqueológica brasileira.

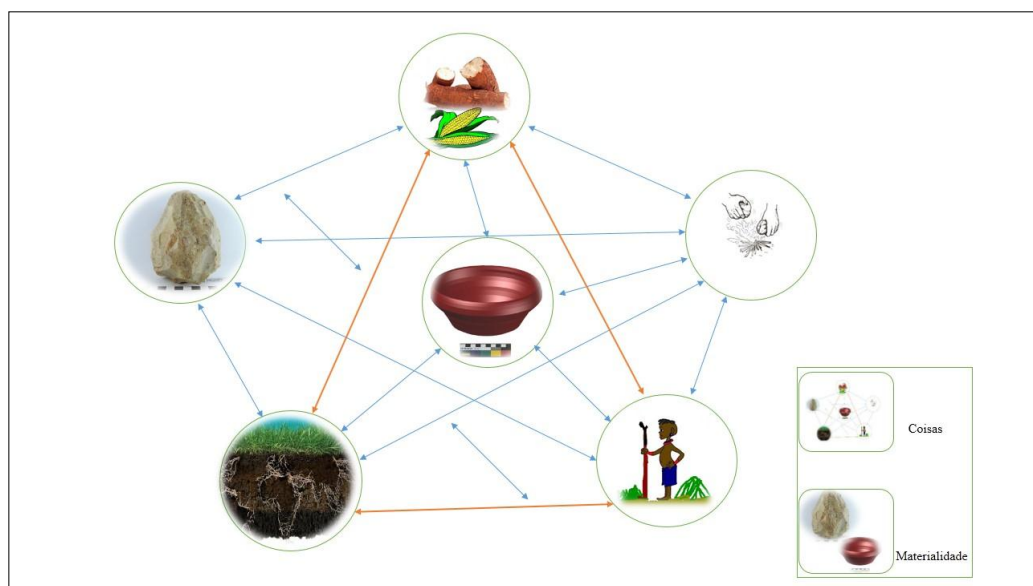
³⁷ Refiro-me a unidade da chapada que estendem por mais de 7. 000 km, que por sua vez apresenta um contexto semiárido, que tem apresentado mobilidade humana propagada por quase toda a sua extensão.

Não oponente em que a arqueologia é essencialmente materialista, necessita de algo palpável para ser incorporada como mecanismo científico, ou estar a par de comprovar a existência humana em determinados contextos, uma vez que, é uma ciência feita por pessoas sobre “pessoas” para pessoas.

É possível discutir coisas como expressão da materialidade humana? Ou materialidade nas coisas? Isso parece dubio, no entanto há uma diferenciação quando Ingold coloca as coisas como fios ou mecanismos, ele nos convida a perceber os movimentos que nos levam a entender os elos que complementam a existência entre pessoas e o meio ambiente sem a necessidade de discutir dualidade (INGOLD, 2012).

Quanto a materialidade nos convida a entender a dialética entre as pessoas, o mundo natural e sobrenatural (SILVA, 2000) que seria perceber não os fios, mas os nós, ou melhor as formas, que seriam os elos que conectam a malha, uma vez que a construção de malha requer pontos que se conectam, e a materialidade precisa de algo palpável, podemos acompanhar melhor na malha de conexões humanas e não humanas exemplificada na imagem a seguir:

Imagem 23 - Malha de conexões humanas e não humanas



Fonte: elaboração da autora

Exemplificando como tenho pensado nas narrativas possíveis para os cenários identificados até então como vivências cotidianas e ritualísticas, a malha acima nos convida a perceber como os mecanismos se conectam, como eles devem ser pensados e observados em uma paisagem, tendo as coisas como um todo e a materialidade como um mecanismo de orientação quando se trata de ambientes que não encontramos pessoas para socializar sua

história e, assim perceber as dinâmicas humanas. Logo, é possível perceber a materialidade nas coisas, ao tempo em que não há necessidade de prezar por essa dualidade de identificar as coisas na materialidade uma vez que as coisas é o todo, não obstante ao longo da trajetória arqueológica, a perspectiva das coisas pouco tem sido considerada para estudos voltados a populações pré-coloniais, uma vez que a arqueologia surgem nos moldes materialistas.

Não resta dúvida que os povos Tupi estiveram no cenário brasileiro bem antes da chegada dos colonizadores, isso tem sido identificado através de uma diversidade de coisas que faz filiação a esses povos, portanto expressam a materialidade que representam a sua identidade cultural e, por conseguinte, a sua filiação linguística, tem sido debatido por autores de diferentes abordagens teóricos-metodológicas.

De acordo com Silva e Noelli (2017) já existe quase 6.000 sítios Tupi registrados no Brasil, Argentina, Paraguai, Uruguai e Bolívia. Há mais de 900 datações que abrangem um período de 4,5 mil anos AP. (BROCHADO, 1994; CORRÊA, 2013; BONOMO ET, AL, 2015. *Apud*. SILVA & NOELLI, 2017, p. 63).

Contudo a materialidade com características preponderantes são as formas cerâmicas, seguidas da tecnologia de fabricação e a decoração policroma, estas por mais que se reconfigure as suas formas e funções de região para região, os traços e policromias nos tratamentos decorativos seguem um padrão que remetem a uma filiação cultural, étnica e conseqüentemente linguística que vem servindo como fator para determinação cultural.

4.2 Das cores as formas: diferenças e semelhanças nos conjuntos de “coisas” cerâmicas da Chapada do Araripe.

Para a discussão sobre as cores e formas nesse tópico, considere a partir das cerâmicas policromas (preto, vermelho, marrom), (preto e vermelho sobre engobo branco, bege claro ou branco levemente rosado) ou ainda (engobo vermelho), observando os tratamentos de superfície com suas técnicas decorativas (motivos decorativos) apresentados nos três sítios arqueológicos em estudo, bem como nas formas das vasilhas reconstituídas, nas quais observei além das morfologias, os volumes, para que possamos observar tais similaridade e diferenças nos conjuntos dos vasilhames de cada sítio.

De acordo com Corrêa (2009, 2014), Albuquerque (2008), para o conjunto de vasilhas cerâmicas Tupi, as formas são preponderantes com relação as técnicas e temas (motivos) decorativos. Ao tempo que as formas estariam atreladas as diversas funções, segundo La Salvia

e Brochado (1989) seriam as utilitárias, especiais e específicas, ao passo que o processo de decoração estaria restrito as vasilhas específicas para eventos sociais e ritualísticos, ou ainda o “status-quo”. Estas representariam um certo grau de distinção simbólica, Miller (2013) ou ainda a participação feminina nos rituais de suas sociedades, Prous (2009).

Logo, Prous (2009), relata a excepcional qualidade dos desenhos feitos em cerâmicas, não obstante ele reconhece que são raros os trabalhos que tenham se interessado pelo estudo da pintura em si, com exceções dos trabalhos de (AYTAI 1991, SCATAMACCHIA 1991. *Apud* PROUS, 2009), até então os trabalhos sobre a materialidade Tupi tinham se debruçados nas tecnologias de fabricação. Levando-os a filiações étnicas e, arqueologicamente os caracterizando em fases, tradições e subtradições, no caso das cerâmicas estudando os seus processos de construção.

Para Schmitz (2010), as cerâmicas policromas arqueologicamente foram caracterizadas pertencentes a tradição arqueológica Tupiguarani, estas seriam abundantes, domésticas e utilitárias. Apresenta formas, tamanhos, acabamentos de superfície e usos que respondem a um mesmo grande esquema [...] (SCHMITZ, 2010. In. PROUS & LIMA, 2010, pg. 08).

Contudo para essa pesquisa considere a partir do tronco Tupi, uma vez que caracterizar etnicamente populações que não estão vivas para se auto afirmar baseando apenas na materialidade, acabamos generalizando ou limitando a capacidade dos demais grupos em produzir e experimentar conforme as suas necessidades e aprendizagens em momentos e lugares específicos e, por conseguinte diferenciados, como destacou Dias & Panachuck (2008) “o fato é que nem mesmo dois sítios apresentam materiais iguais”

Cores e traços: os motivos decorativos

A partir desse momento busco perceber as particularidades tecnológicas da cerâmica Tupi, nesse caso as cores representadas e os motivos decorativos, segundo Prous (2009), o preto e o marrom escuro tem uso semelhante, sendo os desenhos de ponto feitos nessas cores, o vermelho e preto foram usados para traçar linhas, um vermelho mais claro teria sido usado para pintar os lábios das vasilhas e algumas inflexões das paredes e das bordas reforçadas. As cores mais claras como o branco, o bege claro, o branco levemente rosado ou acinzentado teria sido reservado de fundo para o vermelho, marrom ou preto.

Quanto aos motivos decorativos estes podem apresentar linhas onduladas ou retas, formando feixes paralelos, materializados por elementos de reforços, que são pontos, traços ou

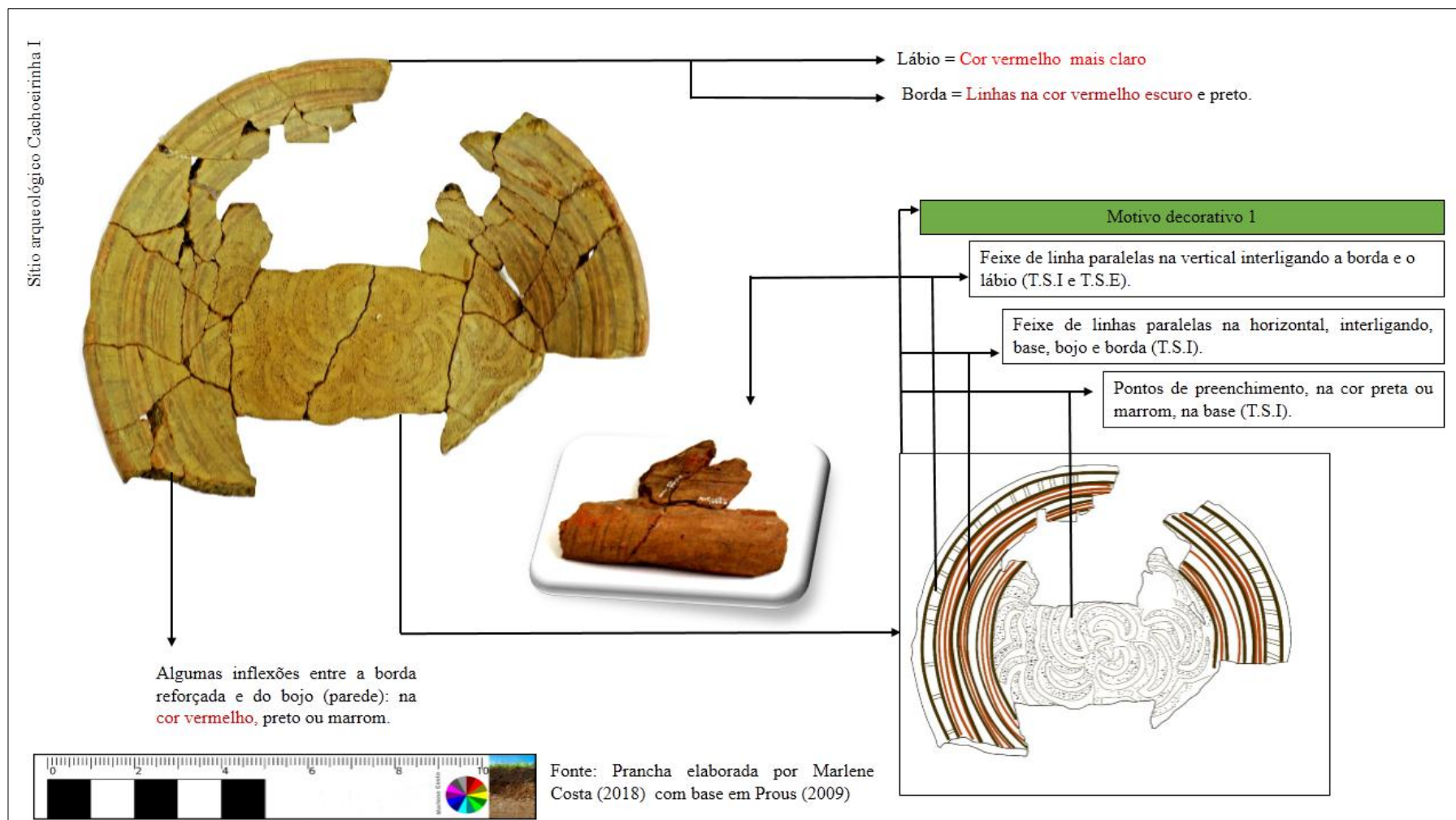
triângulos. Os pontos podem preencher os espaços vazios, os traços costumam ser pequenos. Em certas partes do Nordeste particularmente em Pernambuco e regiões circunvizinhas. O contraste entre as superfícies pretas e as linhas vermelhas lembra, então certos procedimentos das cerâmicas amazônicas (LIMA, 2005. *Apud.* PROUS, 2009).

De certa forma estou referindo a elementos iconográficos que podem funcionar como uma linguagem de significados simbólicos que conferem a grupos específicos, dentro de uma mesma matriz cultural, que faz com que uns se diferenciem dos demais. Logo a durabilidade dessa iconografia no tempo e a distribuição no espaço, mostra a relevância e o processo de ensino aprendizagem em uma história de longa duração pelos povos tradicionais.

Perceber esse sistema simbólico além de traços abstratos, como foi abordado por muitos arqueólogos, é perceber as agências humanas e não humanas, e de forma ontológica intuir os processos de criatividade grupal e individual, que possam expressar os modos de vivência nas quais estou investigando, desta forma apresento os motivos identificados nos sítios em estudo, ressaltando que embora eu apresente 16 motivos, nessa pesquisa busco associar as coisas como movimento, ação, do que quantitativamente, as amostras servem como cenário para demonstrar o porquê de humanos e coisas e vice versa. Como podemos visualizar os motivos e as cores nas pranchas a seguir:

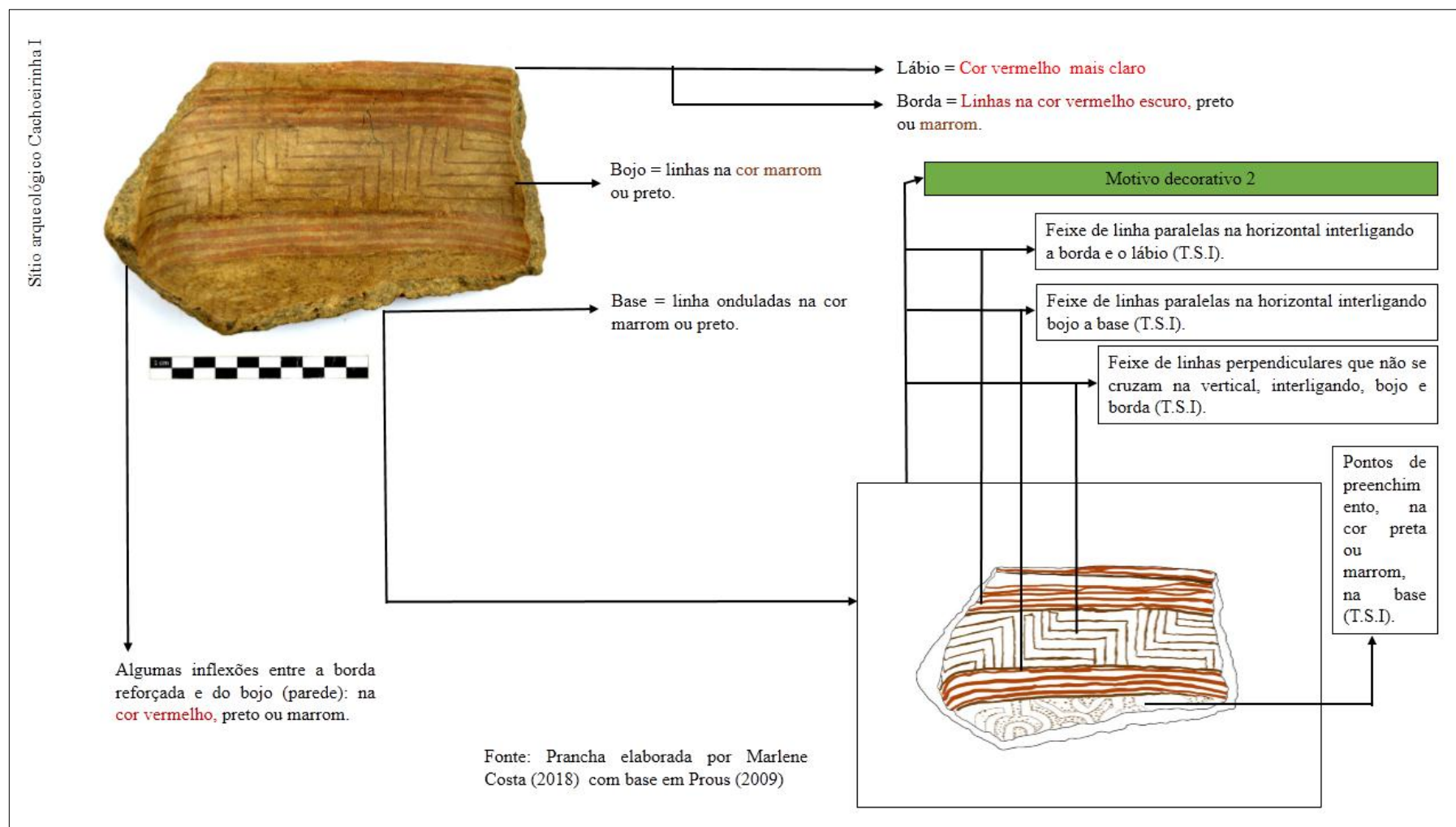
Prancha 4- Motivos decorativos

Motivo decorativo 1 - sítio arqueológico Cachoeirinha I



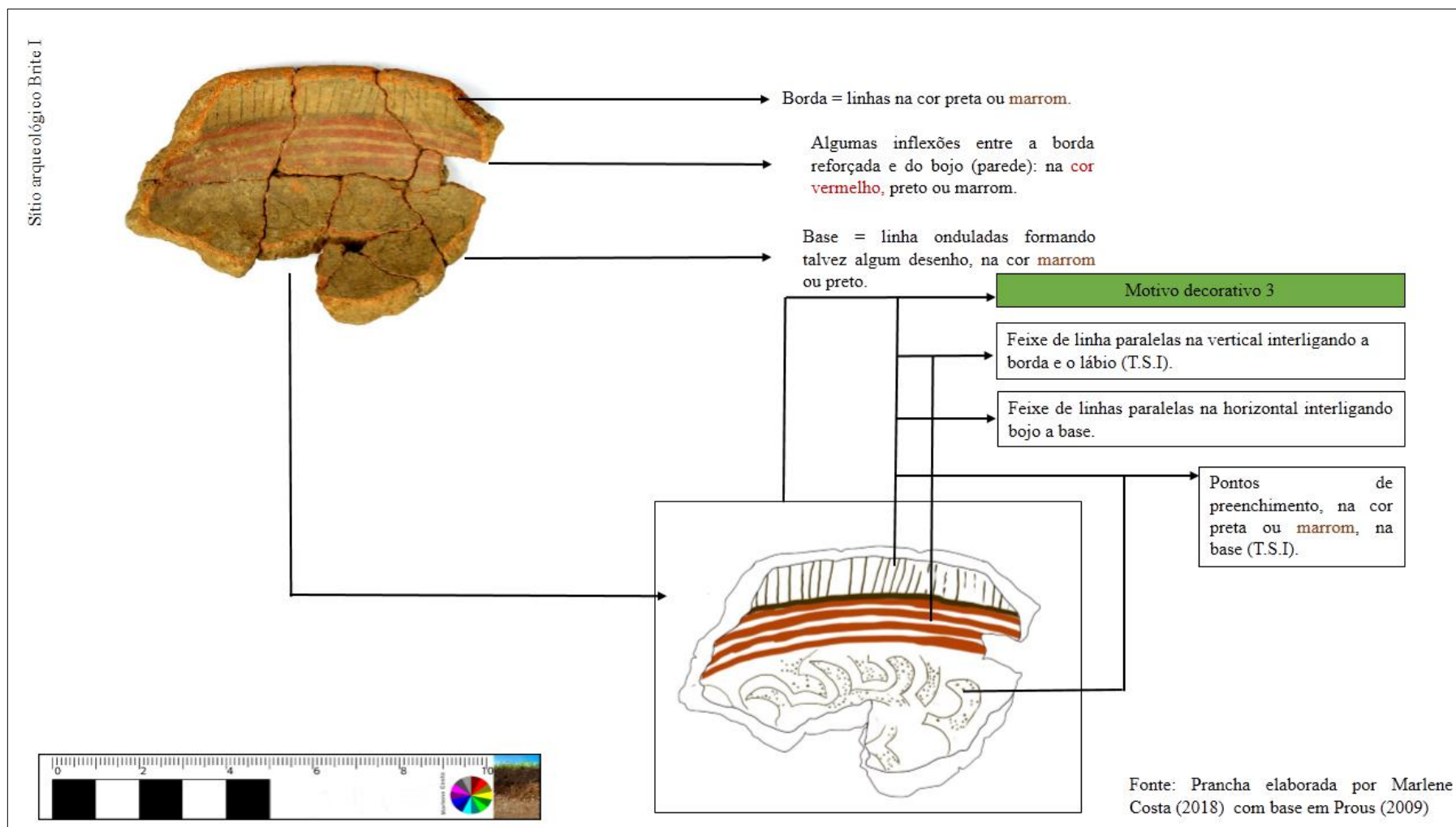
Fonte: Elaboração da autora com base em Prous (2009)

Motivo decorativo 2 - sítio arqueológico Cachoeirinha I

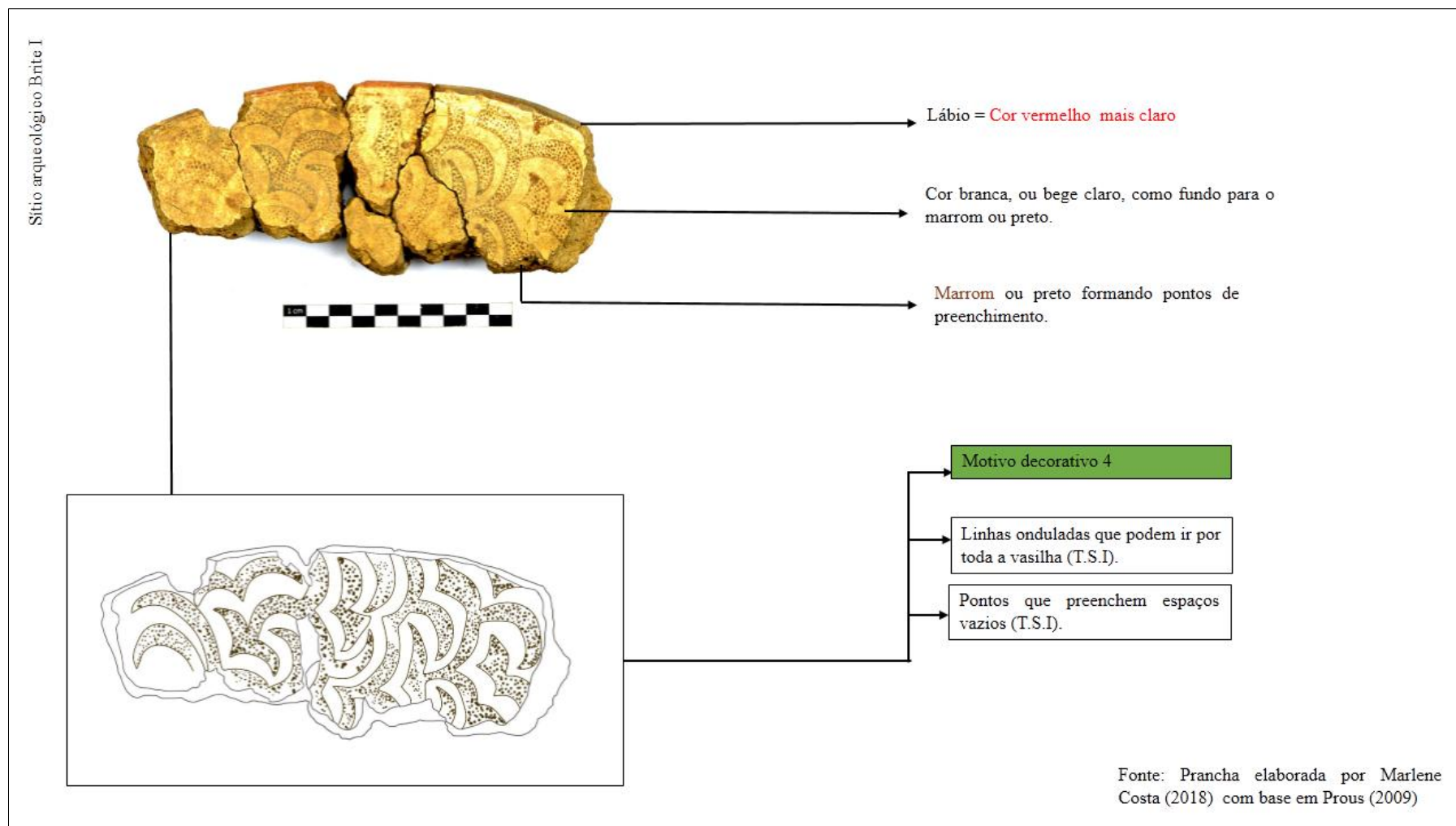


Fonte: elaboração da autora com base em Prous (2009)

Motivo decorativo 3 - sítio arqueológico Brite I

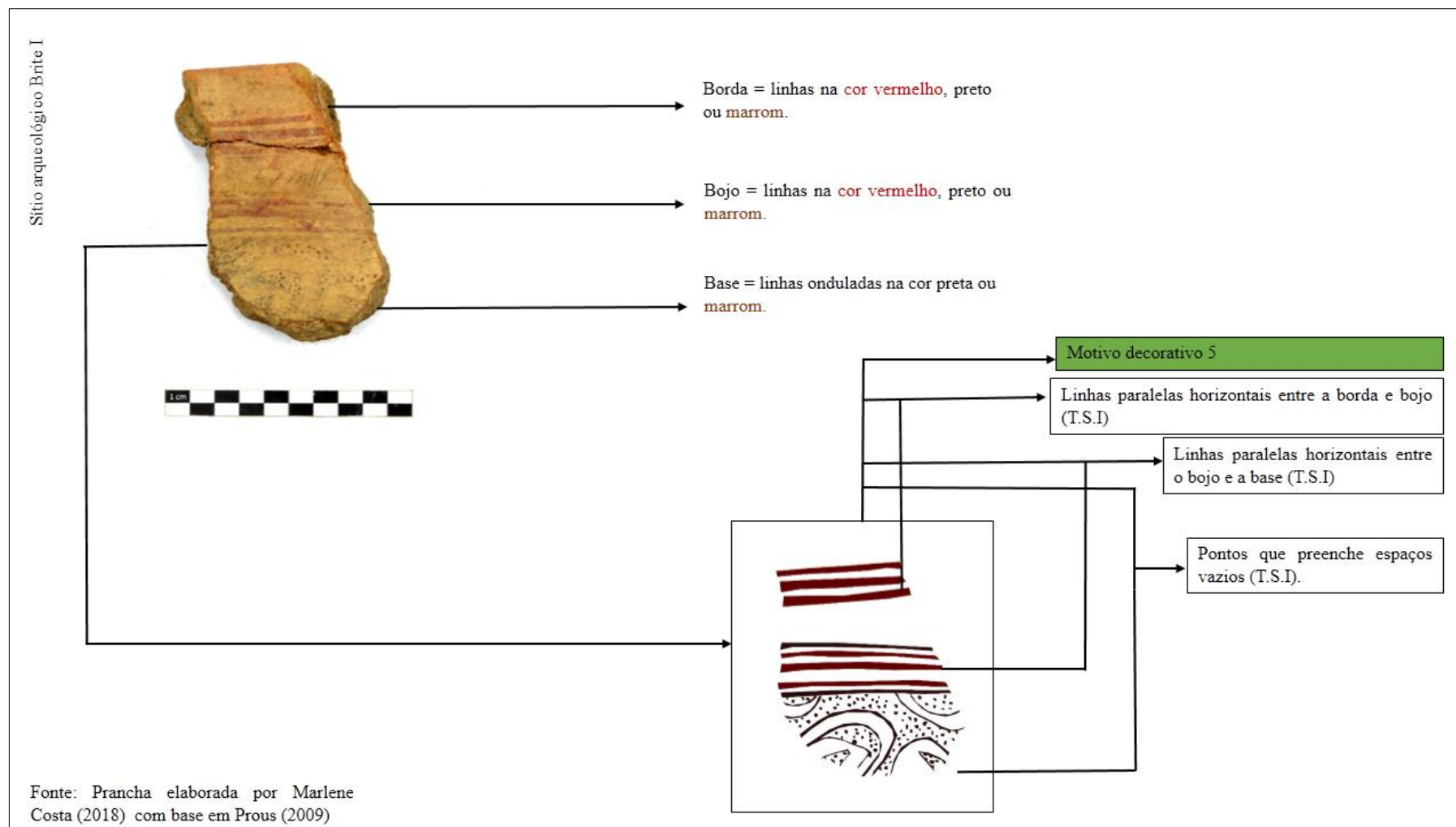


Motivo decorativo 4 - sítio arqueológico Brite I



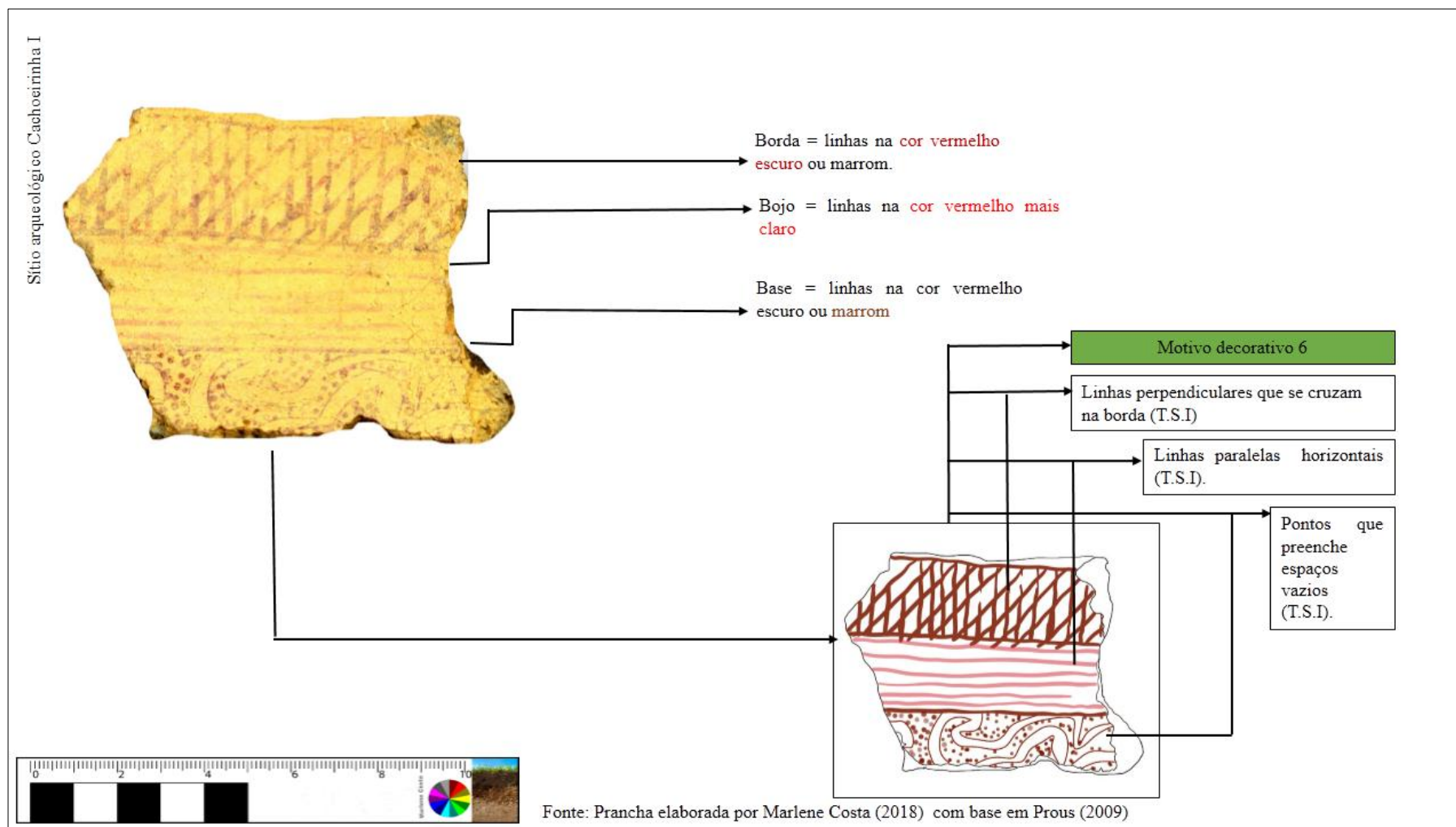
Fonte: elaboração da autora com base em Prous (2009)

Motivo decorativo 5 - sítio arqueológico Brite I



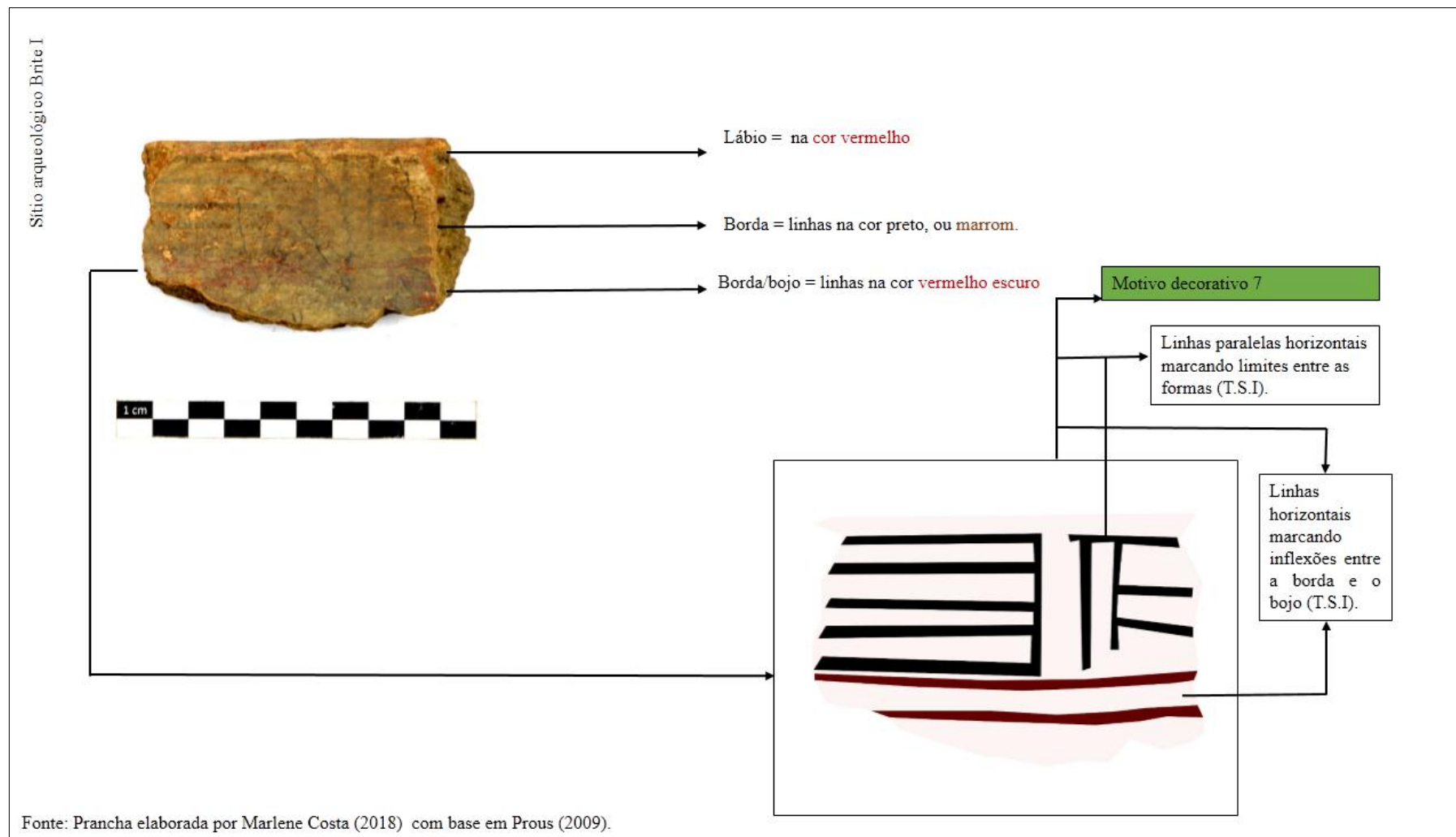
Fonte: elaboração da autora com base em Prous (2009)

Motivo decorativo 6 - sítio arqueológico Cachoeirinha I



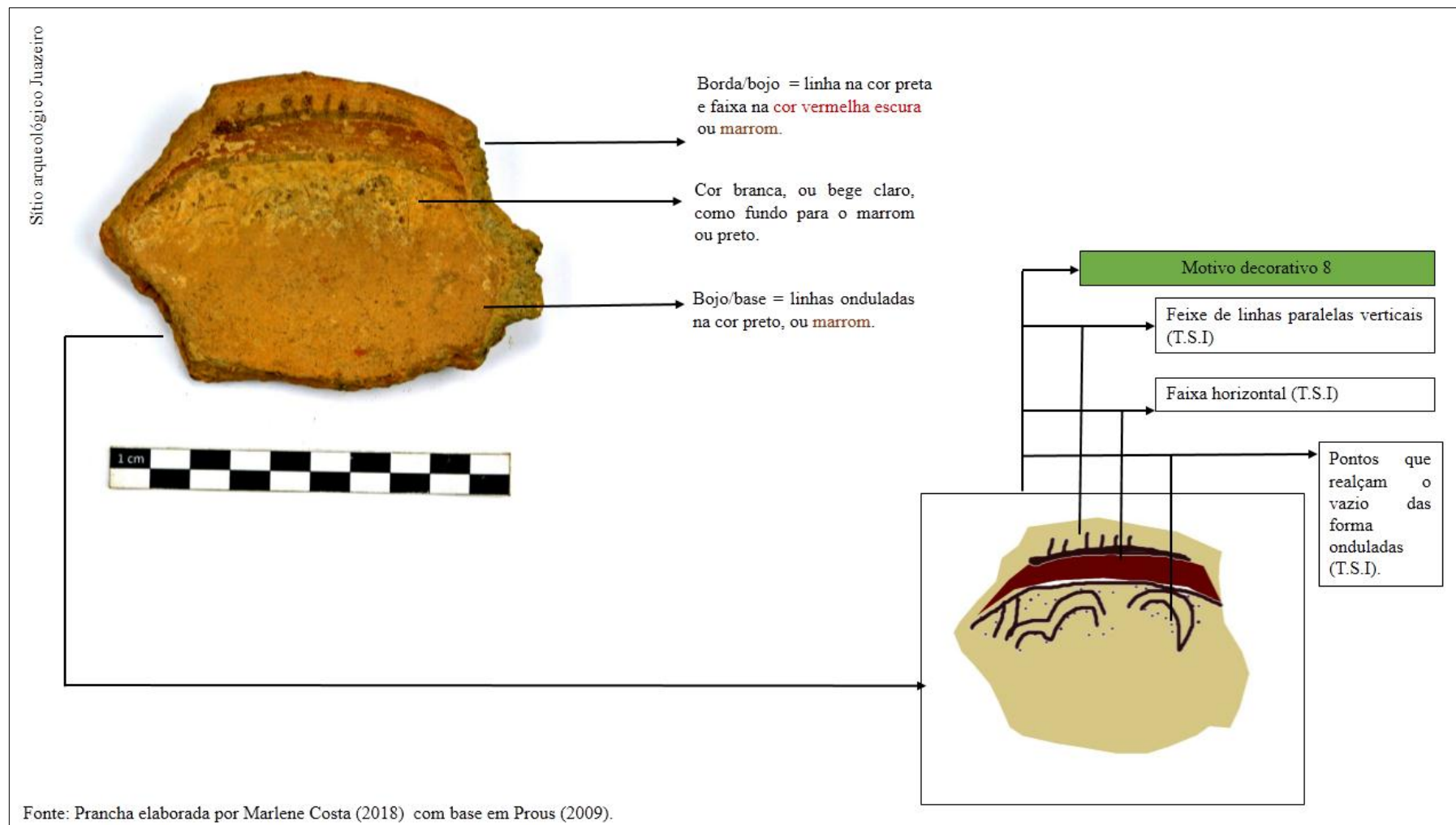
Fonte: elaboração da autora com base em Prous (2009)

Motivo decorativo 7 - sítio arqueológico Brite I



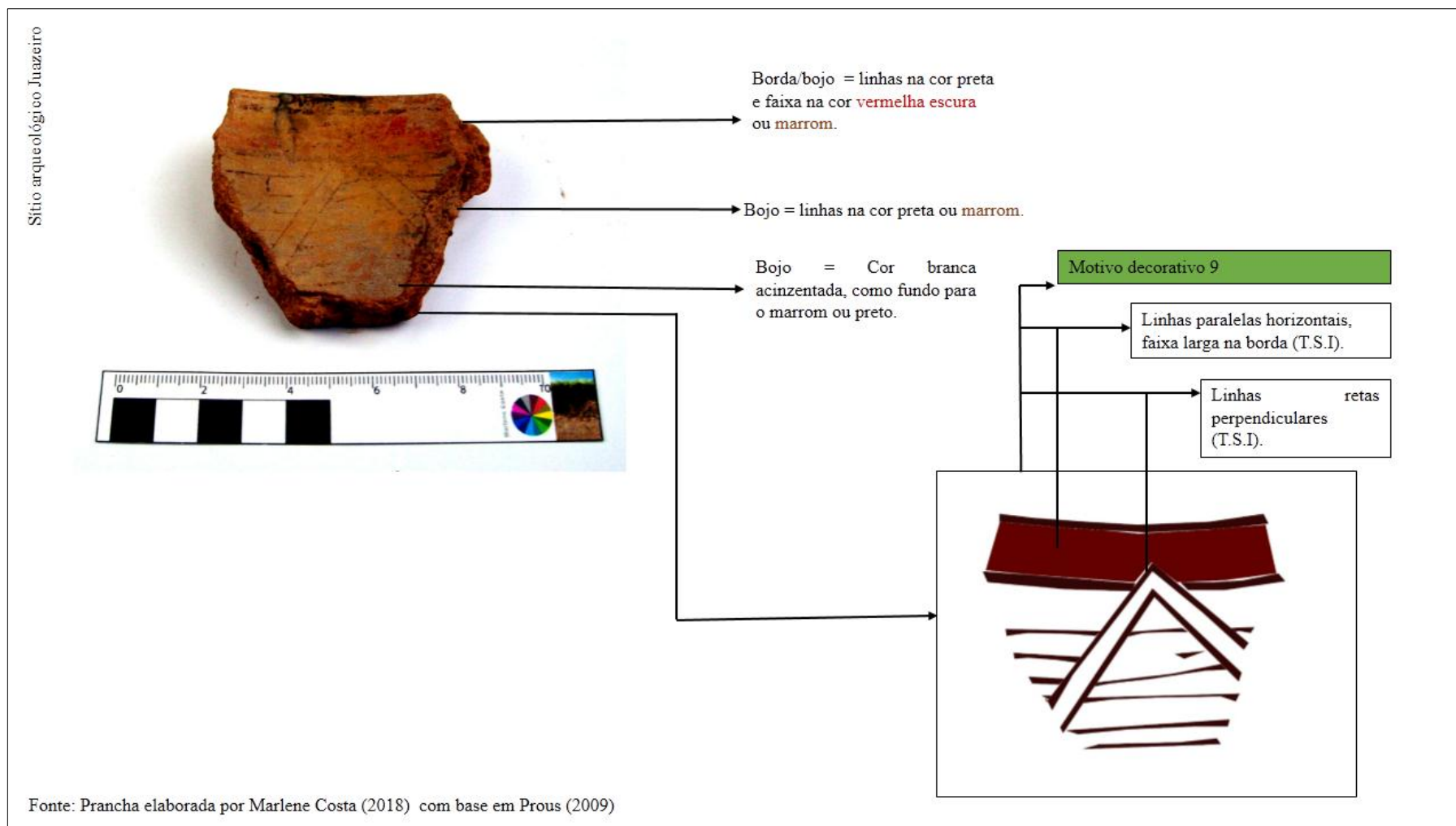
Fonte: elaboração da autora com base em Prous (2009)

Motivo decorativo 8 - sítio arqueológico Juazeiro

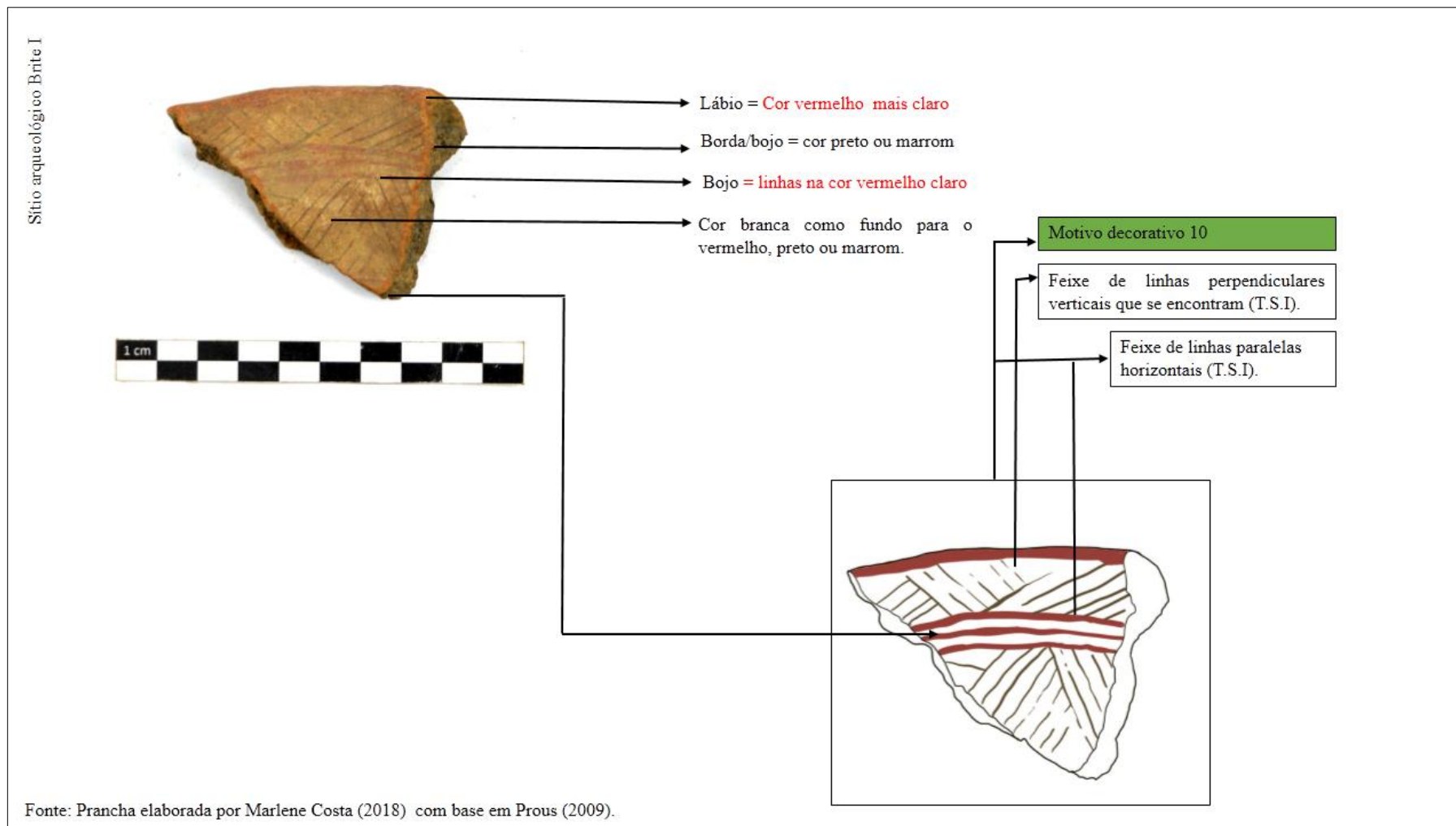


Fonte: elaboração da autora com base em Prous (2009)

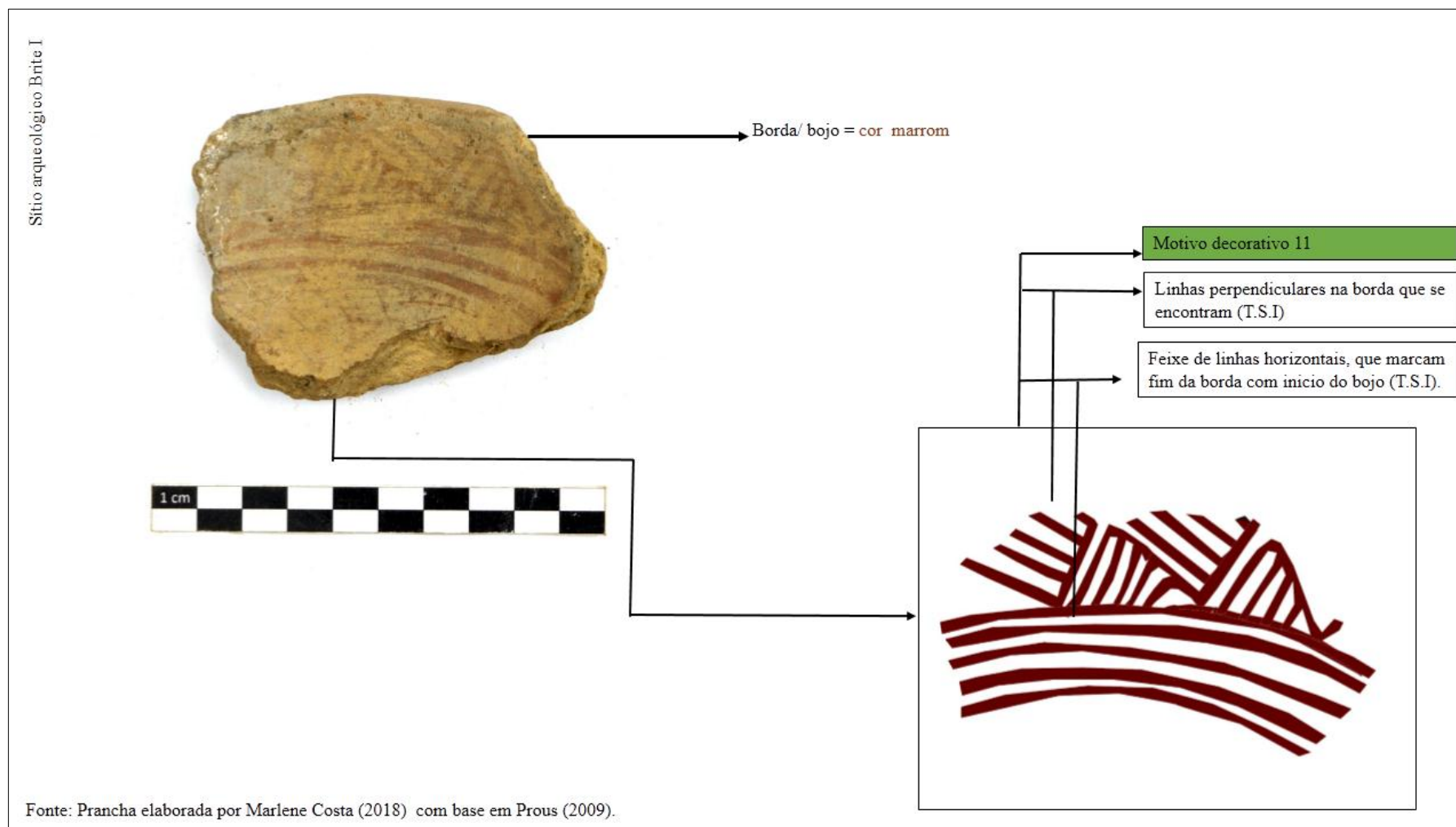
Motivo decorativo 9 - sítio arqueológico Juazeiro



Motivo decorativo 10 - sítio arqueológico Brite I

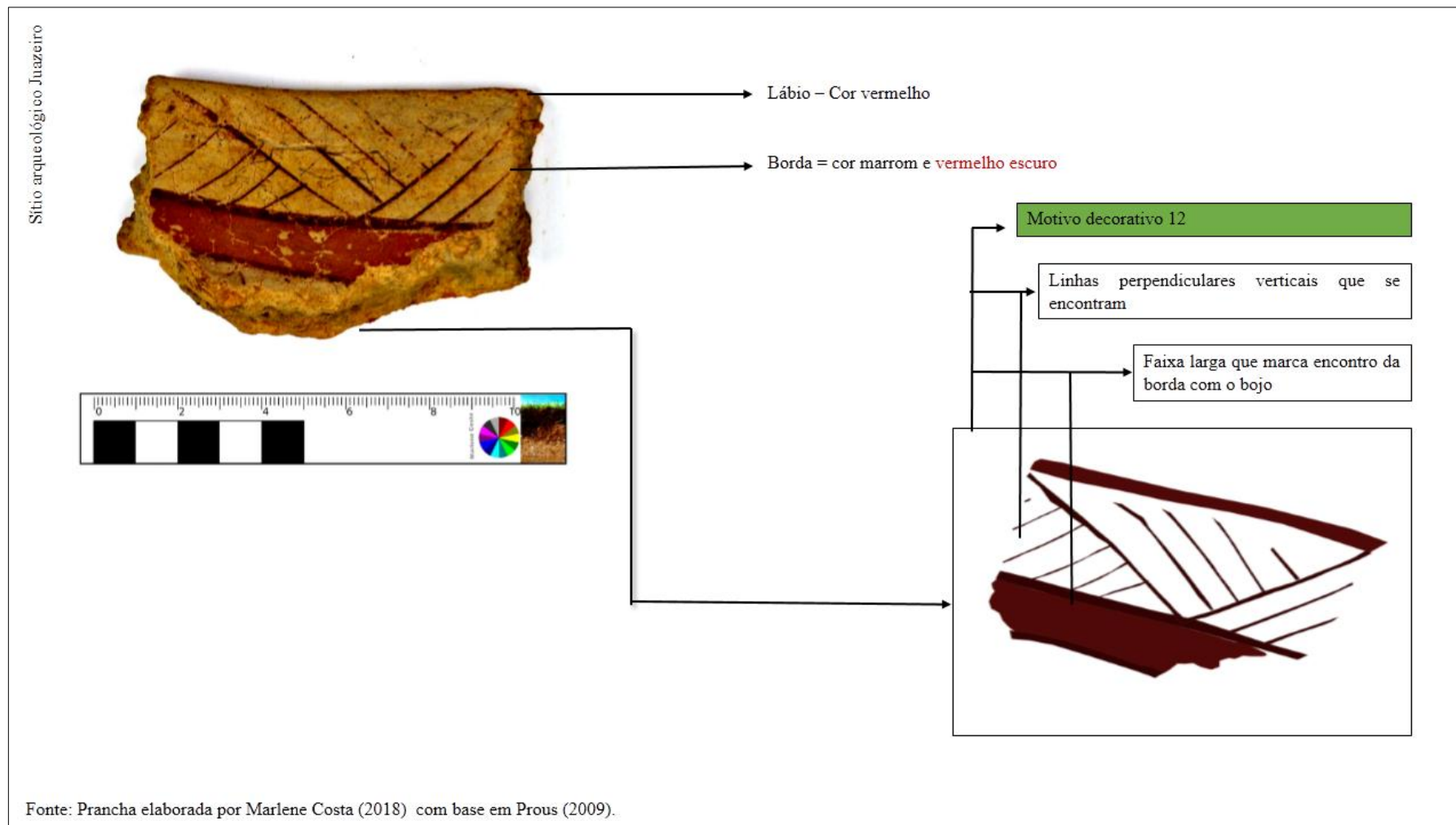


Motivo decorativo 11 - sítio arqueológico Brite I



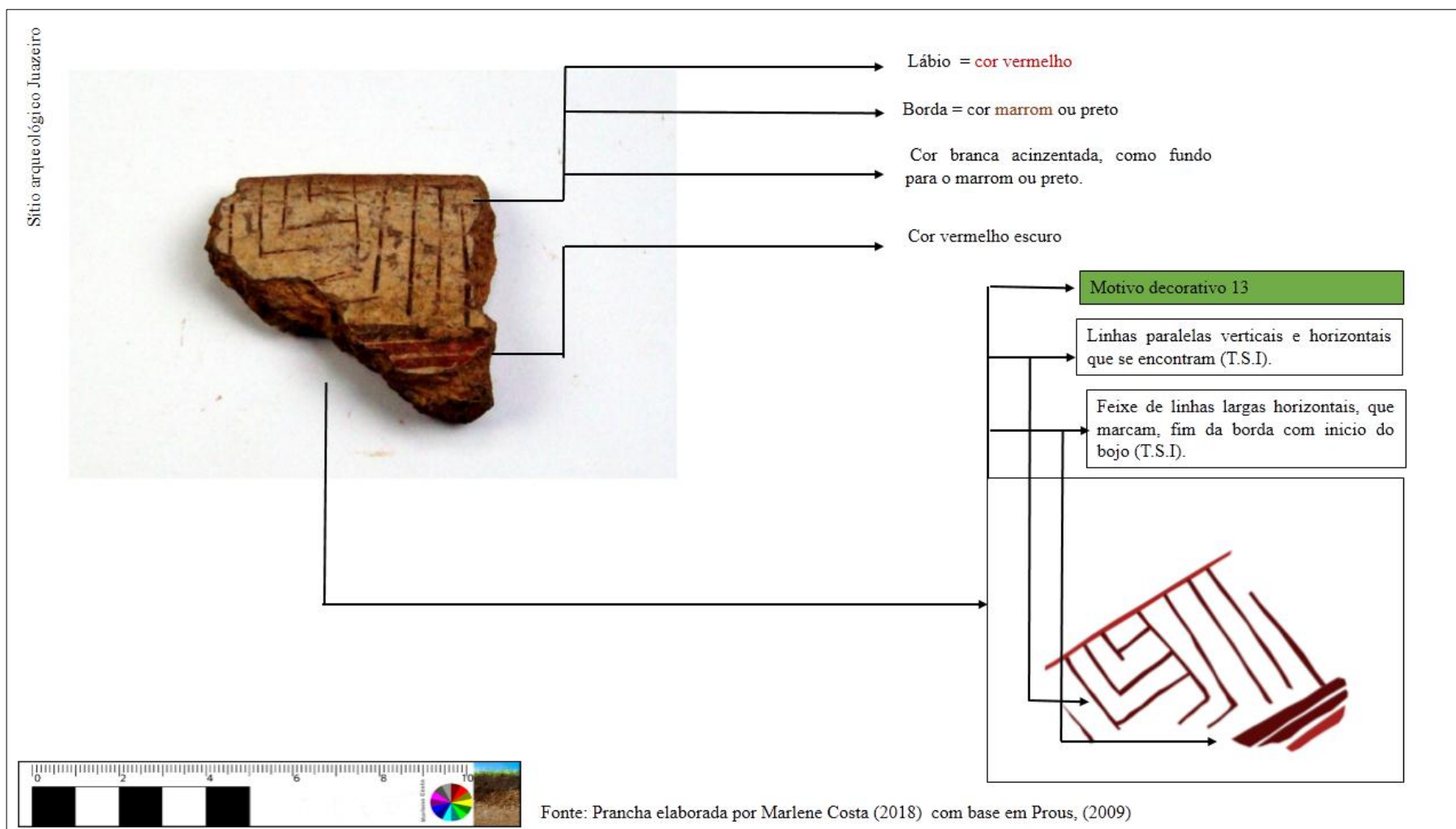
Fonte: elaboração da autora com base em Prous (2009)

Motivo decorativo 12 - sítio arqueológico Juazeiro



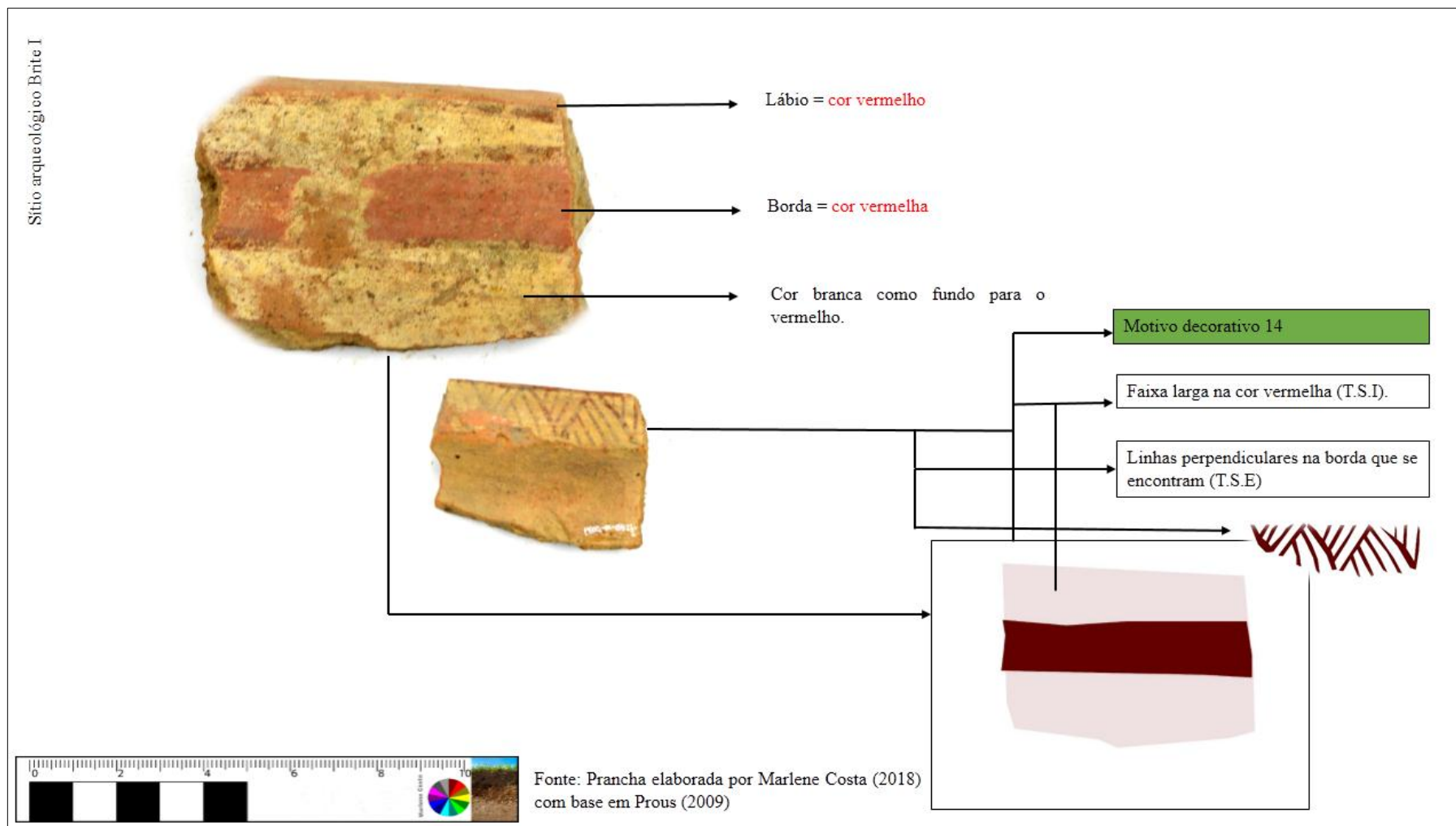
Fonte: elaboração da autora com base em Prous (2009)

Motivo decorativo 13 - sítio arqueológico Juazeiro



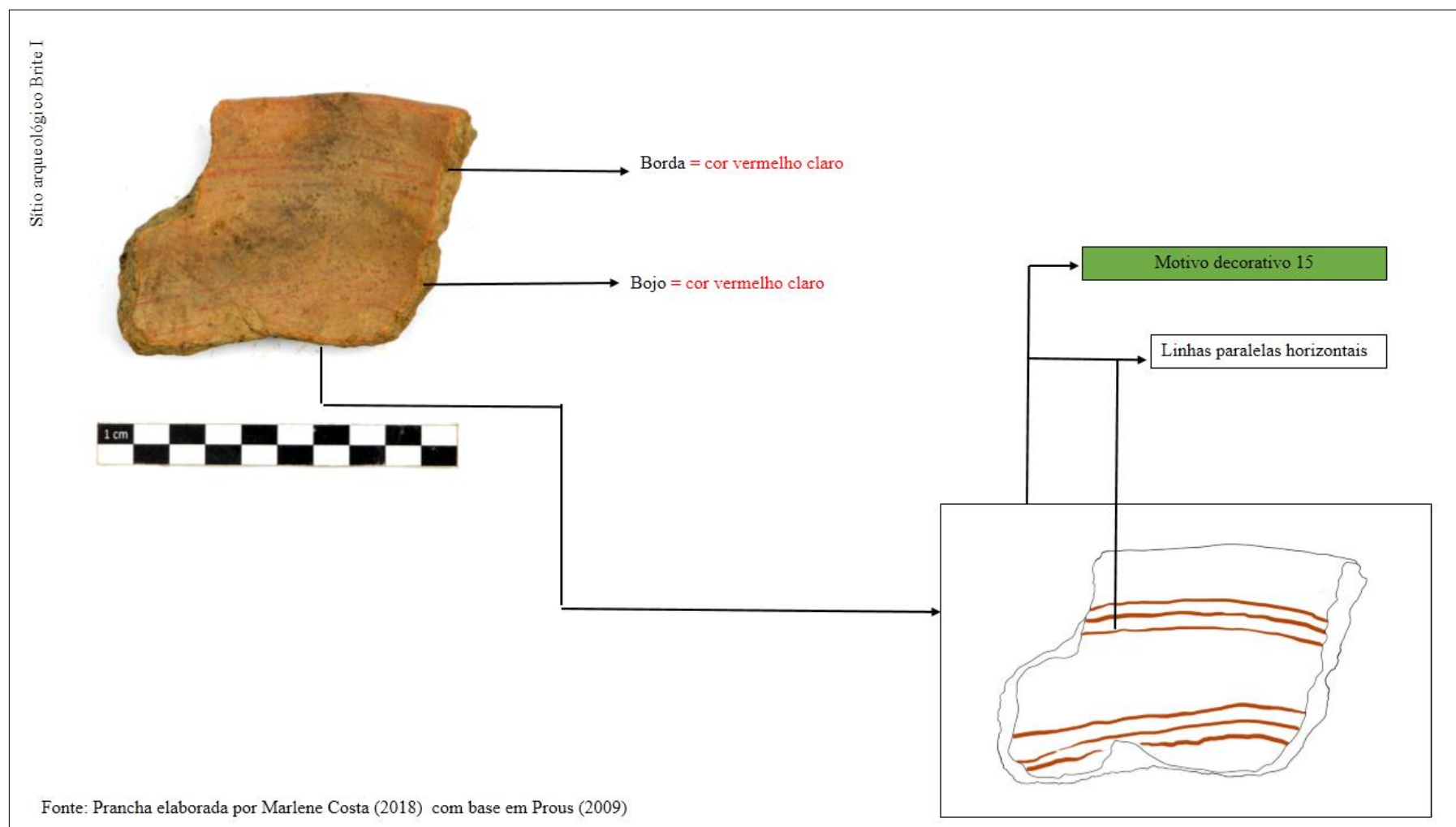
Fonte: elaboração da autora com base em Prous (2009)

Motivo decorativo 14 - sítio arqueológico Brite I



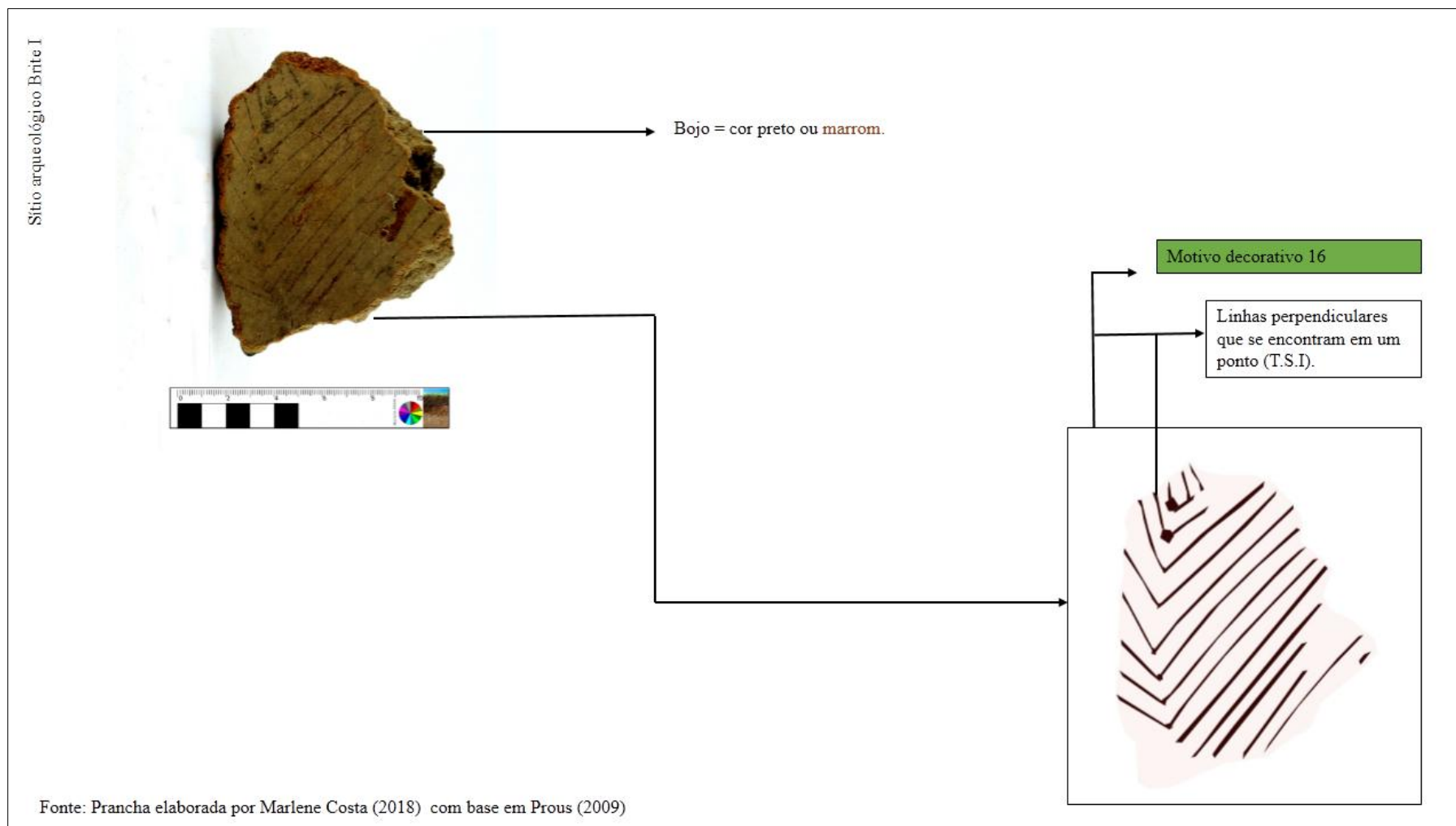
Fonte: elaboração da autora com base em Prous (2009)

Motivo decorativo 15 - sítio arqueológico Brite I



Fonte: elaboração da autora com base em Prous (2009)

Motivo decorativo 16 - sítio arqueológico Brite I



Fonte: elaboração da autora com base em Prous (2009)

Com a representação dos motivos decorativos, nos quais geram possibilidades para discutir gestos, movimentos tanto do corpo humano quanto da própria peça, processos simbólicos, contudo deixo como índice para uma discussão posterior, quando o intuito nesse tópico foi apresentar os índices de similaridade e diferenças entre os motivos decorativos e as formas em busca de perceber se as vivências foram cotidianas ou ritualísticas naquele contexto.








As formas

Vários autores tem buscado discutir as variedades morfológicas e a variabilidade artefactual das vasilhas cerâmicas, logo algumas categorias são comuns em todas as áreas, outras são de características regionais, entre eles La Salvia e Brochado (1989), relacionam as formas do Brasil meridional a populações Guaraní, cujo vasilhas cerâmicas recebem um tratamento decorativo diferenciado, os *Yapepó* costuma ser corrugados, as tigelas (*caguabá*) para ingestão do cauim são pintadas e geralmente são enterradas juntos com os seus mortos.






Segundo Prous (2009), no litoral central e no nordeste do Brasil, onde dominaram populações Tupi, são percebíveis as formas globulares fechadas que podem apresentar ou não decoração, os grandes recipientes para cauim (*igaçaba*) equivalentes aos *Cambuchi meridionais* são pintados. Aparecem vasilhas grandes abertas, possivelmente podem ser *tenhãe*, de bocas e contornos circulares, elípticos e quadrangulares. Que podem ter sido usados para preparação da farinha, ou ainda conforme mostra as gravuras dos cronistas do século XVI-XVII recebendo os órgãos internos dos sacrificados nas festas canibais.





É preciso observar que o protocolo adotado não tem a finalidade de reconstituir quantitativamente e sim qualitativamente as formas dos vasilhames nos sítios arqueológicos analisados com o intuito de perceber se as ações foram cotidianas ou ritualísticas. Embora tenha permitido a identificação de 10 formas, sendo essas frutos de reconstituições hipotéticas, aproxima-se daquelas tradicionalmente associada a populações Tupi (ALBUQUERQUE, 1991, 2008); BROCHADO, 1984; BROCHADO e MONTICELLI, 1994; BROCHADO et al 1990; LA SALVIA e BROCHADO, 1989; SCATAMACCHIA, 1991; AMARAL, 2015), como veremos na (tabela 1) a seguir:

Tabela 1 – Reconstituição hipotética das formas em 3D³⁸

FORMA		DIAMETRO DA BOCA	VOLUME EM LITROS	T.S.E	T.S.I	SÍTIO ARQUEOLÓGICO
1 Vasilhame com forma elipsoide, boca circular, borda direta, inclinada externamente, ou reforçada externamente						
		<u>26 cm</u>	6.8	Alisado	Pintado	Juazeiro
		42 cm	<u>9.0</u>	Alisado	Alisado	Brite I
		36 cm	3.2	Alisado	Alisado	Cachoeirinha I
		28 cm	5.5			
		42 cm	3.5	Alisado	Alisado	Cachoeirinha I
		43 cm	<u>3.0</u>	Engobado	Engobado	Juazeiro
	<u>48 cm</u>	6.7				
				Alisado	Alisado	Cachoeirinha I
				Alisado	Alisado	Cachoeirinha I
					Engobado	Brite I
2 Vasilha com forma esférica, boca circular, borda introvertida e reforçada externamente.		27 cm	4.7	Engobado	Alisado	Juazeiro
		32 cm	1.0		Alisado	Cachoeirinha I
		38 cm	3.6	Alisado	Alisado	Cachoeirinha I
		20 cm	7.0	Alisado	Alisado	Brite I
					Engobado	

³⁸ As formas são apresentadas com detalhes de diâmetro de abertura e demais atributos tecnológicos em pranchas no apêndice B.

<p>3 Vasilhame com forma esférica aberta, borda direta e reforçada externamente</p>		<p>13 cm 12 cm 16 cm</p>	<p>3.0 1.0 3.6</p>	<p>Alisado Alisado Alisado</p>	<p>Alisado Engobado Alisado</p>	<p>Cachoeirinha I Brite I Brite I</p>
<p>4 Vasilhame com forma ovóide aberta; boca circular, com borda reforçada externamente e extrovertida</p>		<p>28 cm 24 cm 20 cm</p>	<p>6.6 7.8 7.0</p>	<p>Alisado Alisado Alisado</p>	<p>Pintado Alisado Engobado</p>	<p>Juazeiro Cachoeirinha I Brite I</p>
<p>5 Vasilhame com forma ovóide fechada angular; boca circular do com borda reforçada externamente</p>		<p>30 cm</p>	<p>1.3</p>	<p>Alisado Alisado</p>	<p>Alisado Alisado</p>	<p>Cachoeirinha I</p>
<p>6 Vasilhame com forma cônica fechada multiangular; boca circular, borda reforçada externamente.</p>		<p>3 cm 29 cm 24.53 cm 16 29 cm</p>	<p>Alisado Alisado 1.6</p>	<p>Alisado Alisado Alisado</p>	<p>Alisado Alisado Alisado</p>	<p>Juazeiro Cachoeirinha I Cachoeirinha I</p>
<p>7 Vasilhame com forma esférica fechada angular; boca circular, com borda direta</p>		<p>14 cm 18 cm</p>	<p>6.1 1.1</p>	<p>Alisado Alisado</p>	<p>Alisado Alisado</p>	<p>Cachoeirinha I Cachoeirinha I</p>

8 Vasilhame com forma elipsóide horizontal fechada e angular, inflexionada; boca circular, com borda extrovertida e borda reforçada externamente		36 cm	13	Alisado	Alisado	Brite I
		44 cm	6.6	Alisado	Alisado	Brite I
9 Vasilha com forma elipsoide horizontal, boca circular, borda reforçada externamente		43 cm 54 cm	6.6 5.0	Alisado Pintado	Pintado Pintado	Cachoeirinha I Brite I
10 Possivelmente quadrangular		52 cm	7.5	Alisado	Alisado	Brite I
		54 cm	5.0	Pintado	Pintado	Brite I

Fonte: Elaborada pela autora

Contudo, por mais que eu apresente uma metodologia que se assemelha aos trabalhos discutidos ao longo da trajetória da arqueologia brasileira, ou arqueologia Tupi, o objetivo desta dissertação não é aplicar os modelos levantados (perfil técnico ou perfil tecnológico), nos sítios arqueológicos da chapada do Araripe ou ainda para as outras regiões piauiense, o objetivo que almejei foi baseado nas abordagens sobre estabelecimento e vivências (cotidianas ou ritualísticas) Tupi no semiárido, observadas a partir do emaranhado de coisas que é da forma e movimento as ações, percebendo como estas podem ter influenciado nas existências humanas e não humanas naquela paisagem, a necessidade de apresentar algumas das formas surge

como cenário para discutir quais das atividades (cotidianas, ou ritualísticas) possivelmente estariam sendo desenvolvidas, uma vez que a “forma é o fim” (KLEE, 1973, p. 269. *Apud*. INGOLD 2012, p.26).

5 INTERPRETANDO A ANÁLISE DOS DADOS: O VIÉS PARA O ESTABELECIMENTO E VIVÊNCIAS TUPI NA CHAPADA DO ARARIPE

Este capítulo é dedicado a interpretação dos dados levantados a partir do processo investigativo que integrou esse trabalho (perceber como o emaranhado de coisas podem inferir quanto ao processo de estabelecimento e quais vivências aconteceram na porção piauiense da chapada do Araripe), ou seja perceber como as coisas reconstrói as pessoas, talvez seja mais viável do que o produto final.

Partindo desse princípio, nesse andamento do texto, meus esforços se concentram em mostrar as “coisas” compreendendo aqui como os elos, que conecta aos nós que vão produzir as formas, para que se perceba as dinâmicas sociais, os ciclos, ou mecanismos que conectam a agência humana e não humana adentrada naquele cenário, percebidos através da similaridade e diferenças dos acervos dos três sítios arqueológicos em estudo.

5.1 Similaridades e diferenças entre os acervos dos três sítios arqueológicos estudados.

Para a observação de similaridade e diferenças entre as coisas, baseei na frequência das características compartilhadas pelo acervo em análise a partir das coisas consideradas pré-coloniais, que a princípio foi selecionada as coisas cerâmicas para uma análise tecnológica (morfologia, T.S.E., T.S.I., técnica de manufatura), posteriormente reconstituição de algumas das formas, bem como análise detalhada das cores e identificação de alguns motivos decorativos, em sequência, observação de outros componentes identificados (adornos, cachimbo, fuso e material lítico).

Em termos gerais os acervos foram considerados com maior índice de similaridade, por apresentarem coeficientes “semelhantes” mais que diferentes (DRENNAN, 2009), no entanto, é necessário ter em mente que estamos tratando de coisas que foram construídas ontologicamente por populações tradicionais, estas seguem as dinâmicas sociais, contudo tais populações não produzem de forma industrial, ou ainda por larga escala, logo deixam perpetuar o gesto, a posição corporal, ou ainda as simbologias ritualísticas utilizadas pelas oleiras (CARVALHO & JACOME, 2005), quando se trata das cerâmicas.

Para tanto, como foi apresentado no capítulo 3 tópicos: **3.4.3; 3.4.4; 3.4.5**, durante o processo de análise e triagem do acervo arqueológico dos três sítios em estudo, foram

considerados a categoria geral³⁹ de coisas identificadas em cada sítio arqueológico, em seguida realizei uma nova triagem sobre as coisas consideradas pré-coloniais e destas foram consideradas 8.608 coisas cerâmicas, destas 1.500 para o sítio arqueológico Juazeiro, 2.075 no sítio arqueológico Cachoeirinha I, 5.033 no sítio arqueológico Brite I.

No tocante para os três sítios foram reconstituídas 10 formas cerâmicas, identificados 16 motivos decorativos, ao tempo em que associo com: material lítico (pranchas, 2 e 3), adornos: tembetá e contas de colar (prancha 2), fusos em rocha e cerâmica (pranchas 1,2,3), cachimbo tubular (prancha 1e 3); no entanto essa pesquisa prezo pela análise das coisa no processo de gênese e crescimento em associação com o desenvolvimento cultural e social das pessoas, do que as próprias formas que seriam os dados quantitativos, na perspectiva de trazer de volta a vida Ingold (2012), ou melhor, buscar compreender se estas vivências seriam cotidianas ou ritualísticas, para tanto, considere os motivos decorativos (apêndice C), conjuntamente com as formas, como processos ontológicos de representação cotidiana e simbólica, entre humanos e coisas.

Ainda é preciso salientar que os tipos de formas foram articuladas através da reconstituição hipotética em 3D a partir dos fragmentos de borda, em associação com diâmetro de abertura de boca e capacidade volumétrica como variáveis para estabelecer as similaridades morfológicas entre os acervos (ver apêndice B).

Logo, para o sítio arqueológico Juazeiro, por ficar localizado distante a pouco mais de 4 quilômetros em relação ao sítio arqueológico Cachoeirinha I e, este a 200 metros em relação ao Brite I, este foi usado até recentemente como área de plantação pelos sertanejos, é um sítio multicomponencial, com uma materialidade que remetem talvez a dois momentos de vivência humana, uma seria pré-colonial, e outra colonial.

Entretanto meus esforços se concentraram em perceber as vivências pré-coloniais que assim como no Cachoeirinha I e Brite I também apresentarem um ou outro fragmento colonial porém estes são bem restritivos em relação a quantidade dos apresentados no Juazeiro.

Uma explicação plausível para esta situação seria que, possivelmente onde se viveu diariamente também pode ter acontecido atividades ritualísticas, uma vez que, os três sítios apresentaram mais similaridade entre os acervos do que diferença, no entanto ficam em aberto

39 Considerada as coisas de maneira geral identificada nos sítios arqueológicos no decorrer do tempo (passado e presente).

quanto a temporalidade e cronologia para de fato perceber se essas vivências e estabelecimento foram duradouros em regiões semiáridas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma pesquisa arqueológica se concretiza a partir do momento que (x) pesquisadxr está satisfeito com os dados levantados, conseguindo assim repassar esses dados aos interessados, aos curiosos e a comunidade envolvida na pesquisa, não importa se estes serão apresentados em primeira, segunda, terceira pessoa, ou ainda qual abordagem arqueológica a pesquisa irá seguir, o importante é estar consciente que a pesquisa foi feita, organizada, compreensiva, os dados contribuirão para uma “discussão”, seja ela duradoura ou breve.

O caso dos estudos sobre as “coisas” que identificam as populações Tupi, é um tanto que duradoura, ou seja, acompanha o desenvolvimento da arqueologia como ciência no Brasil, vem servindo para diversas reflexões, como: modo de vida, dieta alimentar, distribuição geográfica, cronologia, temporalidade, forma, função e funcionalidade seja das vasilhas cerâmicas ou dos sítios arqueológicos, particularidades tecnológicas, padrões de assentamento, perfil técnico, vivências humanas, além do seu potencial simbólico e social. Contribuindo ainda para a geração de acervos em diversas regiões do Brasil, ou até mesmos nos países vizinhos onde foram identificados sítios e materiais arqueológicos filiados a essas populações.

O desenvolvimento dessa pesquisa direcionou-me ao encontro de temas importantes e amplamente debatidos no cenário arqueológico nacional e internacional. Proporcionando-me a oportunidade de compreender como o conhecimento acadêmico a respeito das populações Tupi tem sido ampliado ao longo dos anos, no entanto pouco se tem discutido o estabelecimento e vivências a partir da abordagem teórica das coisas na perspectiva proposta por Ingold (2012), em perceber esse emaranhado de coisas e trazer de volta a vida, ou seja discutir além das formas e funções dos objetos encontrados, ainda assim em acervos gerados pela arqueologia de contrato, percebendo ontologicamente como as pessoas constroem as coisas e como as coisas reconstroem as pessoas Miller (2013, “grifo da autora”).

Logo essa pesquisa surgiu no âmbito da arqueologia de contrato, trabalhar com a temática entre humanos e coisas, é uma tentativa de fugir das abordagens triviais de que acervos gerados nesse âmbito servem apenas para descrever o objeto, pelo objeto, por isso a abordagem teórica das coisas é uma necessidade em perceber os humanos como agentes naquela paisagem, ao tempo em que vem demonstrando a necessidade de revisitar esses acervos que a anos estão nos museus, nas reservas técnicas, considerados descontextualizados.

Deste modo, a presente pesquisa direciona-se por essa vertente, no intuito de buscar compreender como grupos ceramistas filiados a populações Tupi se estabeleceram e viveram no semiárido nordestino, buscando perceber a agência humana e não humana naquele cenário. Como foi abordado no primeiro capítulo, o acervo em estudo, foi gerado através de projeto de licenciamento, os questionamentos maiores a respeito das ações humanas, como esse emaranhado de coisas poderiam trazer respostas a tais ações foram amadurecidas durante o processo de análise e curadoria de tais coisas em laboratório, o que já se configura uma segunda etapa que pode ter ultrapassado os anseios das atividades de campo, ou ter se debruçado em outra vertente teórico-metodológica.

De certo modo discutir estabelecimento e vivências humanas Tupi não é um tema novo na arqueologia, entretanto pouco tem se discutido de forma ontológica⁴⁰. Porém foi necessário contextualizar os Tupi no Piauí, traçar uma crítica ao “determinismo geográfico”, abordado pela vasta literatura onde excluía as áreas semiáridas como regiões propícias para essas populações em tempos recuados; assim como a superação da abordagem descritiva das coisas, como vetor principal para a explicação da ação humana; a fuga da categorização em fases e tradições como limitantes a um único grupo étnico.

Portanto essa pesquisa aproveita das oportunidades e aprimoramentos gerados pelos pesquisadores anteriores na tentativa de contribuir para a ampliação do conhecimento sobre populações Tupi na Chapada do Araripe e conseqüentemente no estado do Piauí, ou ainda para todo o território nacional.

Os conhecimentos previamente existente foi fundamental para a viabilidade da pesquisa e, alcance dos objetivos lançados. Logo acredito que a presente dissertação cumpre os objetivos descritos na introdução, problematizando as nuances entre estabelecer e viver na porção piauiense da chapada do Araripe. Discutindo como a análise tecnológica contribuiu para identificação do que seria esse estabelecimento e essas vivências, que se configuram em “habitar” como interação do homem com o meio, estabelecendo uma relação (entre pessoas, coisa e paisagem); bem como, as vivências que possivelmente estão pautadas em atividades cotidianas e ritualísticas.

40 Considerada a partir do heideggerianismo, reflexão a respeito do sentido abrangente do ser, como aquilo que torna possível as múltiplas existências. (Dicionário on-line de filosofia. Acessado em 19 de dezembro de 2018).

As atividades cotidianas e ritualísticas Tupi, são um acontecimento complexo, ontologicamente associado a diferentes momentos da vida, em si tratando de populações tradicionais, que estiveram em diferentes regiões, ou seja, em diferentes contextos, logo é uma discussão que vai além dos limites arqueológicos. Contudo, apresentei no segundo capítulo, as coisas identificadas nos três recortes arqueológicos, como vetor para associação com outras fontes (Antropologia, Etnohistória, Antropologia da Tecnologia, História Indígena) para que possamos entender essas coisas como expressões de um estilo introduzido e compartilhado em uma história de longa duração em distintas regiões brasileira, atuando na veiculação de mensagens aos sistemas ontológicos.

Assim, em consonância com Lemonier (1992, 1993), defendo que a análise tecnológica, na perspectiva da Antropologia da tecnologia, onde percebe que a tecnologia gera um corpo de conhecimentos, práticas, ações em uma matriz social, interagindo no universo simbólico dos grupos humanos que a produzem, proporcionou meios válidos para a investigação arqueológica. E concluo que as características tecnológicas (morfologia, forma, decoração) não são apenas critérios para descrição dos artefatos, mas sim indicadores de diferentes aspectos socioculturais. Sendo assim imprescindíveis para identificação das vivências cotidianas e ritualísticas.

Logo, apesar de admitir a necessidade de aprimoramento e refinamento quanto ao entendimento, do que seria essas vivências cotidianas e ritualísticas a partir do que Ingold considera trazer as coisas de volta a vida. No capítulo IV, a partir das evidências analisadas, formas, volume, cores e motivos decorativos; em associação com: material lítico, adornos (tembetá, e contas de colar), fusos (em rocha, cerâmica e amazonita); considerando a paisagem que sofreu processos de transformações naturais e antrópicas ao longo do tempo. A princípio o caráter hipotético (desenho de reconstituição em 3D, e cálculo de volume a partir dos fragmentos de borda) de parte dessas coisas, como no caso as cerâmicas, podem gerar desconfiças como ressaltou Sheppard (1956. *Apud.* Salvia e Brochado, 1989), quanto aos resultados auferidos. Todavia estas dúvidas não são suficientes para inviabilizar a credibilidade da pesquisa, sendo abordagens que vem sendo estudadas por diferentes pesquisadores ao longo dos anos.

É preciso enfatizar que o recorte ora apresentado foi pensado para as cerâmicas Tupi, mas especificamente as da área em estudo, portanto a sua aplicação em outros contextos exige adequação as especificidades locais. Assim como os dados auferidos foram contrastados com

informações advindas do contexto ambiental, e dados bibliográficos realizados por outros pesquisadores na área da chapada do Araripe e território piauiense.

Segundo Amaral (2015) ambas as áreas (Depressão sertaneja, vale, encosta e topo de chapada) foram locais de mobilidade humana, logo se aconteceu mobilidade, pode ter acontecido vivências humanas.

Durante o processo de identificação das coisas os primeiros indícios apontavam que provavelmente os sítios do topo da chapada fossem dedicados as atividades ritualísticas, como é o caso da representação de vasilhas pequenas e grandes decoradas, até vasilhas quadrangulares, logo estas expressariam de forma pujante.

Enquanto que os da depressão sertaneja estariam dedicados a atividades cotidianas (cozinha, servir, estocar), logo estas estariam sem decoração apresentando o T.S.E e T.S.I alisado.

No entanto, a partir da conclusão das análises, levando em consideração que ambas as áreas apresentaram indícios de vivência humana (cotidiana e ritualística), não obstante, as coisas identificadas apresentaram mais similaridade entre os acervos do que diferença, como é o caso das formas, ovóides, elipsoide, circulares e quadrangulares, além de apresentarem motivos decorativos que podem ser associados a atividades ritualísticas.

Porém as vasilhas consideradas para atividades cotidianas (vasilhas sem decoração) apresentaram em grande quantidade nos três sítios, logo, consta-se que possivelmente onde se viveu diariamente também pode ter acontecido atividades ritualísticas. É possível que tais vasilhas tenham sido usadas na preparação da farinha de mandioca ou como mostra as ilustrações dos cronistas do século XVI-XVII recebendo os órgãos dos sacrificados durante os rituais de canibalismo, Prous (2009).

Portanto, se as coisas analisadas apresentam os mesmos preceitos tecnológicos, as formas e motivos decorativos se assemelham, podemos sugerir que as pessoas e as coisas estavam vivenciando atividades semelhantes!

Deste modo, não estou afirmando que, independentemente do local onde os grupos estivessem instalados, poderiam acontecer as mesmas atividades, contudo é de se observar que as condições ambientais ou as necessidades culturais e sociais na área de estudo contribuiu para as vivências, logo a área piauiense da chapada do Araripe se encaixa perfeitamente na rota das discussões sobre as populações Tupi, em regiões semiáridas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, M.; **Recipientes cerâmicos de grupos tupis, no nordeste brasileiro.** In: PROUS, André; LIMA, Tania Andrade (org.). **Os ceramistas Tupiguarani.** Belo Horizonte: Sigma, 2008. Pg. 67-89. il.
- ALMEIDA, F.O.; **A arqueologia dos fermentados: a etílica histórica dos Tupi-Guarani.** Estudos avançados p.29/83. 2015.
- AMARAL, A. M.; **Andanças Tupiguarani na Chapada do Araripe: análises das correlações entre mobilidade humana, tecnologia cerâmica e recursos ambientais.** 2015. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Programa de Pós-Graduação em Arqueologia. Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- ARAUJO, Astolfo G. M.; CARVALHO, Marcos R.R. de; **A Louça Inglesa do Século XIX: considerações sobre a terminologia e metodologia utilizadas no sítio Florêncio de Abreu,** São Paulo. Ver. Do Museu de Arqueologia e Etnologia. São Paulo. 1993. N. 3.
- ASSINE, M. L.; **Sedimentação e tectônica da Bacia do Araripe.** Dissertação (mestrado em Geociências), Instituto de Geociências e Ciências Exatas - UNESP, Rio Claro, 1990.
- BAPTISTA, J. G.; **Etno-história indígena piauiense.** Teresina: EDUFPI/APL, 1994.
- BRASIL. FUNAI-Fundação Nacional do Índio. Disponível em: <http://www.funai.gov.br/mapas/mapa-etnia.htm>. Acesso em: 10 de abril de 2018.
- BARRETO, C. N. G. B.; **A construção de um Passado Pré-Colonial: uma breve história da Arqueologia no Brasil.** Revista USP, 2000, 44: 32-5. (Acesso: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/30093>).
- BINFORD, L.; **Em busca do Passado: a decodificação do registro arqueológico.** Mira-Sintra: Europa-América, 1983.
- BORGES, J.F. **Os Senhores das dunas e os adventícios D'Além-Mar: Primeiros contatos, tentativas de colonização e autonomia Tremembé na Costa Leste-Oeste (Século XVI e XVII),** Niterói-RJ. 2010.
- BROCHADO, J.P; MONTICELLI, G.; NEUMAM, S. E. **Analogia Etnográfica na reconstrução gráfica das Vasilhas Guarani Arqueológicas.** IN. Vértas, Porto Alegre, V. 35 Nº 140, Dez, 1990, pg 723-743.
- BROCHADO, J.P; MONTICELLI, G.; **Regras práticas na reconstrução gráfica das vasilhas de cerâmica guarani a partir dos fragmentos.** Estudos Ibero-Americanos. PUCRS, V.xx, n.2, p. 107-118, dezembro, 1994.

BUENO, L. de M. R.; **Variabilidade Tecnológica nos Sítios Líticos da região do Lajeado Médio Rio Tocantins**. São Paulo, 2005.

CALDARELLI, S. B. (coord.); **Arqueologia no Vale do Paraíba Paulista: SP 070 rodovia Carvalho Pinto**. São Paulo: DERSA desenvolvimento rodoviário S.A, 2003.

CARVALHO, A. & JÁCOME, C.; **Os gestos na decoração plástica de vasilhas Tupiguarani**. 2005.

CORRÊA, Â. A. A.; **Tetama nas matas mineiras: sítios Tupi na microrregião de Juiz de Fora – MG**. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia – MAE, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

CORRÊA, Â. A.; **Pindorama de Mboia e Itacaré Continuidade e Mudança na Trajetória das Populações Tupi**. Universidade de São Paulo programa de pós-graduação em arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia, USP, São Paulo, 2014.

COSTA, C. A. S.; **Materiais Construtivos da Primeira Catedral do Brasil: modelo de estudo para telhas, tijolos, cravos e azulejos aplicados aos materiais do sítio da antiga igreja Sé, Salvador, Bahia**. *Clio Arqueológica*. Recife: UFPE, 2005. n. 19. v. 2.

COSTA, M. dos S.; **Análise Espacial do Sítio Arqueológico Juazeiro: Ocupação Tupiguarani na Chapada do Araripe – Caldeirão Grande do Piauí/ UNIVASF– São Raimundo Nonato - PI**, 2017.

DELEUZE, G.; GUATARI, F.; **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. Volume 1. Lisboa: Assírio e Alvim, 2004.

DIAS, O. & PANACHUCK, L.; **Características da tradição Tupiguarani no sudeste do Brasil**. In: PROUS, André & LIMA, Tânia A. (Org.). *Os ceramistas Tupiguarani*. Belo Horizonte: Sigma. 2008, p. 91-116.

DRENNAN, R. D.; **Statistics for archaeologists: A Common Sense Approach**. New York: Springer, 2009.

FONTES, M. A. F. (Org.); **Cerâmicas Pré-Históricas na Porção Piauiense da Chapada do Araripe / Organizado por Mauro Alexandre Farias Fontes... [et al.]**. – Petrolina, PE: UNIVASF, 2017.

FONTES, M. A. F.; SILVA M. L. da; SENA, V. K. de; NETO, W. M. L.; Brasileira Consultoria LTDA. **Relatório de diagnóstico e prospecção arqueológica na área de instalação da central eólica bóreas**, / - São Raimundo Nonato, PI, UNIVASF; 2015.

GEERTZ, C. 1926-; **A interpretação das culturas / Clifford Geertz**. - 1.ed., IS.reimpr. - Rio de Janeiro: LTC, 2008.323p.

GUIDON, N. et al.; **Datação por termoluminescência de seixos de quartzos queimados da toca do Boqueirão Pedra furada (Piauí Nordeste do Brasil)** FUMDHAMENTOS. Vol. 1 n° 3 São Raimundo Nonato-PI, 2003.

FUMDHAMENTOS; Publicação da Fundação Museu do Homem Americano; Vol. 1 n° 3 São Raimundo Nonato-PI, 2003.

HEIDEGGER, M.; **Ser e tempo (1927), Partes I e II**, tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback, Petrópolis: Vozes, 2002.

INGOLD, T. 2012; **Trazendo as coisas de volta à vida: Emaranhados criativos num mundo de materiais**. Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, anos 18:25-44.

INGOLD, T. 2013. **Los materiales contra a la materialidade. Buenos Aires, Papeles de trabajo**. V. 7: 19-39.

INGOLD, T. 2015. **Estar Vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis: Editora Vozes, 390p.

INGOLD, T. 1993. **The Temporality of the Landscape**. Source: World Archaeology, Vol. 25, No. 2, Conceptions of Time and Ancient Society (Oct. 1993), pp. 152-174 Published by: Taylor & Francis, Ltd. Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/124811>. Acessado em 23/05/2017.

JACQUES, C. C. **As Pessoas e as Coisas: Análise Espacial em Dois Sítios Arqueológicos, Santo Antônio da Patrulha, RS**; Porto Alegre 2007.

JOHNSON, M. **Teoría Arqueológica: Una introducción**. (Trad. Josep Ballart). Barcelona: Ariel, 2000.

KÓS, C. V. N. M. **Etnias, Fluxos e Fronteiras: Processo de Emergência Étnica dos índios Cariri em Queimada Nova – PI**. Trabalho apresentado na 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2014, Natal/RN.

LARAIA, R. de B. **Cultura: um conceito antropológico**, 14.ed. — Rio de Janeiro: Jorge "Zahar", 2001.

LA SALVIA, F.; BROCHADO, José P. **Cerâmica Guarani**. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura, 1989.

LEMONIER, P. **Elements, for an Anthropology na technology**. Michigan. Museum of Anthropological. Research (88) University of Michigan. 1992.

LIMA, T. A. **O problema da atribuição de identidades étnicas a registros arqueológicos**. In: LOPONTE, D.; ACOSTA, A. (org.) **Arqueología Tupiguarani**. Buenos Aires: INAPL, p. 7-23, 2011.

Manual técnico de geomorfologia /IBGE, Coordenação de Recursos Naturais e Estudos Ambientais. – 2. Ed. – Rio de Janeiro: IBGE, 2009. 182 pg.

MARANCA, S; MEGGERS, B. **Uma reconstituição de organização social baseada na distribuição de tipos de cerâmica num sítio habitação da tradição Tupiguarani**. Pesquisas. São Paulo: [s.n.], n.º. 31. 1980. Pg.227-247.

MARTIN, G. **Pré- história do Nordeste do Brasil/ 4ª ed.** – Recife: ed. Universitária UFPE, 2005.

MILLER, D. 2013. **Trecos, troços e coisas. Estudos antropológicos sobre a cultura material.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 244p.

MOTT, Luiz R.B. **Piauí colonial; população, economia e sociedade. Teresina: Projeto Petrônio Portela**, 1985. 144p.

NEVES, W. A.; BERNARDO, D. V.; OKUMURA, M.; ALMEIDA, T. F. de; STRAUSS, A. M. **Origem e dispersão dos Tupiguarani: o que diz a morfologia craniana?** Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 6, n. 1, p. 95-122, jan.-abr. 2011.

NEUMANN, M. A. **Por Uma Arqueologia Simétrica.** Cadernos do LEPAARQ – Textos de Antropologia, Arqueologia e Patrimônio. V. V, nº9/10. Pelotas, RS: Editora da UFPEL. Ago/Dez 2008.

NOELLI, F. S. **Sem tekohá não há teko. Em busca de um modelo etnoarqueológico da aldeia e subsistência Guarani e suas aplicações a uma área de domínio do delta do rio Jacuí, Rio Grande do Sul.** Dissertação de mestrado. Porto Alegre. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 1993.

NOELLI, F. **As hipóteses sobre o centro de origem e rotas de expansão dos Tupi.** Revista de Antropologia, v.2. nº.39. p.7-53. 1996.

OLIVEIRA, A. S. de N. **O povoamento colonial do Sudeste do Piauí: indígenas e colonizadores, conflitos e resistência.** Recife, 2007.

OLIVEIRA, C. A. **Perspectiva Etno-histórica no Estado do Piauí – Brasil.** Clio Arqueológica, 2002. Pg. 171-188.

OLIVEIRA, E. **Potes que encantam: estilo e agência na cerâmica policroma da Amazônia Central.** Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia – MAE, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2016.

PFaffenberger, B. **Of Social Anthropology Technology.** Annual Review of Anthropology, 1992 21:491-516.

PRONAPA. **Arqueologia brasileira em 1968. Um relatório preliminar sobre o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas.** Publicações Avulsas. Belém, 1969.

PROUS, A. **Arqueologia Brasileira.** Brasília: Editora da Universidade de Brasília. 1992

PROUS, A.; **A Pintura Tupiguarani em cerâmica.** Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, Suplemento 8: 11-20, 2009.

PROUS, A.; **A pintura na cerâmica Tupiguarani.** In: PROUS, A.; LIMA, T. A. (Ed.). Os ceramistas Tupiguarani. Volume II – Elementos decorativos. Belo Horizonte: Sigma, p.113-216, 2010a.

PROUS, A.; LIMA, T.A. (org.) **Os ceramistas Tupiguarani – Volume I: sínteses regionais.** Belo Horizonte: Sigma, 2008.

PROUS, A.; LIMA, T.A. (org.) **Os ceramistas Tupiguarani – Volume II: elementos decorativos.** Belo Horizonte: Sigma, 2010a.

PROUS, A.; LIMA, T.A. (org.) **Os ceramistas Tupiguarani – Volume III: eixos temáticos.** Belo Horizonte: Sigma, 2010b.

RELATÓRIO de resgate, monitoramento arqueológico e educação patrimonial da área de instalação da central eólica brite. A.B.C, 2017.

RELATÓRIO de resgate, monitoramento arqueológico e educação patrimonial da área de instalação da central eólica Notus. A.B.C, 2016.

RELATÓRIO de diagnóstico e prospecção na área de instalação da central eólica Notus. A.B.C, 2014.

REZENDE, J. F. da S. **Sobre a continuidade e mudança no âmbito da Teoria Arqueológica.** RHAA 18, 2012.

SCATAMACCHIA, M.C; **A tradição policrômica no leste da América do Sul evidenciada pela ocupação Guraraní e Tupinambá: fontes arqueológicas e etno-históricas.** Tese de doutorado em Antropologia Social (Arqueologia). São Paulo, USP, 1990.

SENA, V.K. **Caracterização do padrão de assentamento dos grupos ceramistas do semiárido pernambucano: um estudo de caso dos sítios arqueológicos de Araripina – PE.** Dissertação (mestrado em Arqueologia), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

SILVA, F. **As Tecnologias e seus significados: um estudo da cerâmica dos Asuriní do Xingu e da cestaria dos Kayapó-Xikrin sob uma perspectiva etnoarqueológica.** 2000. Tese de Doutorado. São Paulo. Universidade de São Paulo. 244 p.

SILVA, F. NOELLI, F. **Arqueologia e Linguística: construindo as trajetórias Histórico-culturalistas dos povos Tupí.** Revista crítica e sociedade: Crítica Política, Uberlândia, v. 7, nº 1, 2017.

LUNA, S.; NASCIMENTO, A. **Procedimentos para análise da cerâmica arqueológica.** Revista Clio, Série Arqueológica, n. 10, 1994.

SALGADO, A. A. R; MARTINS, F. P. **Chapadas do Brasil: abordagem científica e conceitual** in Revista brasileira de geomorfologia, v.17 n. 1 disponível em <http://dx.doi.org/10.20502/rbg.v17i1.806> acessado em 18/03/2018.

http://www.academia.edu/35357178/Pesquisas_Arqueol%C3%B3gicas_na_Por%C3%A7%C3%A3o_Piauiense_da_Chapada_do_Araripe.pdf

<https://arqueologiaeprehistoria.com/subareas-da-arqueologia/arqueologia-de-contrato-ou-preventiva/> acessado em 14/02/2018

https://labmus.emac.ufg.br/up/988/o/ELIAS__Norbert._Os_estabelecidos_e_os_outsiders.pdf acessado em janeiro de 2018.

https://www.labeurb.unicamp.br/elb/historia_nocoos/nota_geral_grafia_indigena.htm acessado em maio de 2018.

<https://www3.ufpe.br/cliuarq/images/documentos/2003-N16/2003a4.pdf>

APÊNDICES

APÊNDICE –A –Tabela de municípios com Sítios Arqueológicos no Estado do Piauí.

Municípios com sítios pré colonial	Quantidade de sítios pré-coloniais	Municípios com sítios pré-coloniais com presença de cerâmica	Municípios com sítios pré-colonial que faz filiação aos Povos Tupi	Obs.
Coronel José Dias	339	23	2	
Picos	3	1	0	
São Raimundo Nonato	137	10	0	
Palmeirais	9	0	0	
Benedictinos	3	0	0	
Cocal	1	0	0	
Castelo do Piauí	23	0	0	
Batalha	12	0	0	
Buriti dos Lopes	2	0	0	
Piracuruca	46	0	0	
Campo Maior	7	0	0	
São José do Piauí	6	0	0	
Piripiri	20	0	0	
São Miguel do Tapuio	11	2	0	Urna decorada
Valença do Piauí	13	0	0	
Demerval Lobão	1	0	0	
Pedro II	16	1	0	
João Costa	133	8	0	
Brejo do Piauí	133	4	0	
Cajueiro da Praia	58	38	0	
Parnaíba	3	2	0	
Várzea Grande	1	1	0	
Campinas do Piauí	1	0	0	
Simplício Mendes	1	0	0	
Santa cruz do Piauí	2	0	0	
Santo Inácio do Piauí	1	0	0	
Oeiras	2	0	0	
Ipiranga do Piauí	2	0	0	
Don Expedito Lopes	4	0	0	

São Miguel da Baixa Grande	1	0	0	
Santa Cruz dos Milagres	2	0	0	
Caracol	26	4	0	
Dom Inocêncio	2	0	0	
São Felix do Piauí	1	0	0	
Capitão de Campos	2	0	0	
Caxingó	20	1	0	
Guaribas	124	6	0	
Assunção do Piauí	11	0	0	
Bom Princípio do Piauí	10	0	0	
Jurema	26			
Novo Oriente	2	1	0	
Sussuapara	3	1	0	
Santo Antônio de Lisboa	1	0	0	
Bonfim do Piauí	15	2	0	Aparece 37 no CNSA porém são repetitivos
Buriti dos Montes	2	0	0	
Corrente	1	0	0	
Cristino Castro	14			
Pimenteiras	6	0	0	
Curimatá	14	2	0	
Lagoa de São Francisco	3	1	0	
Teresina	14	1	1	
São Lourenço	1	0	0	
Sebastião Leal	3	1	0	
São Braz	63	6	0	
Pajeú	2	0	0	
Avelino Lopes	5	3	0	
Bom Jesus	10	0	0	
Ribeira do Piauí	3	0	0	
Santa Luz	2	0	0	
São Gonçalo do Gurgueia	1	0	0	
Bertolândia	1	0	0	
Juazeiro do Piauí	3	0	0	
Alto Longá	3	0	0	
Santa Filomena	3	1	0	

Várzea Branca	2	0	0	
Capitão Gervásio Oliveira	5	1	0	
Lagoa do Barro do Piauí	2	0	0	
Monsenhor Gil	3	0	0	
Elesbão Veloso	12	0	0	
Hugo Napoleão	3	0	0	
Massapê do Piauí	4	0	0	
Uruçuí	3	0	0	
Porto Alegre do Piauí	2	0	0	
Guadalupe	3	0	0	
Antônio Almeida	3	0	0	
Itaueira	1	1	0	
Curral Novo do Piauí	13	1	1	
Tamboril do Piauí	1	0	0	
Bocaina	3	0	0	
Gilbués	9			
Paranaguá	2	0	0	
Monte Alegre do Piauí	5	0	0	
Riacho Frio	3	1	0	
Paulistana	1	0	0	
Caldeirão Grande do Piauí	10	10	9	
Redenção do Gurgueia	6	0	0	
Colônia do Gurgueia	1	0	0	
Eliseu Martins	1	0	0	
Alvorada do Gurgueia	1	0	0	
Simões	7	3	3	
Marcolândia	4	3	3	
Geminiano	4	3	0	
Jaicós	1	0	0	
Padre Marcos	1	0	0	
Belém do Piauí	2	0	0	
São João do Piauí	19	3	0	

APÊNDICIE - B- Formas das cerâmicas reconstituídas hipoteticamente em 3D com análise de volume.

Imagem 1- Forma 1

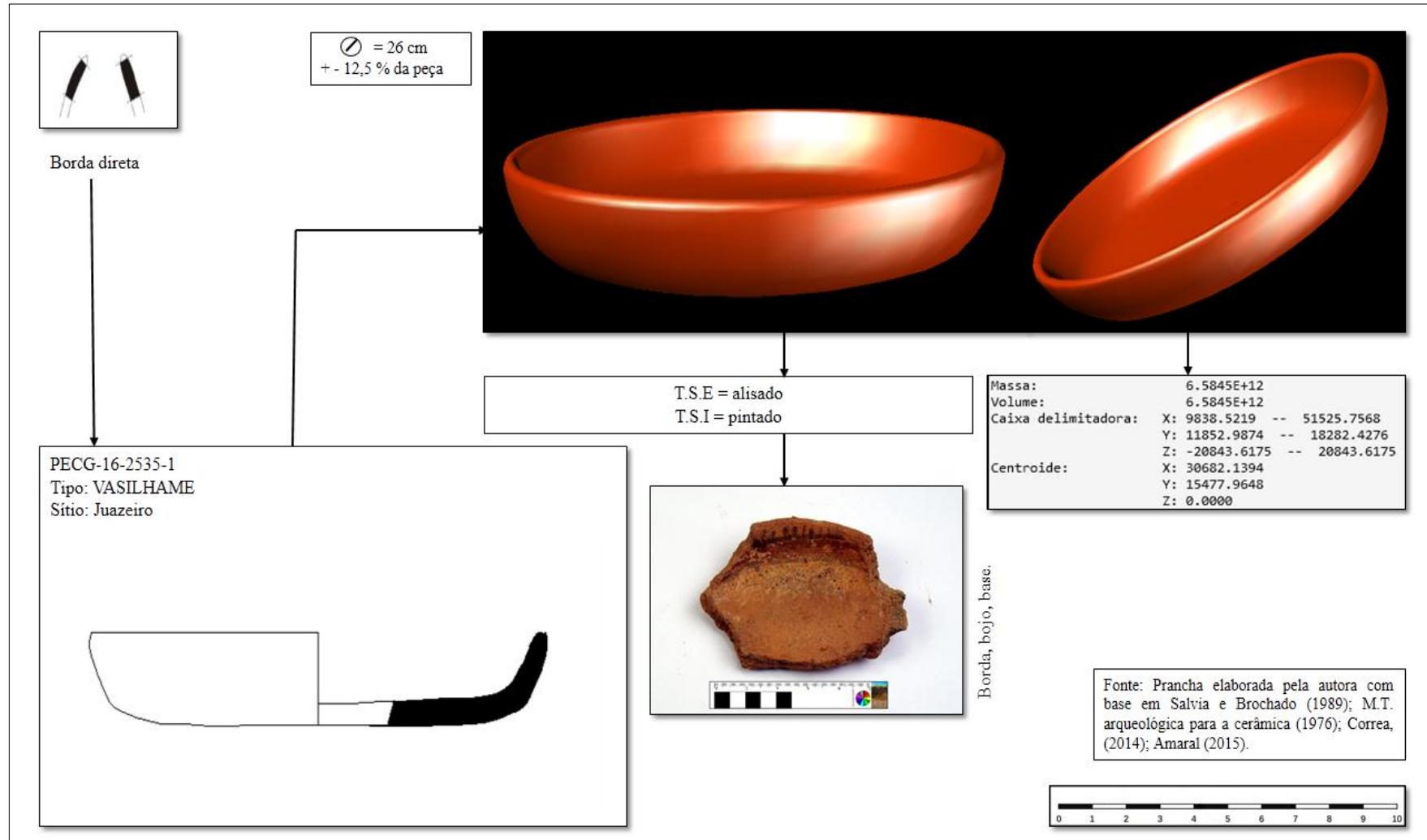


Imagem 2- Forma 1

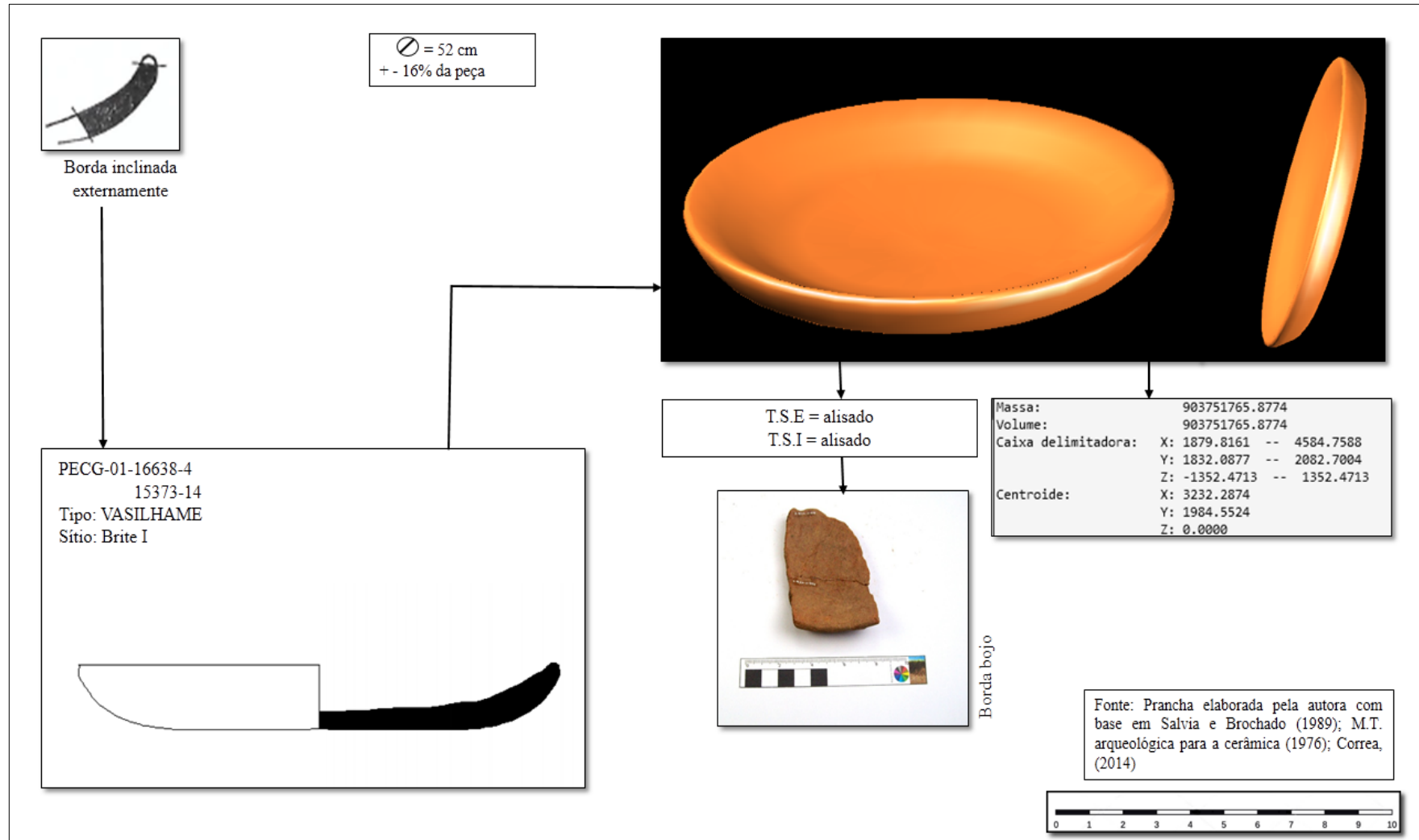


Imagem 3- Forma 1

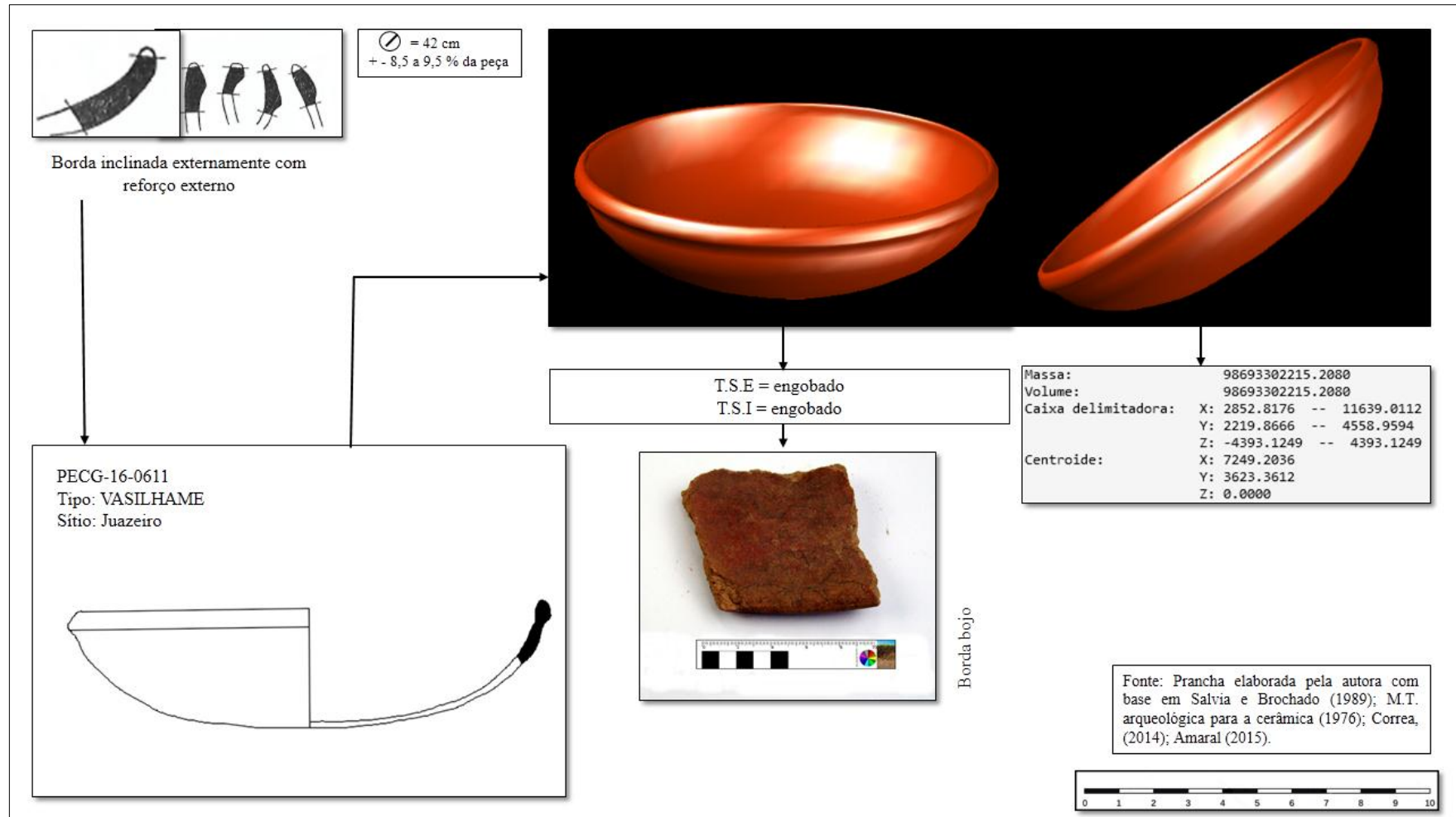


Imagem 4 - Forma 1

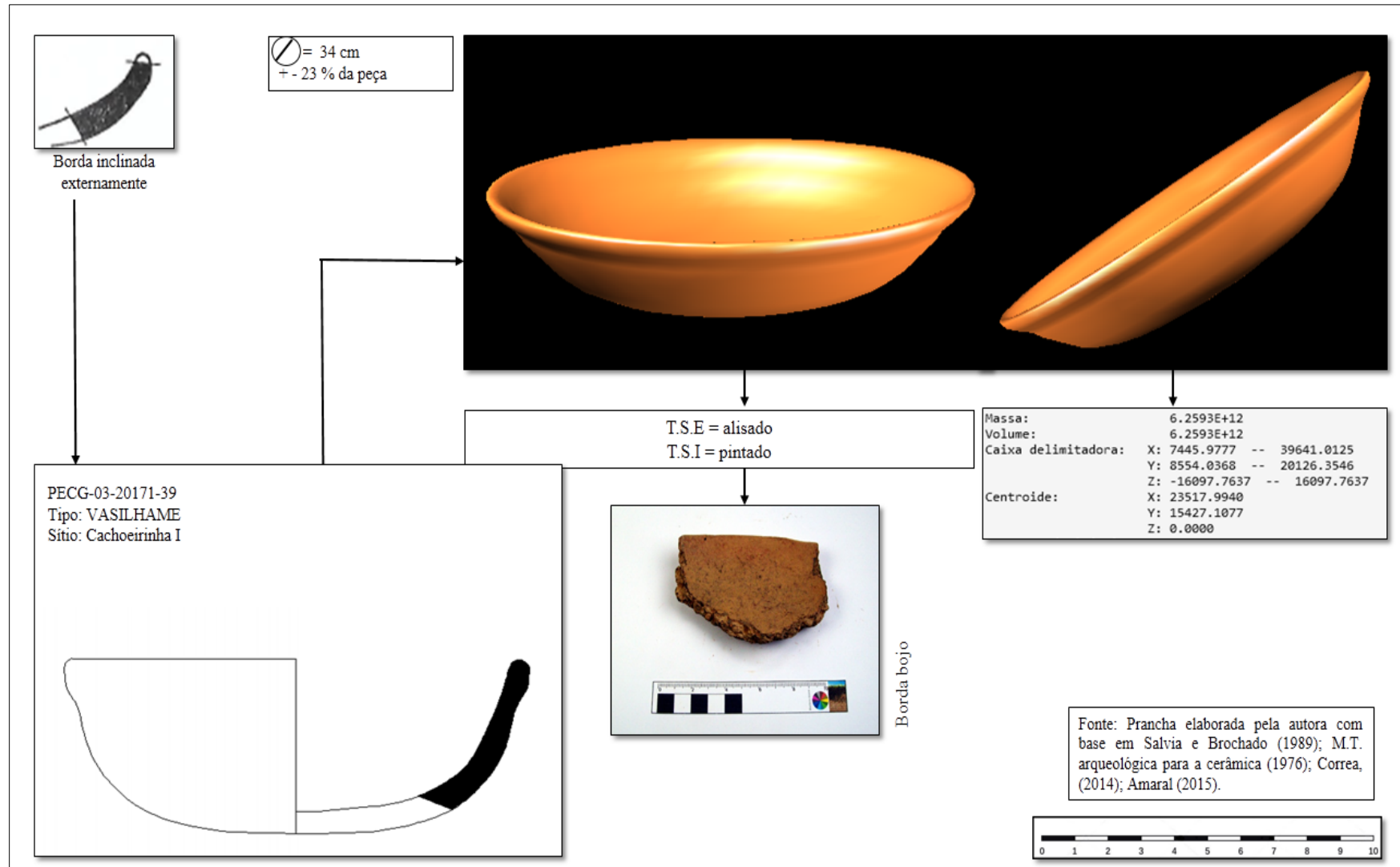


Imagem 5- Forma 1

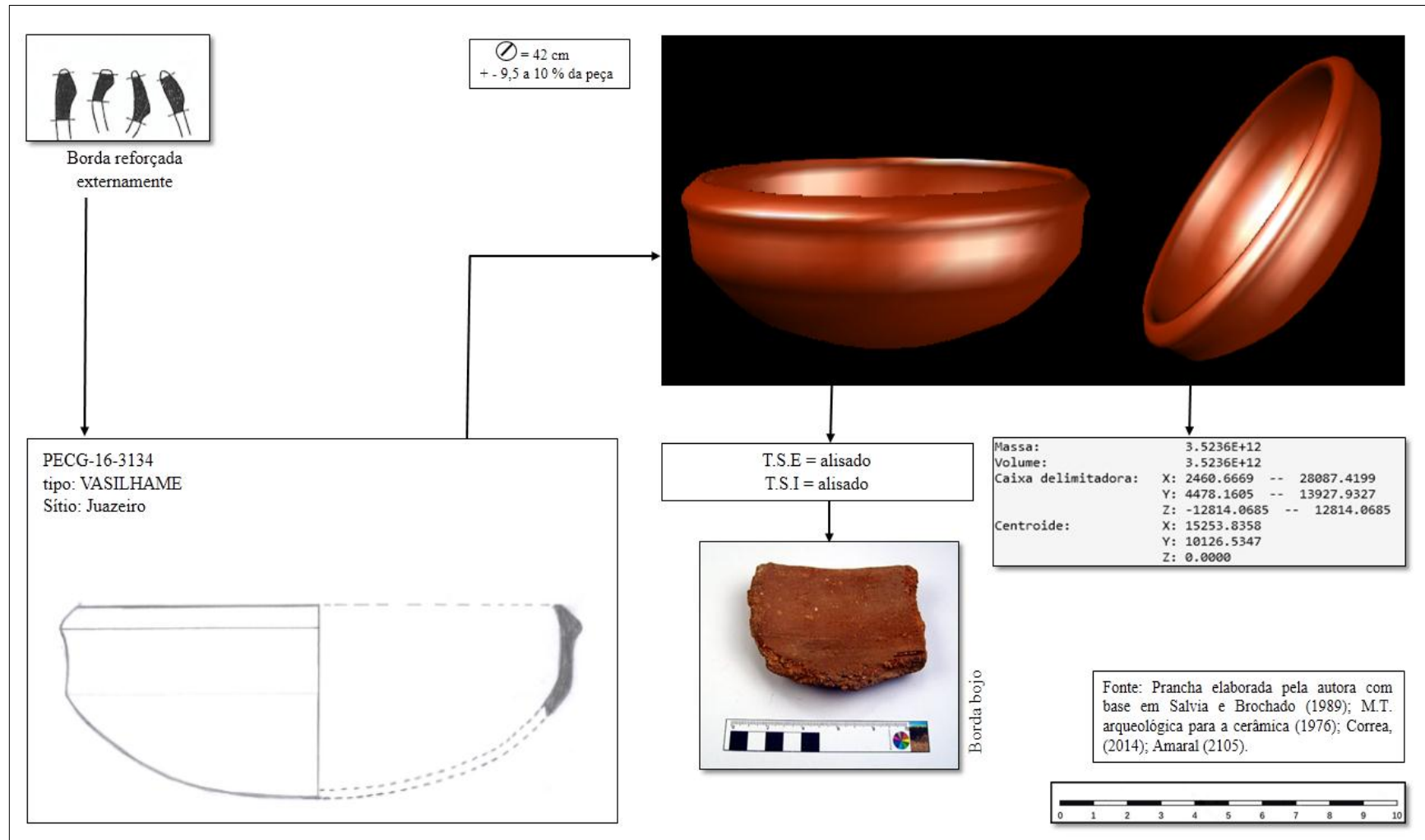


Imagem 6 - Forma 2

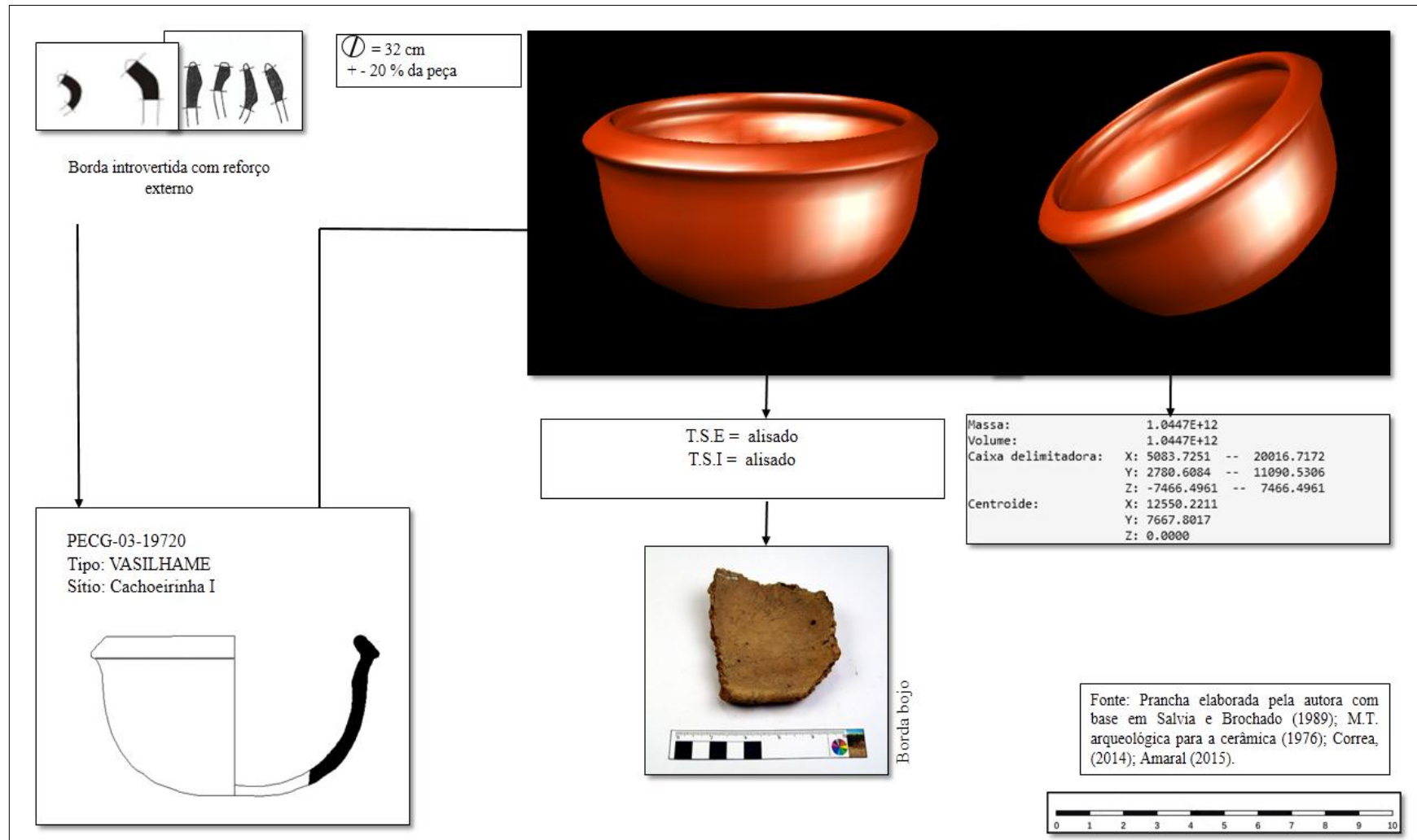


Imagem 7 - Forma 3

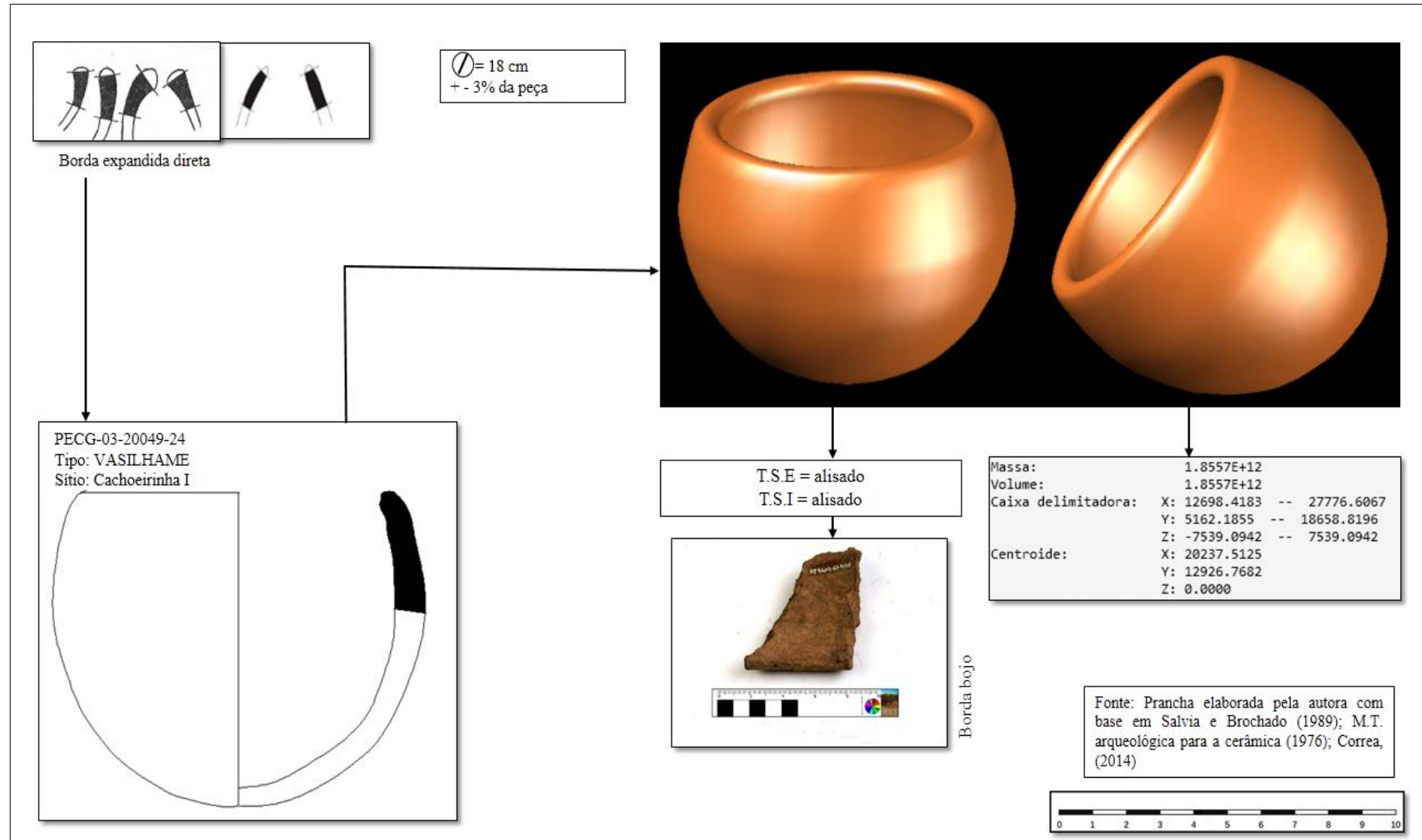


Figura 1 Imagem 8 - Forma 4

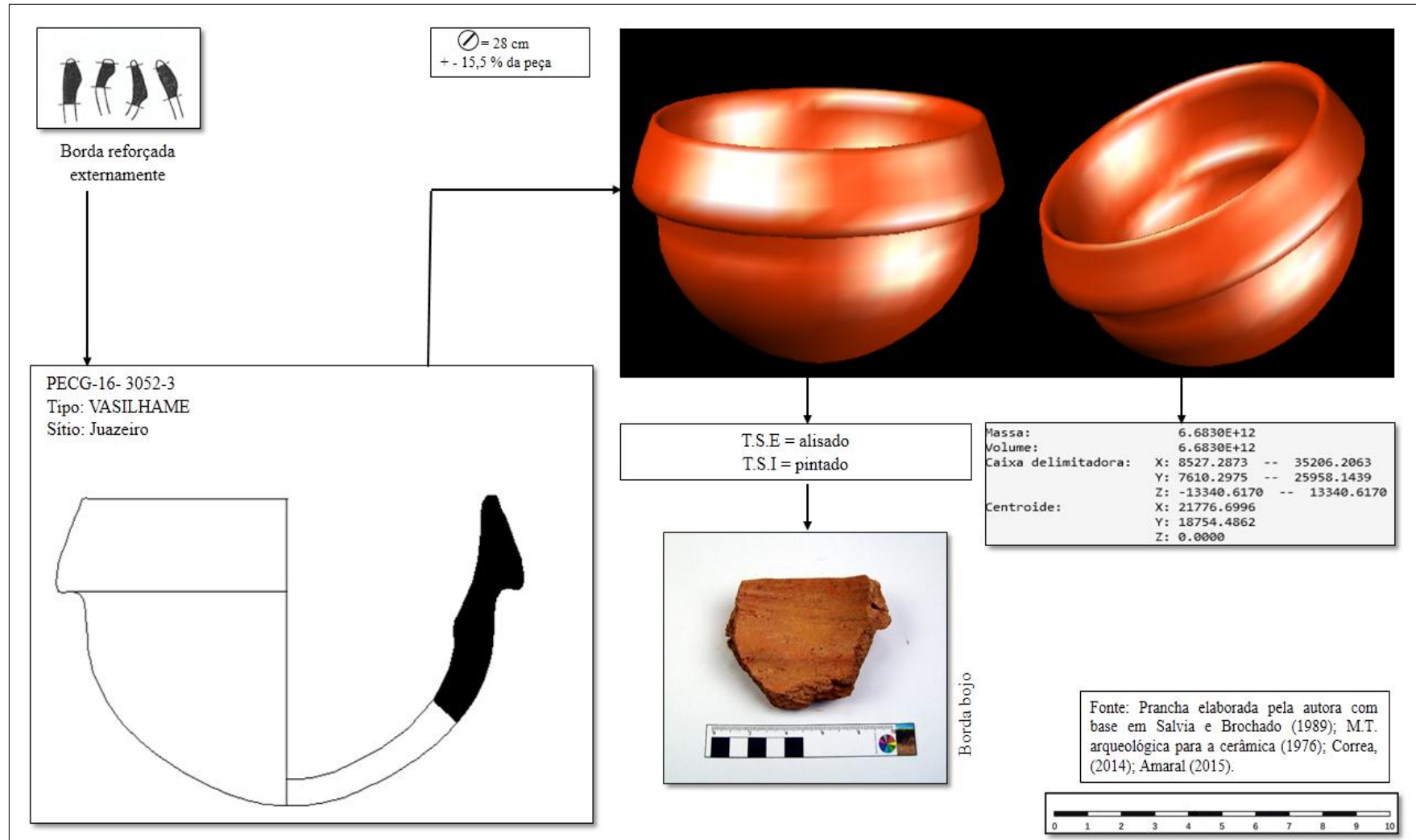


Imagem 9 - Forma 4

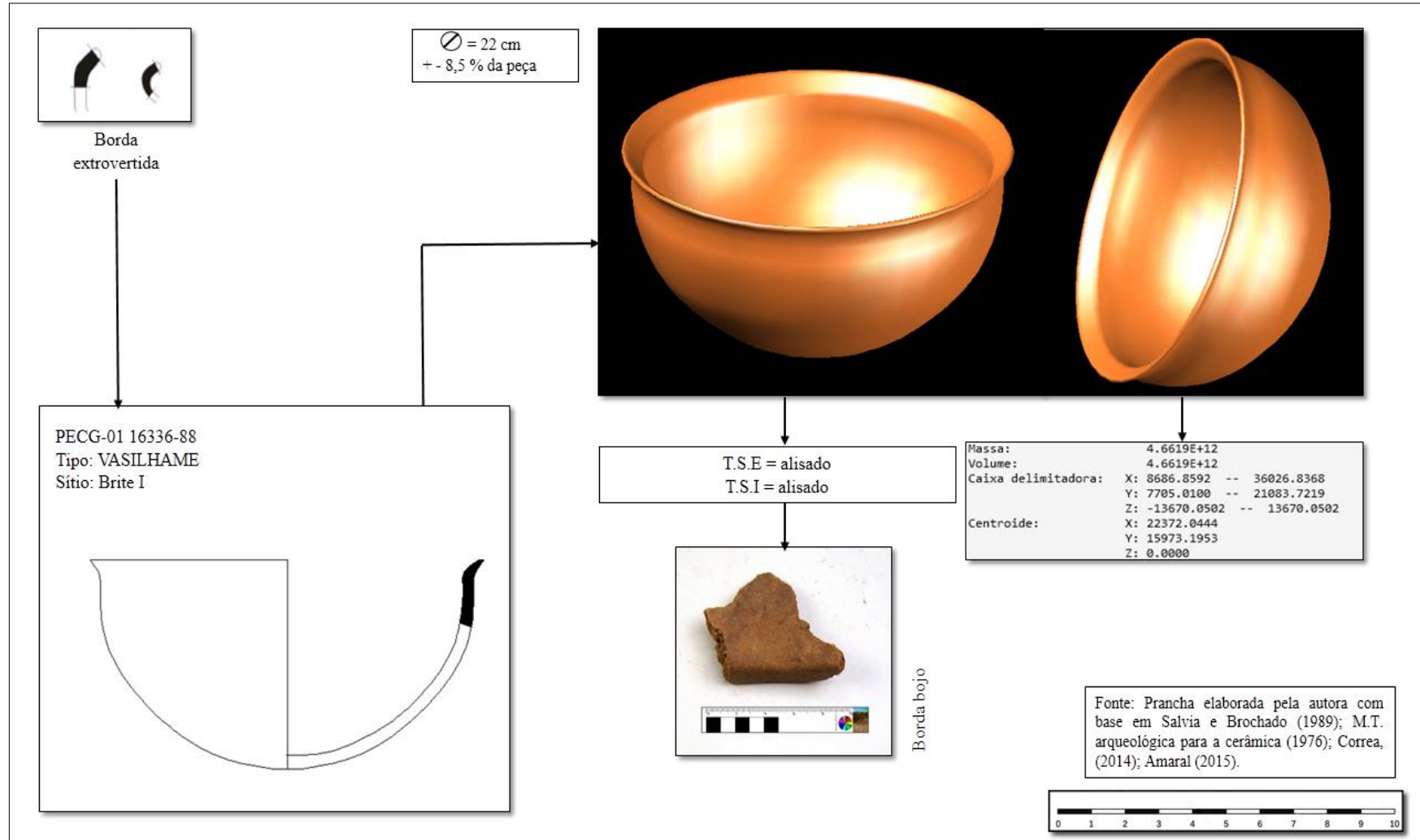


Imagem 10 - Forma 5

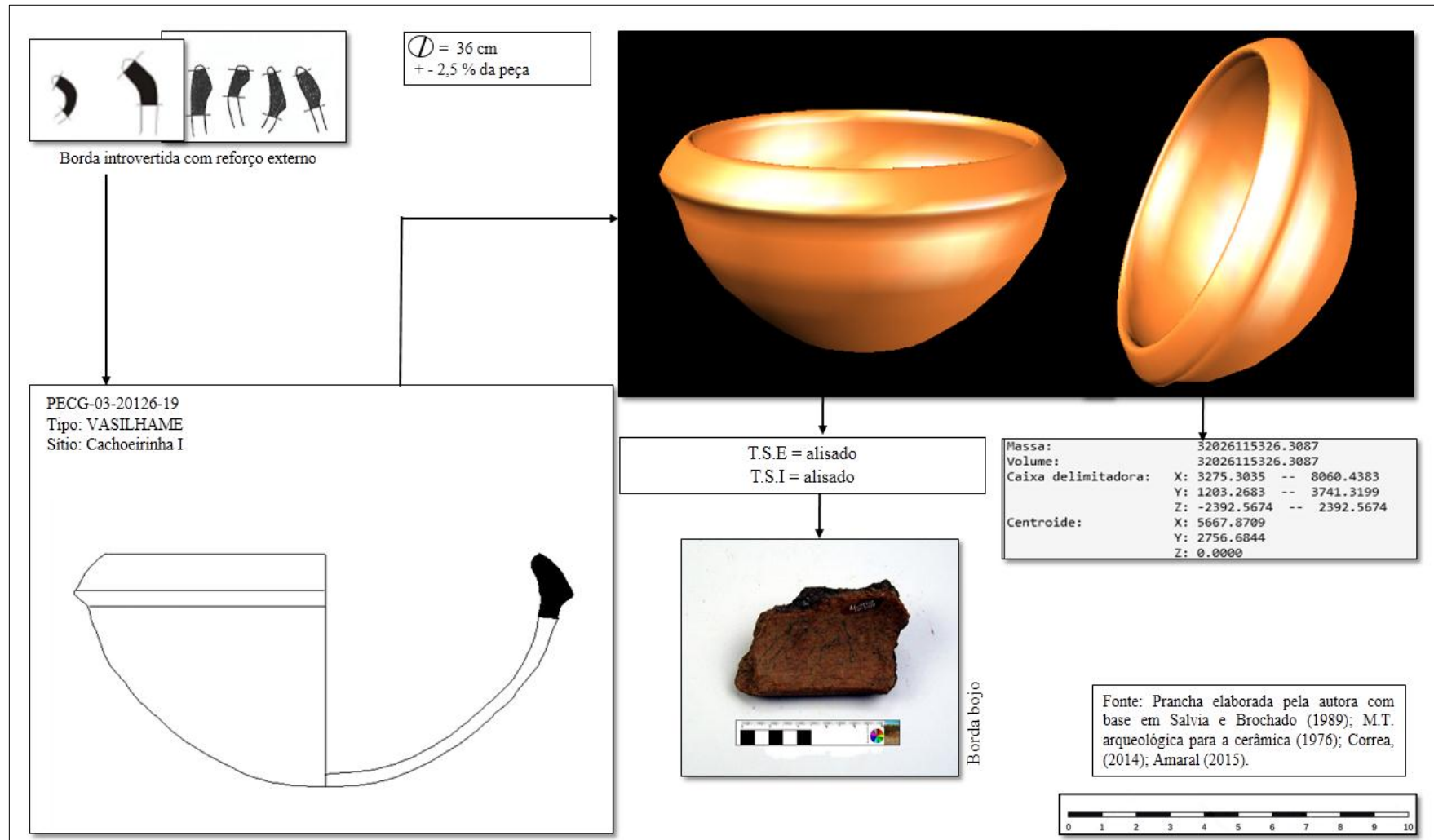


Imagem 11 - Forma 6

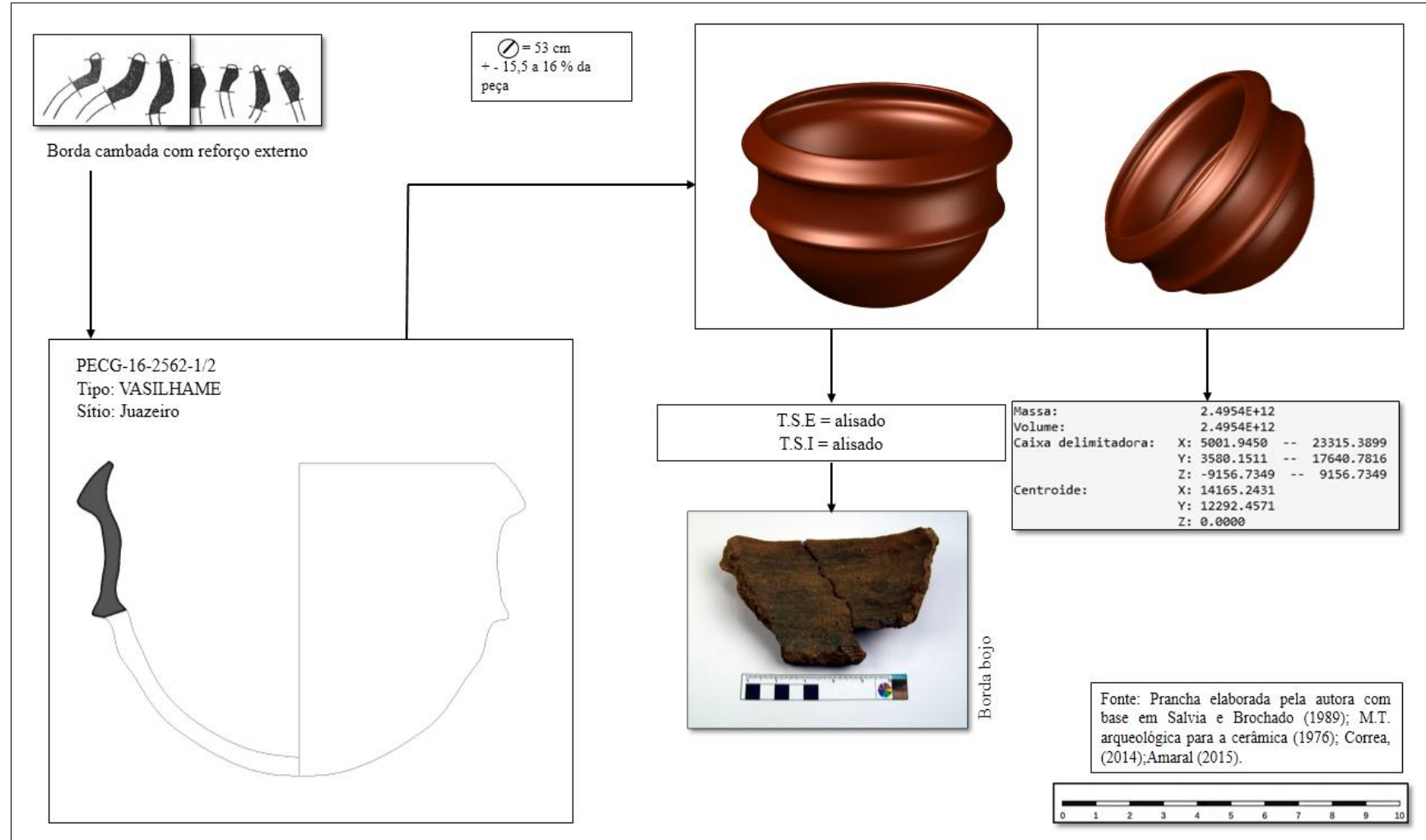


Imagem 12 - Forma 7

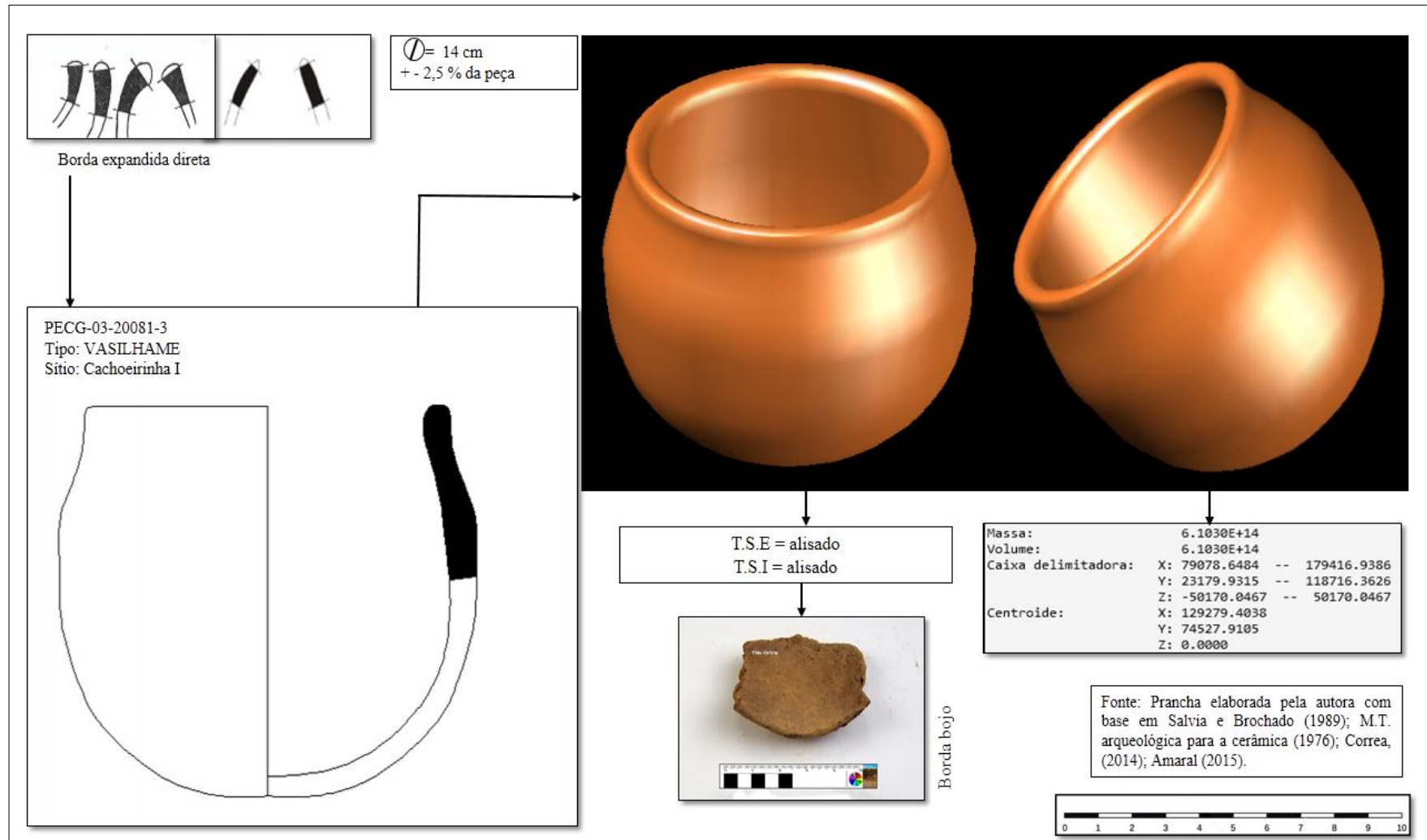


Imagem 13 - Forma 8

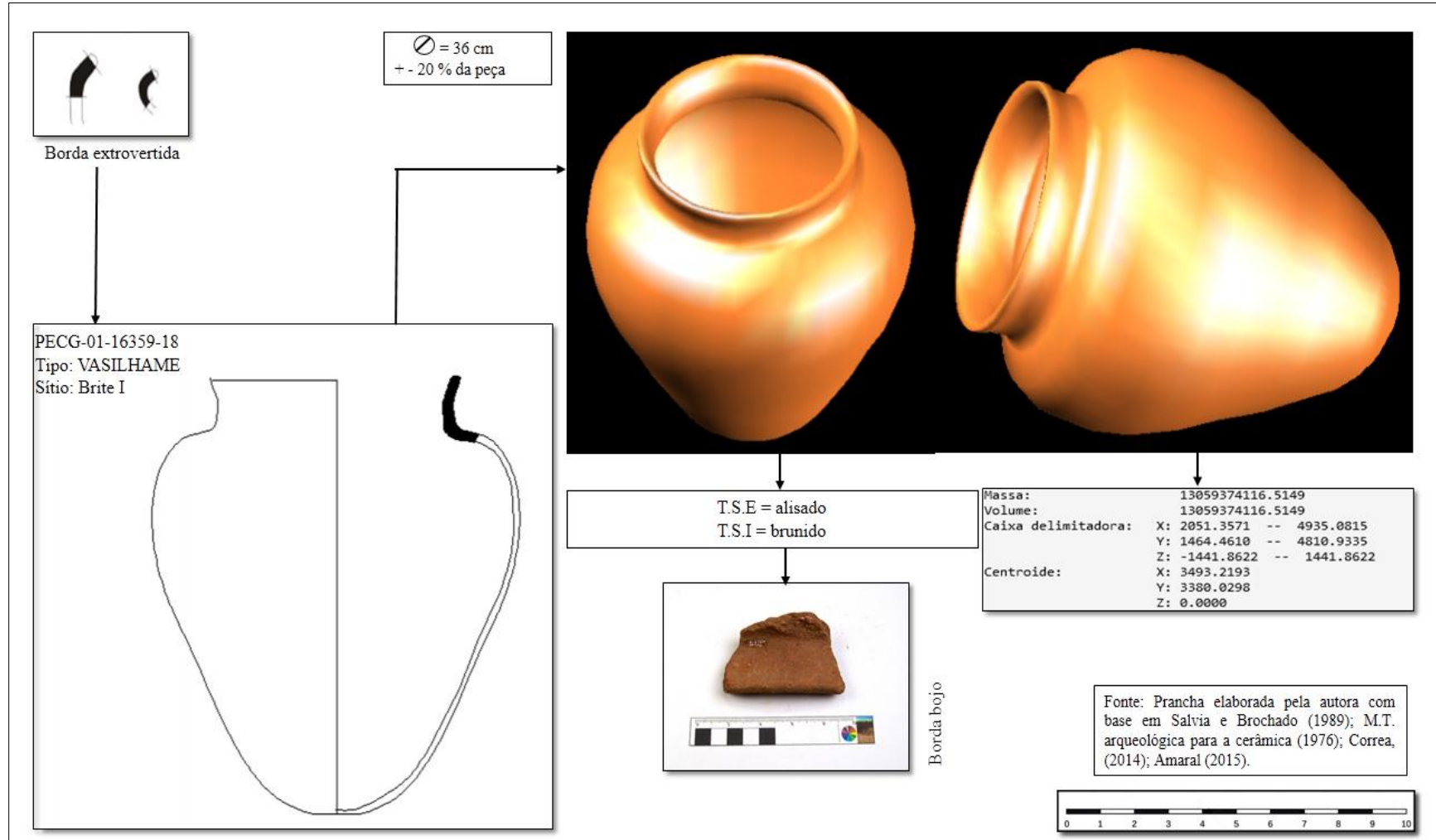


Imagem 14 - Forma 8

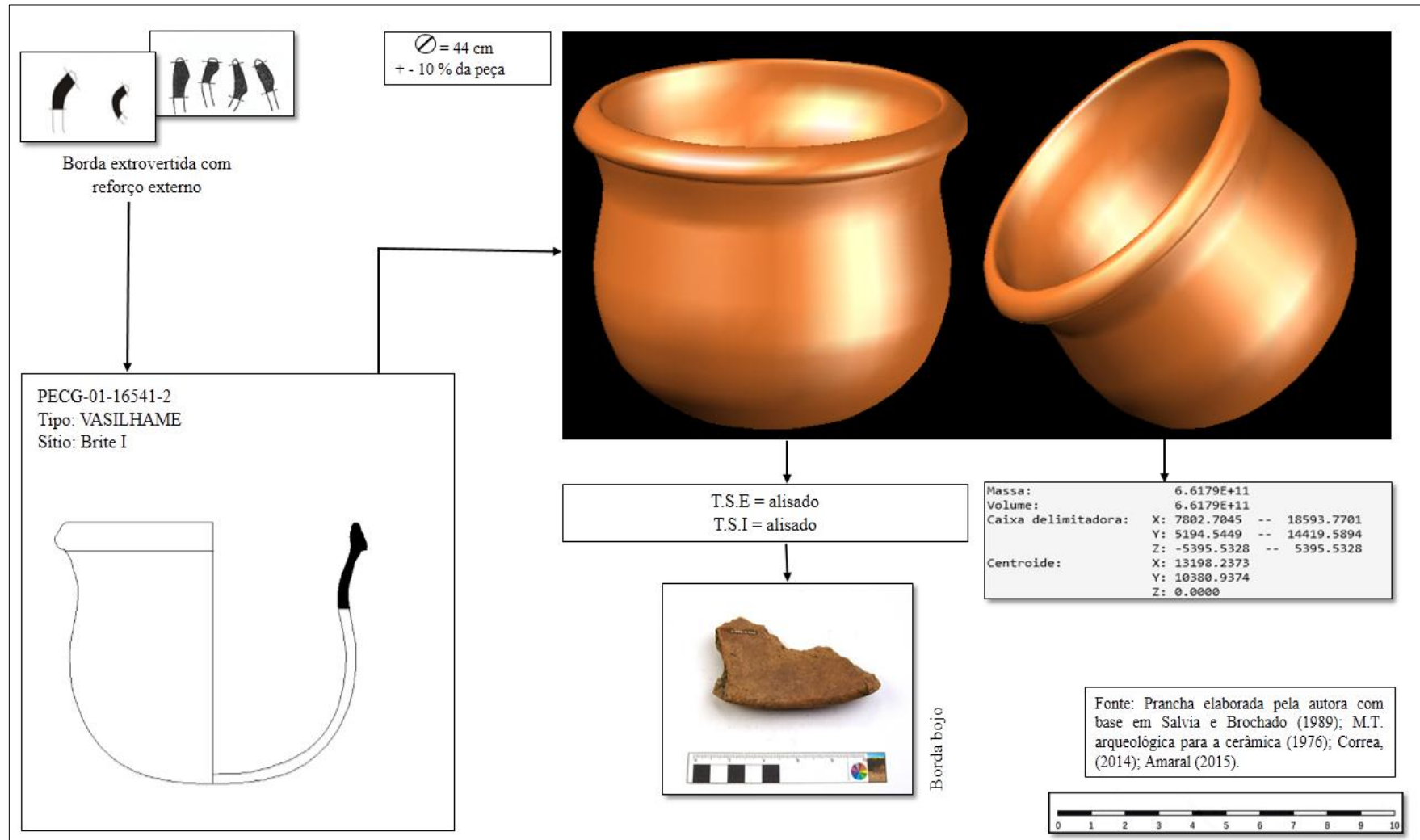


Imagem 15 - Forma 9

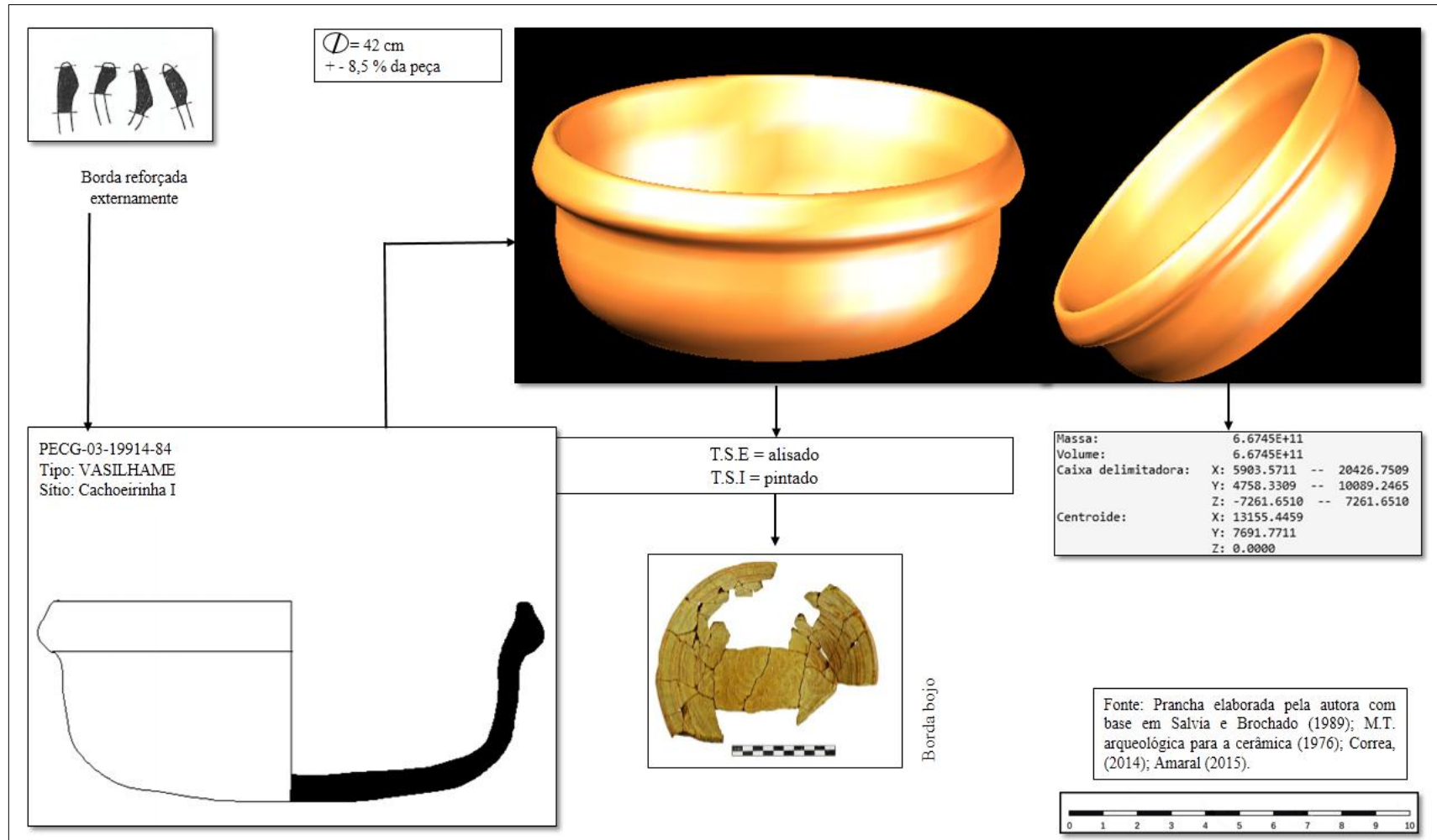


Imagem 16 - Forma 10 - possivelmente quadrangular

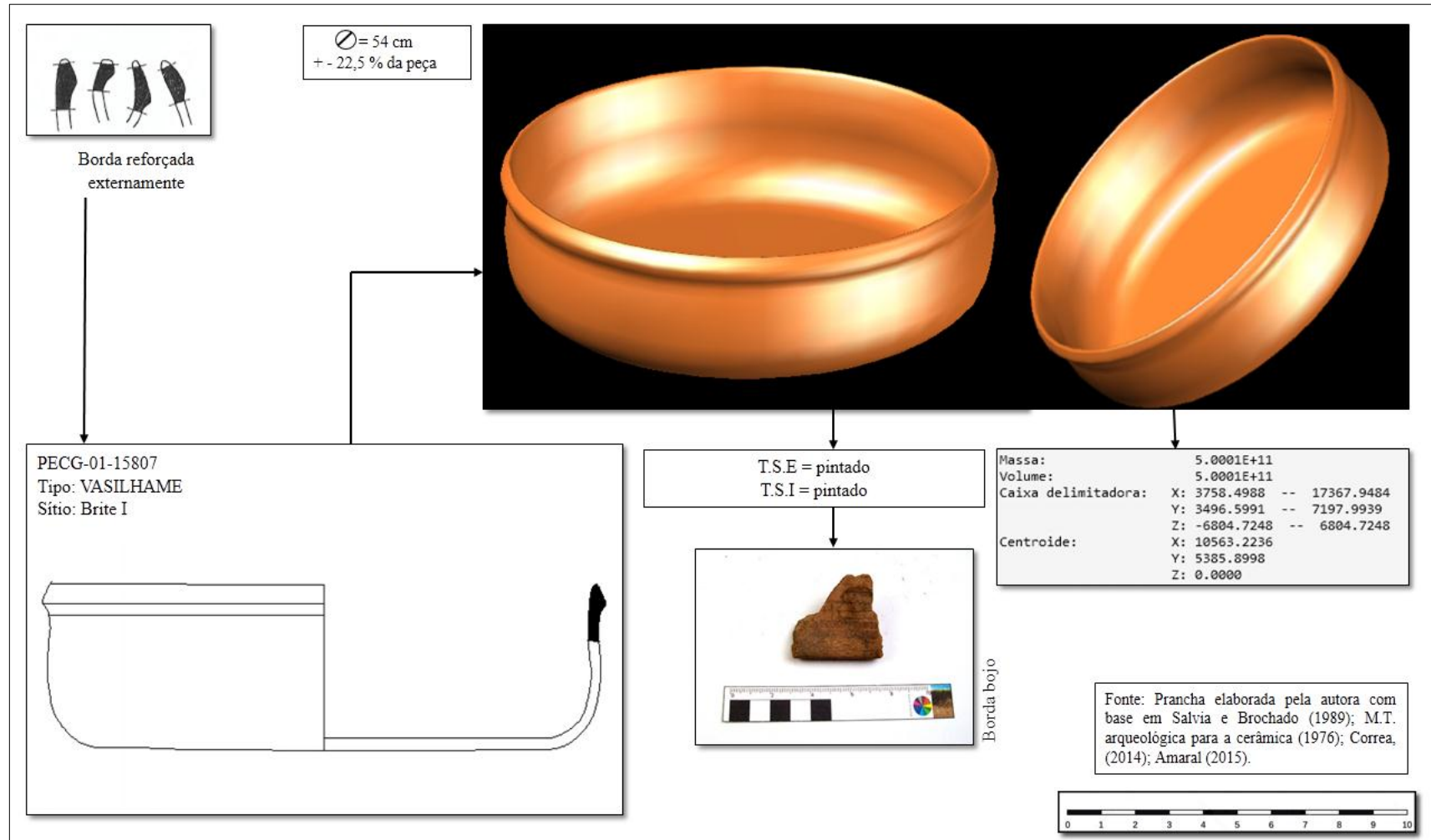
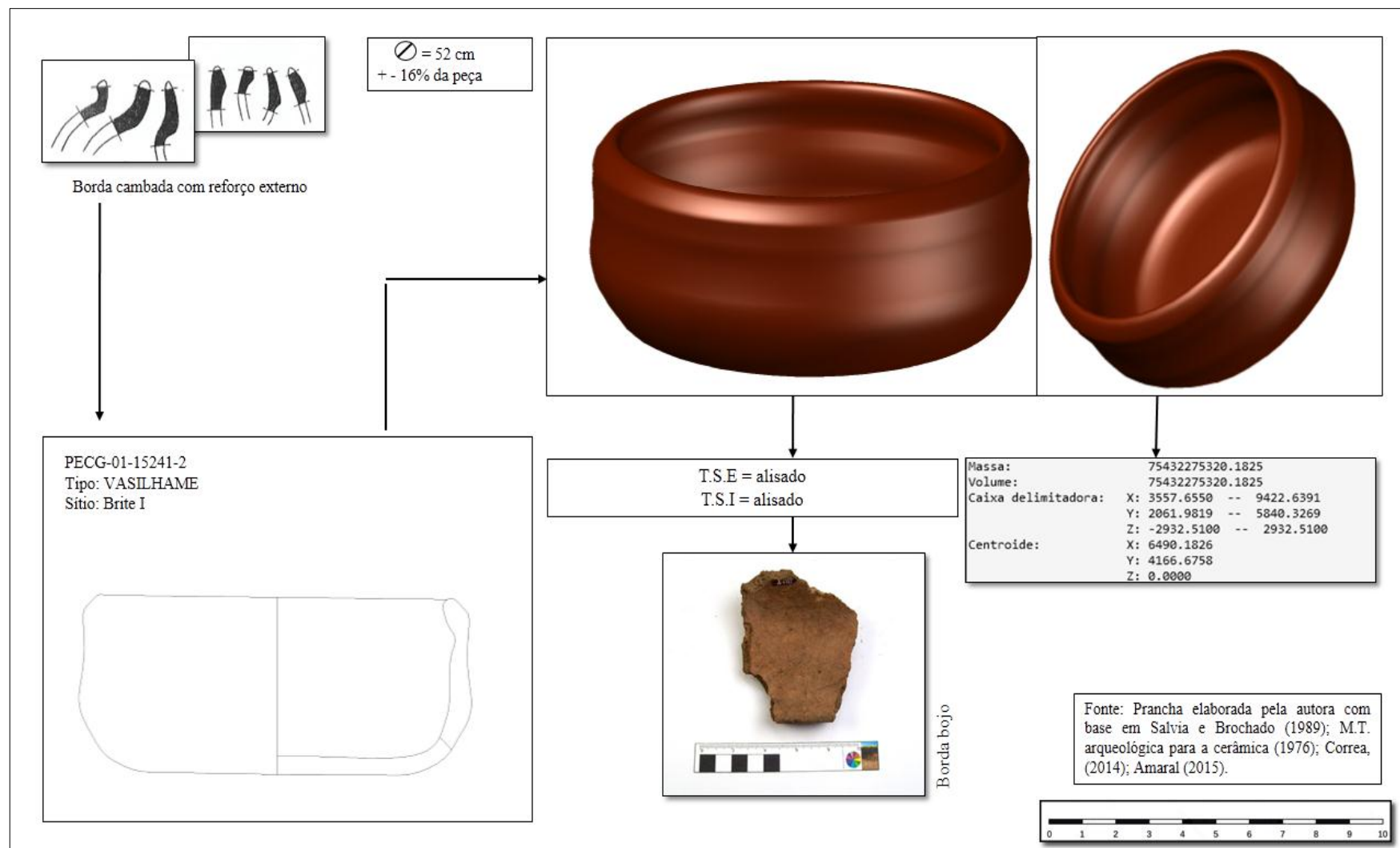
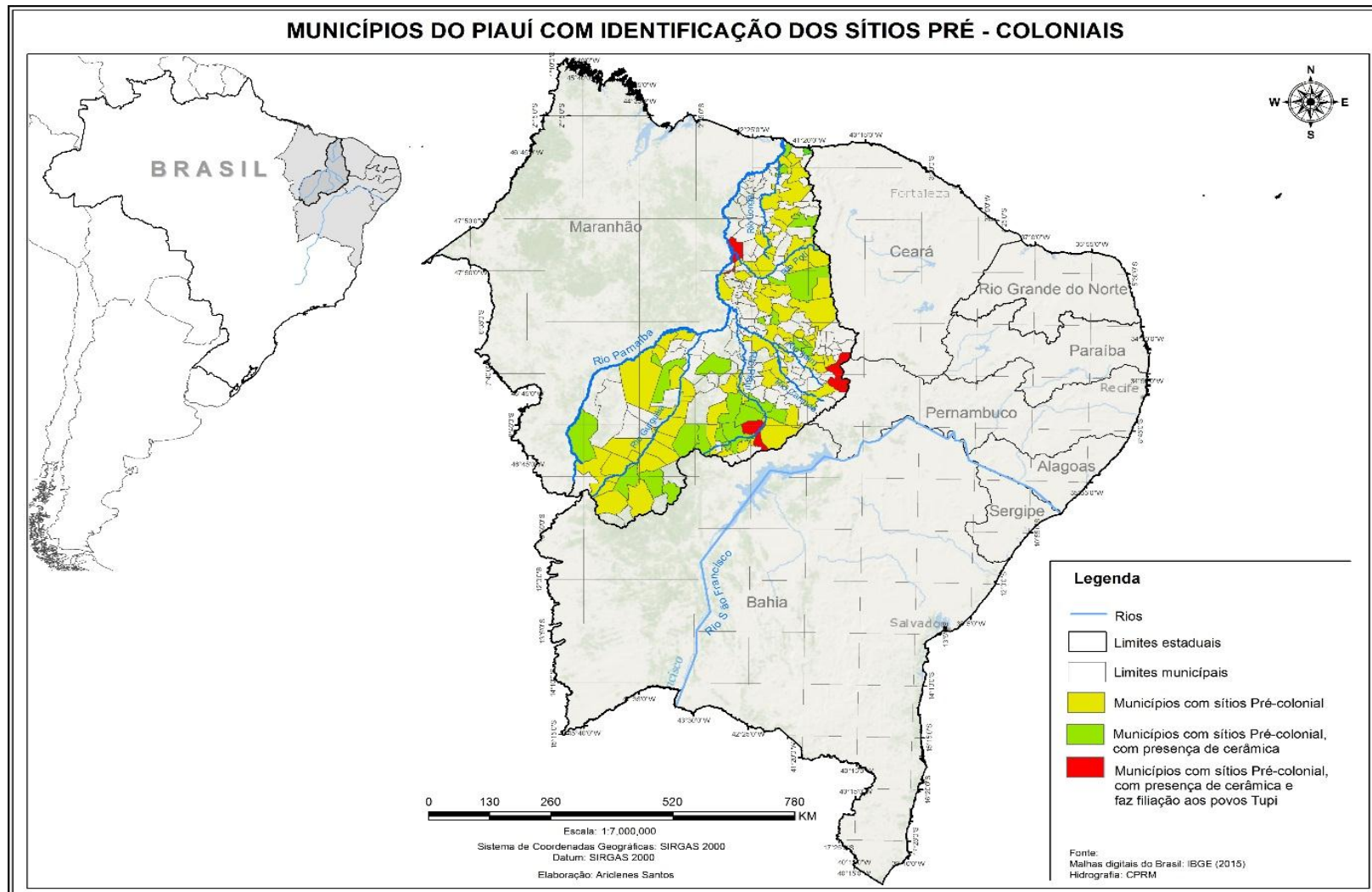


Imagem 17 - Forma 10 - possivelmente quadrangular



ANEXOS

Anexo – 1 – Mapa com os sítios arqueológicos pré-coloniais no Estado do Piauí



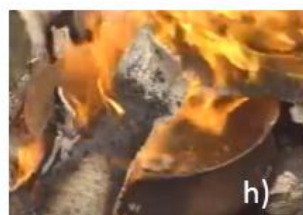
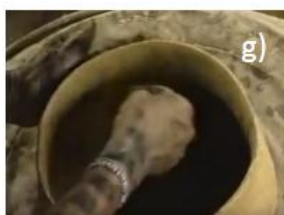
Fonte: Elaborado por Santos, 2018

ANEXO – 3 – Tabela dos 8 sítios arqueológicos com coisas que apresentam características que remetem a populações Tupi.

Sítios Arqueológicos	Coordenadas	Datum
Sítio Arqueológico Juazeiro	UTM: 24M 326225 / 9188448	WGS 84
Sítio Arqueológico Caboclo II	UTM: 24M 326272.00 / 9188720.00	WGS 84
Sítio Arqueológico Cachoeirinha I	UTM 24M 328936.00 / 9191698.00	WGS 84
Sítio arqueológico Cachoeirinha II	❖	
Sítio Arqueológico Brite I	UTM 24M 328987.00 / 9191884.00	WGS 84
Sítio Arqueológico Brite II	UTM: 24M 329170.00 / 9191967.00	WGS 84
Sítio Arqueológico da Viúva	❖	
Sítio Arqueológico Caminho Novo	UTM: 24M 324100.00 / 9187800.00	WGS 84

❖ UTM não identificadas

ANEXO - 4 - processos operacionais da produção da cerâmica



- a) Fonte de matéria-prima
- b) Retirada de matéria-prima
- c) Preparo da argila
- d) Produção de roletes
- e) Junção dos roletes

- f) Modelando a vasilha a partir da junção dos roletes;
- g) Processo de alisamento interno;
- h) Queima a fogo aberto;
- i) Banho com argila líquida após a queima;
- j) Processo de decoração externa;
- k) Brunindo com resina líquida a partir do fogo.

Fonte: retirada a partir do vídeo ritual da imagem: Arte Asuriní do Xingu - cerâmica disponível: https://www.youtube.com/watch?v=_RqPlomJF-4&t=292s

Fonte: retirada a partir do vídeo ritual da imagem: Arte Asuriní do Xingu – cerâmica: disponível: https://www.youtube.com/watch?v=_RqPlomJF-4&t=292s